

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O Colégio Técnico de Limeira e o
Movimento da Matemática Moderna:
uma paisagem

MURILO FRANÇA TABOSA

Faculdade de Educação
Campinas
2010

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Tabosa, Murilo França.
T114m O Colégio Técnico de Limeira e o Movimento da Matemática Moderna: uma
paisagem / Murilo França Tabosa. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador : Maria Ângela Miorim.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Colégio Técnico de Limeira. 2. Ensino técnico. 3. Matemática moderna. 4.
Historia oral. I. Miorim, Maria Ângela. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

09-373/BFE

Título em inglês: The Limeira Technical School and the Modern Mathematics Movement: a view

Keywords: Limeira Technical School; Technical education; Modern Mathematics; Oral history

Área de concentração: Educação Matemática

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª. Drª. Maria Ângela Miorim (Orientadora)

Prof. Dr. Antônio Miguel

Profª. Drª. Gilda Lúcia Delgado de Souza

Profª. Drª. Arlete Jesus Brito

Profª. Drª. Dione Lucchesi de Carvalho

Data da defesa: 29/01/2010

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : murilo_tabosa@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O Colégio Técnico de Limeira e o
Movimento da Matemática Moderna:
uma paisagem

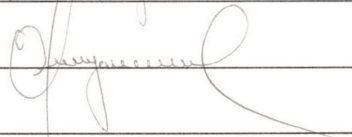
Autor: Murilo França Tabosa
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Ângela Miorim

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por
Murilo França Tabosa e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 29/01/2010

Assinatura: 
Maria Ângela Miorim

COMISSÃO JULGADORA:

Campinas
2010

Índice

Introdução	– 1
Apresentação	- 4
 Capítulo 1: Opções Metodológicas	 – 7
 Capítulo 2: A Matemática Moderna no Colégio Técnico de Limeira: vozes de professores	 – 13
2.1. Professor Manoel da Silva	- 13
2.2. Professor Edenilson Simões	- 33
2.3. Professor Agostinho Adam Júnior	- 46
2.4. Professor Antônio Vanderlei de Quintal	- 50
2.5. Professor Luiz Carlos Zacharias	- 60
 Capítulo 3: Colégio Técnico de Limeira e Matemática Moderna: entrelaçando histórias	 – 69
 Considerações Finais	 – 113
 Bibliografia	 – 117
 Anexos	 - 129
Anexo 1: Designação do Professor Edenilson.	- 130
Anexo 2: Grade Curricular do Curso Técnico de Mecânica	- 131
Anexo 3: Atas das Reuniões Pedagógicas	- 132
Anexo 4: Carta de Cessão do prof. Agostinho Adam Júnior	- 198
Anexo 5: Carta de Cessão do prof. Edenilson Simões	- 199
Anexo 6: Carta de Cessão do prof. Antonio Vanderlei de Quintal	- 200
Anexo 7: Carta de Cessão do prof. Manoel da Silva	- 201
Anexo 8: Carta de Cessão do prof. Luiz Carlos Zacharias	- 202

Resumo

O Colégio Técnico de Limeira (Cotil), da Universidade Estadual de Campinas, foi instalado em 1967, na cidade Limeira - SP, então grande pólo industrial na área de mecânica e metalurgia. Nesse mesmo período, de vigência do projeto político-econômico desenvolvimentista do regime militar e dos acordos MEC-USAID, temos em nosso país o fortalecimento de um movimento internacional para introdução de projetos inovadores do ensino de Matemática denominado “Movimento da Matemática Moderna”. Este trabalho tem como objetivo analisar como um grupo de professores que lecionaram no COTIL, nos primeiros vinte anos de seu funcionamento, percebeu os processos de transformação da instituição e se posicionou em relação ao Movimento de Matemática Moderna. Utilizando a História Oral como metodologia central da investigação, constituímos documentos escritos, a partir dos relatos orais, que foram complementados por outros documentos, tais como: atas de reuniões, diários de professores, planos de disciplina, livros didáticos, legislações educacionais, fotografias.

Palavras-chave: Educação Matemática; Cotil; Colégio Técnico; Matemática Moderna; História Oral

Abstract

The Technical College of Limeira (Cotil) as part of State University of Campinas started the activities in 1967 in Limeira –SP , at the time one of the greatest industrial areas for Mechanics and Metallurgy industry. At the same period that the country was under political and economic military regime bringing the incentives for strengthening of international movement for introduction of innovative projects in Mathematics teaching denominated as “Movement of Modern Mathematics”. This work has the objective to describe how a group of math teachers realized the transformation process at Cotil during the primary years and how these teachers had positioned themselves into the Movement of Modern Mathematics. To perform the analyzes, Oral History was established as main methodology for the investigation. Oral documents were used and complemented by other documents such as: minutes from teacher’s meetings, teacher’s daily records, textbooks, education legislations , photos and subject teaching programs.

Key Words: Mathematical Education; Cotil: Technical College; Modern Mathematics; Oral History

Introdução

A *Commission Internationale de L'Enseignement Mathématique* (CIEM)¹, criada durante a realização do 4º Congresso Internacional de Matemática, em Roma, pode ser considerada o primeiro fórum internacional de discussões sobre o ensino de matemática. Com a intenção declarada de constituir um estudo sobre a situação do ensino de matemática dos países participantes, os dirigentes da comissão iniciaram um processo de discussão sobre modernizações do ensino da disciplina, em particular para o curso secundário. Nesse processo, algumas mudanças no ensino de matemática começam a ocorrer em alguns países, dando início ao que seria denominado como o Primeiro Movimento de Modernização do Ensino de Matemática.

Desde a criação do CIEM, em 1908, até a década de 1950, quando são iniciadas as primeiras ações que culminariam com o surgimento do Movimento da Matemática Moderna, a população mundial passou por mudanças significativas em sua forma de viver e de pensar. Um dos motivos, senão o mais importante, é a experiência de duas guerras mundiais. Estas deixaram vestígios de sua violência por todo o século, nas sociedades européias e em todo o mundo pelas imagens trágicas, pelas histórias de medo e tensão dos sobreviventes e também pela quantidade de mortos.

No período do pós Segunda Guerra e Guerra Fria, os Estados Unidos, preocupados em ampliar o seu quadro de cientistas e pesquisadores nas áreas básicas, começam a investir em projetos de modernização do ensino de ciências e matemática para os níveis fundamental e médio.

Com o primeiro passo dado pelos russos na corrida espacial - o lançamento do satélite Sputnik, em 1957 - os Estados Unidos e os países europeus propõem um programa amplo para mudanças no ensino de matemática, que é iniciado com as “Conferências de Royamont-França e de Dubrovnick na Iugoslávia” (OLIVEIRA, 2008, p. 5).

¹ Também conhecida como IMUK - Internationale Mathematische Unterrichts Kommission.

Em nosso país, durante o período de vigência do projeto político-econômico desenvolvimentista do regime militar e dos acordos MEC-USAID, vivenciamos a implementação de projetos modernizadores no campo da educação. O ideário do Movimento da Matemática Moderna é discutido em congressos nacionais de ensino de matemática, em cursos especiais dirigidos a professores, em jornais, revistas e outros meios de comunicação. Livros didáticos são produzidos e experiências com a Matemática Moderna são realizadas, inicialmente em classes experimentais de escolas de nível ginásial e posteriormente em todas as séries.

O nosso primeiro contato com o Primeiro Movimento Internacional de Modernização do Ensino de Matemática e o Movimento da Matemática Moderna aconteceu durante o nosso curso de graduação em Matemática na Unicamp. Nas disciplinas de Fundamentos da Metodologia de Ensino da Matemática, estudávamos as mudanças ocorridas nesta disciplina nos diferentes níveis de escolarização, e as formas como o ensino brasileiro se apropriou dos ideários desses movimentos em reformas curriculares, livros didáticos, cursos de formação, etc. Concomitantemente, nas atividades docentes em uma escola particular da região de Campinas, vivenciávamos a implementação dos novos Parâmetros Curriculares Nacionais (os PCNs), convivendo com manifestações diferenciadas frente a essas orientações nacionais.

Essas duas experiências levaram-nos aos primeiros questionamentos sobre as mudanças no ensino de matemática. Por que tantas mudanças? As orientações atuais seriam importantes? Por quê? Para quem? Quais fatores eram determinantes para a introdução de novas propostas? Essas propostas chegariam a alterar o cotidiano das escolas? Como os professores se apropriavam das novas orientações?

Essas indagações acenavam para a importância da realização de estudos históricos. Os problemas, dúvidas do presente, articulavam-se a questões do passado. Serviam como um estopim para a busca de explicações históricas, despertando o nosso interesse por estudos dessa natureza, em particular por

aqueles que centrassem a sua atenção na forma como as propostas são apropriadas pelas instituições, por professores e alunos.

Elaboramos um projeto de investigação e iniciamos nosso curso de mestrado em Educação Matemática, na FE-Unicamp. Preocupados com as mudanças ocorridas no ensino de matemática no Brasil, iniciamos o levantamento e a leitura de diversos trabalhos que abordavam essa temática. Rapidamente, percebemos que a maior parte desses trabalhos explora a década de 1930, a Reforma Francisco Campos, ou a década de 1960, momento de fortalecimento das ações para a implantação do ideário do Movimento da Matemática Moderna no Brasil. Além disso, encontramos poucos estudos que tomam como objeto as escolas profissionalizantes.

O contato com os estudos históricos institucionais desenvolvidos por Antonio Henrique Pinto e Vitor Calandrelli, respectivamente, em escolas técnicas de Vitória (ES) e de Campinas (SP), bem como a nossa proximidade com o Colégio Técnico de Limeira (Cotil), apontaram-nos a possibilidade de tomar este colégio como objeto de nosso estudo. Algumas buscas documentais iniciais confirmavam a nossa opção.

O Colégio Técnico de Limeira (Cotil), vinculado à Universidade Estadual de Campinas, foi instalado em 1967, na cidade de Limeira – SP, importante centro industrial na área de mecânica e metalurgia. O Cotil inicia suas atividades em um momento de implantação de projetos modernizadores de matemática em escolas brasileiras e de vigência do projeto político-econômico desenvolvimentista do regime militar, que estabelecia parceria com o governo dos Estados Unidos, por meio dos acordos MEC-USAID, para a realização de mudanças educacionais, em particular na formação de profissionais para as indústrias.

Decidida a instituição objeto de nosso estudo e considerando as especificidades do ensino técnico naquele período, que tinha como maior objetivo preparar técnicos para as novas indústrias que estavam sendo instaladas no país, questionávamos de que forma a denominada Matemática Moderna poderia contribuir para uma melhor formação desse profissional. Esses

novos conhecimentos seriam necessários em alguma fase do processo de produção das fábricas e indústrias que contratavam os jovens formados pelo Cotel? Como a Matemática Moderna foi tratada na formação de futuros profissionais do setor industrial? Como a Matemática Moderna se relacionou com as áreas técnicas? Em que momento e de que forma ela começou a ser introduzida no Colégio Técnico de Limeira? De que forma a Matemática Moderna alterou a prática pedagógica desses professores?

Esses questionamentos conduziram à constituição do objetivo central de nossa investigação: **analisar como um grupo de professores que lecionaram no Cotel, nos primeiros vinte anos de seu funcionamento, percebeu os processos de transformação da instituição e como se posicionaram em relação ao Movimento de Matemática Moderna.**

O limite temporal superior de nossa investigação foi decidido em função de alguns fatores, em particular, por ser um momento de esgotamento das propostas modernizadoras e de introdução de novos projetos educacionais.

Em nosso estudo histórico, usamos a história oral como metodologia central de pesquisa. Através dessa metodologia, constituímos documentos, que foram complementados por outros documentos escritos de natureza diferenciada, tais como: documentos oficiais do colégio (atas de reuniões de professores, diários dos professores, planos de disciplina, etc.); livros didáticos; legislações educacionais, fotos, etc. Para a localização dos documentos complementares, foi realizada uma pesquisa documental junto aos arquivos do colégio.

Apresentação

No primeiro capítulo, **Opções Metodológicas**, discutimos alguns aspectos centrais de nossa opção pela metodologia da história oral, posicionando-a dentro de nossa concepção de história. Ao final, apresentamos o caminho e as decisões tomadas em nossa investigação.

No Capítulo 2, **A Matemática Moderna no Colégio Técnico de Limeira: vozes de professores**, apresentamos as textualizações das entrevistas feitas. Apresentamos primeiro a textualização do professor Manoel da Silva, primeiro diretor geral do Cotel e responsável direto pela constituição deste colégio. Posteriormente apresentamos as textualizações dos professores Edenilson Simões, Agostinho Adam Júnior, Antonio Vanderlei de Quintal e Luiz Carlos Zacharias. Todos professores de matemática do Colégio Técnico de Limeira no período em estudo.

No capítulo seguinte, **Colégio Técnico de Limeira e Matemática Moderna: entrelaçando histórias**, apresentamos os aspectos históricos relacionados à organização da instituição Cotel e de experiências realizadas com a Matemática Moderna por professores da instituição, a partir de documentos orais e de outros tipos.

Por fim, apresentamos nossas **Considerações Finais** sobre o trabalho realizado.

Capítulo 1

Opções Metodológicas

A decisão de tomar como objeto de estudo o Colégio Técnico de Limeira e o Movimento de Matemática Moderna nesta instituição surgiu do interesse em compreender as posturas de professores frente a mudanças institucionais e curriculares.

Esse interesse começou a se configurar quando iniciamos nossos estudos sobre a matemática escolar brasileira e tomamos contato com a existência de diferentes reformas da educação no país, que propunham mudanças na organização das instituições e das disciplinas escolares, e se auto-denominavam “modernizadoras”. Embora essas reformas fossem justificadas pelos mais recentes estudos psicológicos, matemáticos, sociológicos, políticos, econômicos, etc., elas encontravam resistências para serem implantadas. Foram essas resistências que motivaram a realização de um estudo histórico.

Na escrita de nossa história, embora nem sempre tenhamos conseguido plenamente, buscamos nos orientar por alguns princípios teórico-metodológicos com os quais concordamos.

O primeiro desses princípios diz respeito à não aceitação da premissa do paradigma tradicional defendido por Ranke, de que é possível narrar “aquilo que realmente aconteceu”. Acreditamos, como Marc Bloch, que

O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa (BLOCH, 2001, p.75).

Consideramos, também, o estudo do passado em suas relações com o presente e o futuro. “Compreender 'o presente pelo passado' mas também 'o passado pelo presente' “, acrescentando “o horizonte do futuro” (LE GOFF, 2003, p. 23 e 25).

A nossa questão de investigação, como mencionado, surgiu de indagações colocadas no presente sobre o passado. À medida que aprofundávamos nossos estudos e realizávamos nossas entrevistas, buscávamos construir uma explicação para aquele passado, uma compreensão do “passado pelo presente”. Nesse movimento entre passado e presente, o futuro estava sempre em nosso horizonte. Não em uma tentativa de prever o futuro, mas de busca por elementos que nos auxiliem na análise de futuras propostas educacionais, que nos possibilitem intervir de forma mais crítica no futuro. Para Gaddis, as nossas possibilidades de projeções futuras só são possíveis pelo conhecimento do passado, como manifesta em suas reflexões sobre as regularidades do festival de São Miguel, em Oxford. que acontece há setecentos anos e que provavelmente acontecerá ainda durante muito tempo:

Só sabemos essas coisas sobre o futuro porque estudamos o passado: sem isso não teríamos nem mesmo o conhecimento dessas verdades fundamentais, não saberíamos nem as palavras para expressá-las, ou até quem, ou onde, ou o que nós somos. Só conhecemos o futuro pelo passado nele projetado. Nesse sentido, a história é tudo que temos. (GADDIS, 2003, p.17)

Essa compreensão sobre as relações entre passado, presente e futuro na escrita de uma história, diretamente associada à crença de que não é possível narrar o que “realmente aconteceu”, levou-nos à busca por documentos diferentes daqueles valorizados pelo denominado “paradigma tradicional”.

Não queríamos considerar apenas os documentos produzidos pelas instâncias educacionais oficiais, queríamos conhecer as mudanças institucionais e na disciplina matemática ocorridas na prática do Colégio Técnico de Limeira, a partir da visão de professores que participaram diretamente das ações de implementação dessas mudanças. Daí advém a decisão de dar voz aos professores e de considerar as entrevistas como os principais documentos de nosso estudo histórico.

Além das entrevistas e de alguns documentos oficiais, serão considerados outros documentos encontrados no arquivo do Cotil ou cedidos pelos entrevistados.

O trabalho com um passado recente e a opção pela constituição de documentos a partir de relatos orais foram elementos decisivos para a escolha da história oral como metodologia de nossa investigação.

O conjunto de procedimentos da história oral inicia-se com elaboração de um projeto, que aponta para um grupo de pessoas que serão entrevistadas. Outros procedimentos devem ser realizados na continuidade do trabalho:

Planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY, 2007, p.15).

A busca pelos possíveis professores-depoentes de nosso estudo foi iniciada por meio de uma consulta ao arquivo morto do Cotel, autorizada pelo professor Paulo Sérgio Saran, diretor da instituição, e por contatos informais com professores atuais da escola, que nos contaram suas histórias, suas lembranças.

Essas primeiras ações nos apontaram para alguns professores da disciplina matemática do Cotel, no período de 1967 até 1987. Alguns – Aluísio Vieira, Maurilo do Carmo, Lucia Della Colleta e Rosa Maria Machado – foram consultados, mas preferiram não participar do trabalho. Após os contatos iniciais, quatro professores concordaram em fazer parte de nosso estudo.

O primeiro professor escolhido e entrevistado foi Luiz Carlos Zacharias. Ele foi contratado pelo Colégio Técnico de Limeira no ano de 1990, porém sua história com o ensino técnico na cidade e especificamente com o Cotel é mais antiga, e por isso seu depoimento foi contemplado em nosso trabalho.

Antonio Vanderlei de Quintal é o nosso segundo professor-depoente. Contratado pelo Cotel na década de 1980, ele já tinha experiência na área técnica, uma vez que além de professor de matemática formado em curso de licenciatura, também é engenheiro. Quintal fez parte da primeira turma do Cotel. Sua contribuição para o trabalho não ficou apenas em seus relatos orais, mas

também na quantidade de material fornecido, desde a sua coleção de livros do SMSG, provas antigas do “vestibulinho” do Cotil, provas do período em que ainda fazia cursinho em São Paulo, revistas antigas com artigos sobre Matemática Moderna, entre outros documentos.

Seguindo a ordem, o terceiro selecionado foi o professor Agostinho Adam Júnior, que se tornou professor de Matemática na década de 1970. Agostinho também foi diretor acadêmico do Cotil, em um determinado período.

Por fim, entrevistamos o professor Edenilson Simões, primeiro professor de matemática do colégio, tendo acompanhado o processo de introdução da disciplina matemática no Cotil.

Para todos os entrevistados, fizemos um roteiro de perguntas com partes comuns e partes direcionadas a cada professor para buscar informações relativas às suas experiências. As questões feitas a todos versavam sobre sua formação acadêmica, quando e como começaram a trabalhar no Cotil, quando teria sido o primeiro contato com a Matemática Moderna e possíveis experiências com essa nova matemática na escola.

Nos momentos de realização e transcrição dos depoimentos dos professores e da análise dos documentos, sentimos necessidade de compreender melhor as características específicas da instituição. Os professores faziam comentários que diziam respeito à formação do colégio, a práticas comuns dos professores e alguns documentos do colégio, em especial as atas, que discutiam assuntos da implantação do colégio em seus anos iniciais, e nos motivaram à busca de mais detalhes sobre esse processo. Decidimos, então, solicitar o depoimento do professor Manoel da Silva, primeiro diretor do Cotil, que aceitou o nosso convite.

O professor Manoel seria o nosso quinto depoente. Para ele, elaboramos um roteiro de perguntas específico, centrado em questões relacionadas à constituição do Cotil e à disciplina matemática.

Seguindo os procedimentos da metodologia de história oral apresentada por Meihy, fizemos um primeiro contato por telefone com o professor Edenilson, que reside em Rio Claro. Ele mostrou-se bastante receptivo e imediatamente se dispôs à entrevista. O contato com os professores Zacharias, Quintal e Agostinho deu-se pessoalmente já que estes ainda trabalhavam no colégio no período. O contato com o professor Manoel foi intermediado pelo professor Quintal.

No primeiro contato com os docentes, fazíamos uma pequena explanação sobre os objetivos do trabalho e sobre a metodologia. Posteriormente quando marcávamos a entrevista, explicávamos melhor ao entrevistado quais eram nossos objetivos.

Realizadas as entrevistas, demos início às transcrições. Buscamos, ao ouvir a gravação em áudio, captar e transmitir para o papel todos os seus momentos e detalhes.

Mantivemos, em uma primeira versão da transcrição, os vícios de linguagem, “palavrões”, erros de concordância, etc. Em uma segunda versão, no entanto, retiramos alguns destes elementos, uma vez que consideramos que alguns entrevistados poderiam se sentir incomodados, e também para facilitar a leitura do material.

Na textualização, uma etapa posterior à transcrição, produzimos um texto único por meio do agrupamento de temáticas, com o objetivo de melhor apresentar as ideias contidas no texto da transcrição. Muitas vezes, no depoimento, percebíamos que nossos entrevistados se “perdiam” em suas ideias. Isso é previsível, uma vez que a rememoração nem sempre ocorre de forma contínua, mas da forma como lembramos o passado, como se encadeiam as lembranças em nossa memória. Assim, acreditamos que a textualização organiza as lembranças, retira hesitações, pausas e repetições típicas da modalidade falada da língua, para que o texto tenha mais sentido para o pesquisador e para outros leitores.

Como mantivemos um roteiro semelhante para nossos entrevistados, foi possível criar textualizações semelhantes, agrupando os depoimentos em assuntos tais como: formação, docência, colégio técnico e Movimento da Matemática Moderna.

Todo o material – transcrição e textualização – foi devidamente reapresentado aos entrevistados para que eles fizessem suas revisões. Além disso, todos assinaram uma carta de cessão, com firma reconhecida em cartório, permitindo a utilização de seus depoimentos neste trabalho.

Por meio do diálogo das textualizações com outros documentos, produzimos a nossa escrita da história do Cotil e da disciplina matemática nesta instituição, no período de 1967 a 1987.

Capítulo 2

O Colégio Técnico de Limeira: vozes de professores

2.1. Professor Manoel da Silva

O Colégio Técnico de Limeira nasceu por volta de 1966, em uma atmosfera militar de plena vigência do AI-5 (Ato Institucional Número 5²). Tudo era feito e pensado da seguinte forma: será que pode? Será que vamos? Será que estamos no caminho certo? Vamos ver aqui, será que os militares estão de acordo? Quais militares? Aqueles das unidades sediadas em Campinas eram muito citados e era muito visível a presença deles por aqui. Comentava-se que esses militares tinham o controle de toda nossa região. Então, o clima em que se vivia nessa época era “muito especial” em tudo. Especialmente se falando de Filosofia da Educação, de escolas e até da localização delas.

Entretanto nunca se sentiu que nossa população estivesse diminuída em sua euforia e vontade inarredável de possuir uma escola superior, ou seja, a sua faculdade. Por quê? Embora fosse uma cidade, na época, com 130 a 140 mil habitantes, Limeira não tinha uma escola superior, enquanto Rio Claro, Piracicaba, Campinas e Americana, todas elas, contavam com faculdades particulares ou oficiais como era o caso de Piracicaba que tinha a Escola Agrícola “Luiz de Queiroz”. Rio Claro e outras cidades do interior, como Presidente Prudente, Lins, Assis, São José do Rio Preto e outras foram contempladas no governo de Jânio Quadros com unidades de ensino superior denominadas “institutos isolados”, que eram “institutos de ensino superior

² O Ato Institucional Número 5, de 13 de dezembro de 1968, foi promulgado durante a ditadura militar, no governo do general Artur da Costa e Silva. Este decreto impôs uma série de medidas repressivas ao país, dentre as quais o fechamento do Congresso Nacional, a cassação de mandatos de políticos, a suspensão do *habeas corpus* e de direitos políticos de todo cidadão, a proibição de manifestações coletivas, a censura aos órgãos de divulgação. O AI5 foi revogado apenas em 1978, no governo do presidente Ernesto Geisel.

isolados”. Eles possuíam vários cursos de excelente qualidade de Matemática, Física, História, Geografia e até de Direito.

O que aconteceu posteriormente com todos os institutos isolados? Foram agrupados na Unesp³. A Unesp é a união daqueles cursos criados naquela época, cursos de institutos isolados, com a anexação de outras unidades, como a Faculdade de Engenharia Elétrica de Ilha Solteira e outras mais, criadas posteriormente. Assim foi constituída a Unesp.

O que acontecia em Limeira naquela época? Aquela euforia. “Nós temos que ter escola superior!”. Até brincavam dizendo assim: “Cidade que não tem uma faculdade e uma fonte luminosa não vai para frente!”. Então toda a sociedade começou a se movimentar para criar a Faculdade de Engenharia Mecânica em Limeira porque “mecânica” era a vocação industrial da cidade, dado o número grande de indústrias mecânicas que ela possuía. Pensou-se na criação de uma faculdade de engenharia, com o curso de engenharia mecânica. Muito bem, a faculdade nasceu assim com o Rotary, a maçonaria, o Lions Club, todos os clubes, acelerando a ideia. Naquela época, o governador do estado era amigo do prefeito da cidade, dr. Paulo D’Andrea, já falecido. O deputado Salvador Julianelli era muito influente no governo estadual e também amigo do governador e do prefeito. Criara-se aí o ambiente político perfeito para o nascimento da futura faculdade tão sonhada pelo povo limeirense. O governador pediu para que o processo de instrução fosse rapidamente encaminhado ao Conselho Estadual de Educação.

O prefeito nomeou uma comissão para cuidar da elaboração do processo de criação da faculdade e eu fui nomeado o redator do processo de instalação. Havia um presidente, que era um rapaz da maçonaria, representantes do Rotary Club e representantes de outros segmentos sociais, porém ninguém mais ou

³ A Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - foi criada em 1976, com a “incorporação dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo, então unidades universitárias situadas em diferentes pontos do interior paulista. Abrangendo diversas áreas do conhecimento, tais unidades haviam sido criadas, em sua maior parte, em fins dos anos 50 e inícios dos anos 60” <http://www.unesp.br/apresentacao/historico.php>. Acesso em 04 de janeiro de 2010.

menos versado em educação e ensino. Eu era diretor do Ginásio Industrial Trajano Camargo⁴. Numa reunião do grupo o prefeito falou:

- Manoel é você. Está nomeado. Você é o redator desse processo.

Uma bomba de certo modo para mim. Um imenso trabalho que se iniciava para atender à Resolução 14 do Conselho Federal de Educação sem o que nenhum curso poderia ser instalado.

Deu um trabalho! Mas foi um trabalho muito compensador. Nós estabelecemos reuniões com a nossa comissão. Eu estabeleci o plano de trabalho. Traçamos um círculo de 80 quilômetros de raio a partir de Limeira até todas as cidades contidas nesse círculo. Nós visitamos numa velocidade! Pedíamos um ofício do prefeito da cidade apoiando a ideia da montagem, da instalação da Engenharia em Limeira. Quase todos os prefeitos apoiaram. Conseguimos umas 110 ou 115 cartas e ofícios dos prefeitos apoiando a ideia. Um ou outro não assinou. Coisas de bairrismo. Americana, por exemplo:

- O quê? Eu vou assinar para uma faculdade em Limeira? Então assina aqui uma também para a minha cidade.

Pegamos a mala e viemos embora. Não havia mais tempo. Junto com aquele processo havia cartas, mapas, relatórios, muitas fotos, e tudo foi levado, rapidamente, numa sexta-feira até São Paulo para dar entrada, ainda naquele dia, no Conselho Estadual de Educação. Ele entrou por uma porta e na outra

⁴ O industrial Trajano de Barros Camargo “instituiu, dentro de sua empresa Machina São Paulo, a Escola Profissional para Aprendizagem com cursos de mecânica, carpintaria e fundição destinados a filhos de funcionários maiores de 12 anos. Essa mão-de-obra especializada era utilizada na sua própria empresa, provendo-lhes maior renda familiar. Após a sua morte, com a intervenção de sua esposa, a sra. Maria Thereza de Barros Camargo, junto ao governo estadual, a Escola Profissional para Aprendizagem se transformou na “Escola Profissional Municipal Mista Dr. Trajano Camargo”, que foi denominada depois como Escola Industrial Trajano Camargo”. <http://www.trajanocamargo.com.br/drtrajano.php>, acesso em 06/01/2010. Atualmente, a escola faz parte do Centro Paula Souza e oferece o ensino médio e os cursos técnicos de Agenciamento de viagens, Administração, Eletroeletrônica, Logística, Mecânica, Metalurgia, Nutrição e dietética e Química. http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/Ete/Escolas/Campinas/Limeira_ETE_Trajano_Camargo.html. Acesso em 06/01/2010.

porta já estava indo para o plenário! Um exagero da minha parte, só para mostrar a pressa com que foi executado o processo. Os membros do conselho aprovaram. O presidente do Conselho assinou e já enviou para o governador. No dia seguinte, o governador assinou o decreto criando a Faculdade de Engenharia Mecânica em Limeira. Mas, criada a Faculdade de Engenharia Mecânica, satisfeita aquela euforia toda da cidade, tudo bonito, rojão, festa, abraços por todo lado, começou a parte prática da instalação. Instalar onde?

A Associação Comercial de Campinas era muito poderosa, como é até hoje. Eles se reuniram com os membros do Conselho da Unicamp, e o dr. Zeferino⁵ estava interessadíssimo em criar logo essa faculdade. Mas pessoas da ACC (Associação Comercial de Campinas) foram conversar com o reitor e o convenceram de que o curso de Mecânica não era o mais aconselhado para Limeira, pois Campinas teria uma vocação muito maior em termos de indústrias mecânicas do que a cidade de Limeira. Assim resolveu-se criar um curso de engenharia para Limeira e o de engenharia mecânica ficou em Campinas, mesmo porque não havia engenharia civil no quadro dos cursos da Unicamp. Foi até uma boa ideia. Perdemos a engenharia mecânica, que já havia sido criada, mas conseguimos a engenharia civil. Faculdade de Engenharia de Limeira, FEL, com o curso de engenharia civil.

O curso de engenharia civil iniciou seu funcionamento na Escola Trajano Camargo onde eu era diretor. Ali eu coloquei à disposição da FEL quatro salas e outras instalações para o início das aulas de nossa primeira escola superior. Mas e como surgiu a ideia do colégio técnico?

Eu era muito amigo do dr. Zeferino. Ele gostava muito de mim. O único que me chamava de “Maneco”. Nunca ninguém me chamou de “Maneco”. Eu gostava muito dele. Era uma competência, uma figura fantástica. Ele, o reitor da Unicamp, me nomeou como diretor do Colégio Técnico de Limeira e o dr. Pedro Moraes Siqueira para diretor da Faculdade de Engenharia de Limeira. Mas como eu podia ser nomeado diretor de colégio técnico se eu já era diretor do Trajano? Dois cargos técnicos dessa envergadura eram proibidos por tudo lei. O

⁵ Zeferino Vaz foi reitor da Universidade Estadual de Campinas de 1966 a 1978.

governador Laudo Natel decidiu: “Autorizo em caráter excepcional”. O governador do estado autorizou o Manoel, em caráter especial, a ser diretor dos dois colégios. Ninguém pode acumular dois cargos técnicos, mas o governador autorizou em caráter excepcional.

Por que o colégio foi criado junto? Porque eu falei com o dr. Zeferino:

- Dr. Zeferino, a faculdade está criada. Tudo bem! Mas há um clamor na cidade pedindo a criação de um colégio técnico.

Wanderley Quintal era um dentre outros mais que me cercavam:

- Professor, nós precisamos de um colégio de segundo grau de mecânica e outros cursos mais. Piracicaba tem o curso técnico de mecânica de máquinas e motores, Jundiaí tem um colégio técnico famoso...

Espere aí! Vamos conversar:

- Doutor, está acontecendo isto: os alunos, uma quantidade enorme na cidade, pedem para que seja criado um colégio técnico da Unicamp.

Ele falou:

- Manoel, Maneco, mas é isso mesmo. Vamos criar imediatamente esse colégio. O de Limeira e o de Campinas. As duas entidades. As duas unidades mais novas. Engenharia Mecânica lá, Engenharia Civil aqui. Vamos criar o colégio técnico. Sabe por quê, Maneco?

A gente tinha que interpretar:

- Nós temos muito “general”, os engenheiros são “generais”. Nós precisamos de “sargentos”. Então, nós vamos criar o colégio técnico para produzir aqueles que, futuramente, serão matéria prima especial, para serem alunos da engenharia. Alunos que fizeram o colégio técnico têm uma formação privilegiada, quando se dirigirem para o curso superior, se quiserem...

Falei: “perfeito”. Mas não tenha dúvida. “Maneco, quando que você pode se reunir com o Álvaro?”. Álvaro era o diretor do colégio que ele havia nomeado para Campinas, o Cotuca⁶. Eu falei, na hora:

- Amanhã mesmo!

- Então, amanhã você vai lá junto com o Álvaro, vamos lá numa sala - ele era muito prático, não tinha tempo a perder – e eu ponho tudo lá a sua disposição e vocês redigem, pelo amor de Deus, com a maior rapidez, o estatuto dos colégios técnicos, sem o que eu não posso apresentar para o Conselho Universitário.

Daí começou uma briga, claro que no bom sentido. O Conselho Universitário era formado por uma porção de professores, de chefes, de coordenadores de institutos, diretores de institutos, diretores de faculdades. Figuras exponenciais, gente do maior prestígio intelectual, científico, livros e livros publicados, aulas no exterior, pesquisa em engenharia mecânica, pesquisa em energia nuclear. Por exemplo: César Lattes⁷, Marcelo Damy de Souza⁸, dr. Cilento⁹, dr. Brigg, pessoal da biologia, pessoal da zoologia, gente do mundo todo. Todos na Unicamp. Era difícil de conversar com eles. O dr. Zeferino

⁶ Cotuca era a abreviação do Colégio Técnico da Universidade Estadual de Campinas ou Colégio Técnico da Unicamp, atualmente denominado Colégio Técnico de Campinas.

⁷ César Lattes, Cesare Mansueto Giulio Lattes (1924-2005), físico brasileiro que realizou estudos pioneiros em física nuclear e trabalhou no Instituto de Física da Unicamp.

⁸ Marcello Damy de Souza Santos (1914-2009), físico brasileiro convidado por Zeferino Vaz para organizar o Instituto de Física da Unicamp, onde permaneceu até 1971.

⁹ Giuseppe Cilento (1923-1994), químico nascido na Itália e naturalizado brasileiro, foi convidado por Zeferino Vaz para organizar o Instituto de Química da Unicamp, onde permaneceu até 1978.

apresenta a criação dos dois colégios. Marcelo Damy de Souza, azedíssimo, não queria nem ouvir falar!

- Onde já se viu, magnífico! Isso aqui é uma universidade, não é lugar de colégio de segundo grau.

Ele falava assim: “isso não é lugar de colégio de segundo grau”. E Zeferino fazia a defesa. No dia seguinte, o dr. Zeferino nos colocava a par dos acontecimentos:

- Maneco, eu fui bombardeado. Eles não querem, não entendem, não alcançam. O negócio deles é outro. Aquele - ele brincava - aquele maluco lá do raio cósmico - era o Lattes - aquele maluco do raio cósmico entende de raio lá nos Andes. Vai lá pesquisar nos Andes! Aluno e colégio técnico não cabem na cabeça dele.

Eu e o prof. Álvaro ríamos muito. Então, ele falou assim:

- Você precisa aparecer lá no conselho. Eu apresento você e o Álvaro e vocês fazem uma explanação para eles, se você achar que deve. Eu acho que seria bom ver o que o colégio faz, qual o objetivo do colégio, se bem que eu já falei bastante.

Na reunião seguinte do Conselho Universitário eu fui, mas não foi necessária a minha participação. Já estavam todos amansados. Já aceitavam o colégio. Zeferino era muito inteligente. Durante o intervalo da sessão, ele conversou e costurou as ideias. Porque ele abraçava uma ideia e não a deixava cair. Ele era fantástico! O Zeferino era um fenômeno com quem eu tive o prazer e a honra de conviver.

O dr. Zeferino me deu autoridade para nomear os professores. Ele me deu autoridade para eu chamar quem eu quisesse, formar o corpo docente que

eu quisesse. Hoje eu não sei se faria a mesma coisa. Eu só convidava professor bom. Aqueles “feras” que sabiam tudo. Como o Graciolli, em desenho técnico mecânico que era insuperável. Prof. Celestino Mikami, engenheiro da Indústria Multinacional Rockwell-Fumagalli. Somente professores da mais alta competência, os melhores. Eles ficavam honradíssimos em trabalhar no colégio. Era um espetáculo! Um senhor corpo docente! Então, essa meninada das primeiras turmas estão brigando aí no mundo até hoje! Há um ex-aluno de Cordeirópolis, um dos formandos. Família simples. Ele é formando da primeira turma. Ele é o diretor técnico da antiga Rodas Fumagalli, a Arvin-Meritor. Ele é assim, a figura mais importante da Arvin-Meritor. Ele vai para os Estados Unidos, voa para São Francisco, vem correndo para Limeira, de Limeira ele vai para Bragança Paulista, corre para São Paulo, vai para Osasco, vai para Buenos Aires, corre para Londres... O ano inteiro fazendo isso. Ele foi aluno do colégio técnico da primeira turma. Um cara brilhantíssimo o Osiel. Seria cansativo relacionar ou citar o brilho de tantos ex-alunos. Tudo quanto o sábio Zeferino Vaz vaticinou com relação ao colégio técnico vem se confirmando com extrema abundância.

Essa primeira turma brilhou muito e continua brilhando. Todos os alunos têm sempre uma referência muito boa. Todos os alunos do colégio, mas essa primeira turma... Não sei se foi por essa liberdade de escolha dos professores. Porque a burocracia bloqueia muita coisa. Em um concurso alguns candidatos que têm boas notas não têm outras qualidades importantes. Às vezes não sabem falar, não sabem transmitir, não são bons de conversa, não são críveis, pessoas acreditáveis. Eles não transmitem aquela coisa humana e não têm papel nenhum que confirme essas características. Eu sabia muito disso. Eu conhecia essa professorada toda como a palma de minha mão. Então, quando foi para fazer o primeiro corpo docente, eu sempre considerei esses aspectos. Formou-se assim um conceito, uma energia a mais e tudo dava certo. Em 1966 eu fui nomeado diretor. De 1966 a começo de 71. De quatro em quatro anos, de acordo com o regimento que eu mesmo tinha elaborado, haveria eleição. Aliás, isso foi mais ou menos norma da unidade e em todas as unidades da Unicamp.

Mas eu posso dizer que com esse conhecimento que eu tinha de todo esse pessoal, eu ia procurar os melhores. Havia um amigo meu de São Paulo, professor de química. Imagine o que o homem fazia na vida? Em Descalvado, uma cidade para lá de Porto Ferreira, Pirassununga, no caminho de Ribeirão, onde a [rodovia] Anhanguera vira para ir para Ribeirão, ali é Descalvado. Então, lá em Descalvado, há uma situação geológica que teve grande importância na vida da cidade. Lá existe uma areia, que não tem em lugar nenhum e que serve para fazer molde de fundição. O que este rapaz de São Paulo fazia? Ele tinha uma mineração em Descalvado, uma firma que extraía areia para fazer moldes para fundição. Essa areia era transportada para São Paulo para a indústria de fundição. Este professor chamava-se Ivan e era engenheiro. Eu conhecia o dr. Ivan por causa da areia de Descalvado e percebi que ele era um sucesso! Os alunos adoravam o Ivan.

A professora de português, a doutora Liz de Cillo Diniz, era de família daqui e de Santa Bárbara. Uma competência. Tinha até livro publicado. Eu sabia porque eu escolhia os professores. O professor de matemática era um rapaz formado no curso de matemática em Rio Claro, o Edenilson, que mais tarde foi diretor do colégio também. Hoje ele já se aposentou, mas mora em Rio Claro. Ele foi professor de matemática admitido no Trajano. O cargo dele era do Castelo Branco¹⁰, e como eu era diretor do Trajano e o conhecia, dava um jeito na divisão de aulas, e ele acabava ficando com bastantes aulas porque ele era muito bom. Foi assim um período fantástico, áureo do ensino em Limeira.

Quando eu era diretor no Trajano, a escola funcionava como ginásio industrial até a oitava série. No mesmo prédio funcionavam o Colégio Técnico da Unicamp e por um, dois, três anos, a Faculdade de Engenharia Civil. Os três funcionavam no mesmo prédio. Eu era o diretor. Eu trabalhei muito para tudo funcionar. Eu fui redator do processo, estava muito envolvido. Olha, essa escola

¹⁰ Trata-se da antiga Escola Normal de Limeira, que posteriormente recebeu a denominação de Instituto de Educação “Castelo Branco”, em homenagem ao dr. Octávio Lopes Castelo Branco, nascido em 11 de julho de 1903, em Guaramiranga, município de Baturité, Ceará. Castelo Branco foi advogado e prefeito do município de Limeira, além de ocupar outros cargos como redator- chefe do jornal “A Gazeta de Limeira”. Também foi promotor e deputado estadual da Assembleia Legislativa de São Paulo. Faleceu em 13 de novembro de 1950. Atualmente a instituição é chamada EEPSPG “Castelo Branco”.

é um marco. O que tinha de aluno querendo estudar nessa escola, era imprevisível. Havia oito classes. O que era porão nós transformamos em sala de aula. Mas era um porão alto e bonito, os alunos adoravam. Comida era no refeitório que ficava lotado de gente. A criançada comia bifes suculentos. Era uma alegria. Toda essa criançada lá dos confins se fartava. Crianças do exame de admissão, cerca de 1200 alunos do ginásio industrial, mais cerca de uns 120 do colégio técnico e mais duas classes que chegaram a abrir da turma da engenharia. Em 1971 ficou pronto o prédio no novo campus da Unicamp que abrigaria a FEL e posteriormente o colégio técnico.

Eu administrava o colégio técnico e o ginásio, mas tinha os assistentes do diretor. Eram dois assistentes. Um dia eu fiz o cálculo de quantas pessoas circulavam no prédio entre funcionários, alunos e professores. Dava uma população escolar móvel, permanentemente, de três mil pessoas. Vamos falar assim, uma média de três mil pessoas por dia circulavam dentro deste prédio entre alunos, professores e funcionários. Três mil pessoas. Era uma vida. Era uma coisa tão fantástica! Eu ia para São Paulo, ia para Campinas, voltava às vezes uma hora da manhã ou até mais tarde, e eu passava e via a luz acesa. Não tinha essa de fechar a escola. O servente era amigo dos alunos e os alunos iam lá. Os alunos davam aulas de física para os colegas que estavam ruins de física. Então uma hora da manhã tinha aula. Um aluno dando aula para os colegas.

O Newton Senra é um sábio. Professor de física fantástico. O Quintal foi aluno do Newton. Ele sabia que a aula começava às nove, mas ele não sabia quando ia acabar. Ficava o outro professor na porta: “Poxa! Minha aula já foi e ele não termina”. Então, eu precisava falar:

- Newton, sua aula já acabou faz tempo.
- Desculpe. Olha, eu nem vi o tempo passar.

Eram duas, três aulas. Ele ficava falando sem parar, e os alunos todos sem reclamar. Era uma coisa incrível.

Um dia eu cheguei lá de manhã, dei minha volta, e os alunos compenetradíssimos, e o Newton na porta.

- Opa! tudo bom?
- Oi professor, tudo bom?
- E o pessoal?
- Fazendo uma provinha.
- Hoje é dia de prova?
- Ah, hoje é dia de prova.
- Tá bem.

Meio dia eu fui para casa almoçar e quando voltei para a escola, passei novamente na frente da sala de aula.

- Oi, Newton, você está ainda aí?
- Estou.
- E o pessoal, o que está fazendo? Aquela prova?
- É. Sabe, prova é um bom dia para a turma aprender.

Ele começou às sete horas da manhã e já era meio-dia e os alunos ainda estavam fazendo prova. Então eu perguntei:

- Eles não reclamam ? O pessoal não reclama?
- Não! Não reclamam, não. E tem gente que vai até mais tarde ainda, vai longe. Você ouviu, Manoel, vai longe.
- Tá bom.

Eu fui para Campinas e quando voltei às oito horas da noite os alunos do Newton ainda estavam lá. Eles foram para casa, almoçaram, tomaram banho e voltaram para continuar a fazer a prova. Eu falei:

- Newton, e daí? É prova com consulta?
- Pode consultar o que quiser, mas não vão conseguir nunca chegar à solução, mas é bom porque estão aprendendo.

A moçada adorava o Newton. O que eles aprenderam com o Newton é brincadeira! O Sérgio Braga era outro desses. O Ivan, aquele rapaz de química, também era assim.

- Olha, eu marquei com vocês essa prova para quinta-feira, mas eu não vou poder quinta de manhã. Eu vou poder só quinta à noitinha quando eu vou voltar de Descalvado. Eu vou falar com o Manoel para ver se ele autoriza vocês fazerem à noite, se tiver uma sala vaga - e não tinha sala vaga. Tudo legal?
- Tudo bem, tudo bem.

Ele veio, falou comigo, e eu falei:

- Olha - peguei o mapa - tem uma sala aqui. Está vaga. Nessa hora não tem ninguém, pode usar.

Ele voltou de Descalvado, e todos os alunos estavam esperando para começar a prova. Sabe a que horas os alunos foram embora? Cinco horas da manhã. Passaram a noite fazendo prova. Pergunta para o Quintal essas maluquices. Mas estava tudo normal. Era assim mesmo. E os alunos adoravam. Isso aí fazia a cabeça dos pais das famílias, da sociedade, enfim, era uma qualidade de ensino que nunca ninguém atingiu. O aluno fazer prova à noite inteira? Aqui, ele vinha à noite porque ele queria, ele gostava de fazer a prova.

Tantas vezes eu cheguei de madrugada porque tinha reunião em São Paulo, e a luz acesa. O Quintal é testemunha. O Guilhermino também. Eu via a luz acesa.

- Pô, três horas gente! Eu estou chegando de São Paulo e vocês aqui? O que vocês estão fazendo?
- Tem prova! Eu tenho prova com o Ivan, mas tem mais gente aí, que tem prova com o Braga, o Newton...
- E vocês estão até agora aí, sem comer nem nada? Esperem, aí.

Eu fui lá embaixo, peguei material e fiz um senhor café. Dei café para os alunos, às três horas da madrugada..

- “Poxa”, seu Manoel, o senhor mesmo fez o café?
- Foi.

Eu fui fazer café para os alunos. Três horas da madrugada. Quer dizer, isso aí é uma escola do mundo. Um negócio que não existia. Os alunos gravam essas coisas. Eles tinham aí uma glória de ter estudado na escola numa época que nunca mais vai repetir.

A primeira turma do Cotel foi selecionada através de um pequeno, vamos dizer assim, um pequeno teste, no qual as perguntas versavam sobre aptidão e sobre o conhecimento de algumas disciplinas. Era como se fosse um exame vestibular. Mas foi assim uma coisa muito em casa. Havia para a primeira turma 80 candidatos e entraram 40. Depois outros cursos foram sendo criados. O primeiro curso foi o de mecânica de máquinas e motores.

Os cursos de estradas e de edificações vieram depois, no ano seguinte, pelo fato de ter sido criada a Faculdade de Engenharia Civil. Porque a faculdade foi criada aqui dentro daquela filosofia do Zeferino: “Nós precisamos não só de ‘generais’, mas de ‘sargentos’”. Nós precisamos de sargentos que era o pessoal do colégio técnico. O colégio só com máquinas e motores estaria mais distante da utilização de sua mão-de-obra. A utilização aconteceu realmente com o Curso de Engenharia Civil em Limeira, e por esse motivo foram criados os dois cursos: de estrada e de edificações.

Mecânica de máquinas e motores porque o mercado de trabalho em Limeira era muito grande na área de mecânica. Foi um argumento da época porque na verdade poucos alunos, uma pequena porcentagem foi utilizada pelo mercado de Limeira. Eles foram para São Paulo, para Campinas, para o Rio de Janeiro, para Belo Horizonte, Volta Redonda, lugares assim.

Uma parte maior, talvez, tenha ficado no estado de São Paulo, mas muitos foram para o Rio de Janeiro, Santa Catarina. Teve aluno que foi para Belo Horizonte, que foi até para a Alemanha. Não havia na atmosfera das indústrias de então essa preocupação.

O Cotil e o Cotuca, por serem da Unicamp, tinham objetivos diferentes das demais escolas técnicas. Tinham um perfil de ensino diferente. Isso foi uma marca deles pelo fato de serem colégios de uma universidade com todo o prestígio intelectual, científico, cultural que a Unicamp tem em toda a sociedade brasileira.

O ensino que se dá aos nossos alunos é um ensino profissionalizante de tal qualidade que se o aluno for fazer um curso altamente teórico em outra universidade ou em outra escola, ele se dará perfeitamente bem porque ele tem aquela formação eclética, tanto do saber por saber como do saber aplicado. Os alunos possuem essa formação, pela própria origem e pelo vínculo com a universidade. Aquilo que povoou o pensamento de todos aqueles que trabalharam nos primórdios da instalação de ambos os colégios passou para esses colégios este diferencial. Isso vem de onde? Vem do berço! O berço do colégio já passou para ele essa marca.

O perfil de ensino que o colégio deveria assumir era um assunto muito falado, muito discutido. O professor Zeferino tinha em mente a formação de técnicos que estivessem preparados para ingressar na universidade. Alguns pensavam em formar técnicos para o trabalho. Outros diziam: “Não, mas o aluno formado no colégio com esse curso tem um *handicap* muito bom para fazer um curso superior na faculdade”.

- Meu caro, nós estamos numa democracia. Ele vai se quiser. Nós não estamos preocupados. Ele vai se quiser. Ele não é tonto, ele vai saber que ele tem uma vantagem de “n” pescoços na frente”.

Eu estou falando, repetindo palavras do Zeferino. Ele falava:

- Ele tem “n” pescoços na frente.

Naquela época, o Zeferino nos convidou, o Álvaro e eu, para fazermos uma viagem aos Estados Unidos com o objetivo de conhecermos alguns colégios técnicos de lá. Ele falou:

- Maneco, eu recebi do Ministério da Educação uma oferta de encaminhar professores de ensino médio para os Estados Unidos. Eles pensam que nós não temos ensino médio. Eu recebi o convite e eles nem estavam desconfiando que nós temos dois colégios técnicos. Então eu indiquei você e o Álvaro. Vocês vão para os Estados Unidos.

- Olha, que bom!

- É um prêmio pelo seu trabalho - jogou bastante confete.

- Eu topo. Claro, vou sim. Com o maior prazer!

E em 1968 lá fomos nós, Álvaro e eu, como representantes dos colégios da Unicamp. Foram cinco do Senai. Foram representantes dos colégios técnicos federais, colégios técnicos particulares, escolas industriais foram duas também. No total, 25. Vinte e cinco diretores. Ficamos 42 dias nos Estados Unidos visitando escolas técnicas de todos os tipos: escolas técnicas particulares, escolas de comunidades, comunitárias, escolas oficiais e estaduais, escolas de clube de serviço. O Rotary mantém várias escolas técnicas nos Estados Unidos. Interessante! Achamos uma coisa muito boa! Enfim, os tipos mais diferentes de escolas. Escolas técnicas de grandes empresas. Visitei o colégio técnico em Detroit, da Ford. Em Ann Arbor é a sede da Ford, em Detroit. Ann Arbor é uma

pequena cidade ao lado de Detroit e nela há a escola mantida pela Ford. Em Atlanta nós vimos o colégio técnico mantido pela General Motors. Fantásticas! Em 1968.

Era um daqueles projetos ainda do tempo do Kennedy e estavam no final porque depois disso nunca mais ouvi falar de nenhum outro grupo que foi para os Estados Unidos. Nem professor, nem diretor de escola. Não houve continuação do projeto. Parou. Em 1968, acho que foi o último com esses 25 que foram. Tudo isso porque Zeferino Vaz estava de olho aberto na ideia do colégio técnico. A Unicamp mandou dois. Tudo isso foi muito bom. Foi bom para mim, bom para a Unicamp .

Não havia diferença entre o Cofil e o Cotuca. Nunca foi feita nenhuma diferença entre os colégios, seja pela Unicamp, seja pelo dr. Zeferino. Nós fomos juntos para os EUA. Não havia diferença. Ele telefonava permanentemente para mim, eu me encontrava com ele semanalmente e trocávamos milhões de ideias. O dia que fizemos aquela reunião, “a toque de caixa”, para fazer o regimento, nós o levamos praticamente pronto. Nós redigimos juntos e foi apresentado ao Conselho Universitário, o Consu, e foi aprovado.

E o regimento era o mesmo. É claro, com aquelas coisas específicas de cada uma das duas cidades onde funcionavam, mas o bojo, a preocupação, os objetivos eram os mesmos. Para montar o regimento escolar, nós fizemos uma compilação do regimento de algumas escolas de segundo grau. Foi assim a base. Então, com base nisso, nós injetamos a parte técnica das disciplinas técnicas. Porque como eu falei, era uma época específica: regime militar. Aquilo tudo era muito policiado. Então, um regimento como, por exemplo, o da Escola Técnica Federal de São Paulo, nós usamos bastante. Aquele regimento estava mais do que sacramentado. Por que nós vamos procurar coisa diferente se tem o mesmo objetivo? Eu não vou mexer nisso. Vamos nos preocupar com a grade curricular. Para o resto da composição, pegamos o já sacramentado que era o da Escola Técnica Federal.

Além do regimento, nós construímos a grade curricular com base no que se tinha na época de colégios técnicos federais de diversas capitais, um ou outro colégio técnico como o de Jundiaí, que era um colégio federal padrão, na minha época. Hoje eu não sei se ainda é. Colégios técnicos particulares de diversas universidades particulares na época. Então, a grade curricular foi construída assim, como um “gotejo” das grades de diversos colégios: Escola Técnica Federal do Rio de Janeiro, Escola Técnica Federal de Manaus, Escola Técnica Federal de Florianópolis, Santa Catarina, Colégio Técnico Federal aqui de Jundiaí. Fizemos então a grade dos colégios, tanto de Campinas quanto de Limeira. Essa grade foi feita em cima das exigências do próprio Ministério da Educação na época, que autorizou o funcionamento de todas essas escolas com aquela grade curricular. Portanto o que nós fizéssemos com base naquela grade estaria sacramentado. É claro que fazíamos as adaptações necessárias à utilização daqueles tópicos das grades todas que nós gotejamos para poder extrair uma que teve que ser depois apresentada e apreciada por um grupo de professores da Unicamp.

Aquela grade que havia sido apresentada, depois de várias alterações no transcorrer do tempo, de acordo com as próprias exigências do tempo, da sociedade e exigências legais foram aceitas. O início foi isso. O aproveitamento das grades curriculares dos “n” colégios técnicos. Principalmente daqueles existentes em universidades, das capitais de estados e muito especialmente da Escola Técnica Federal de São Paulo que funcionava na Rua Tiradentes, bem em frente ao convento do Frei Galvão. Essa escola forneceu o modelo, pois tinha como marca predominante a mecânica, assim como o nosso colégio. O primeiro currículo, a primeira grade curricular, tanto aqui quanto no Cotuca foi de mecânica.

A matemática era daquelas disciplinas obrigatórias. Ela entrou obrigatoriamente e com uma carga, não me lembro de quanto. Eram três ou quatro aulas semanais, sempre com um apelo ao objetivo do curso, que era de mecânica. Era uma matemática muito voltada para os cálculos de mecânica. Havia uma preocupação para o aluno se tornar o mais eclético possível. Não era

somente aquilo. Havia uma preocupação eclética de fazer com que ele tivesse uma facilidade de atirar em várias direções.

Os programas das disciplinas, nós deixamos a cargo dos professores, alertando-os, porém, para os objetivos da escola. “Veja bem, o objetivo da escola é este. Então, veja bem o que você vai ensinar. Vamos fazer com que tudo gire, as disciplinas e o seu conteúdo programático, em torno daquilo que é o objetivo”. Nós estamos preparando o aluno para quê? Qual o objetivo do colégio? Não vamos ficar no “tró-ló-ló” para alguém que está fazendo um curso que o levará direto para uma indústria ou para a universidade. E isso era muito marcante. Sempre. Vamos fazer esse conteúdo o mais voltado possível para aquilo que o aluno vai usar.

Nós sempre fazíamos reuniões estritamente pedagógicas para falar só do ensino. A unidade do que se fazia. Havia grupos sim. Não sei se continuou, se os professores se mantêm ainda. Só não posso dizer se essa filosofia foi mantida. Mas havia essa preocupação de que as disciplinas trabalhassem em consonância, em conjunto. Muitas vezes um professor era solicitado pelo colega: “Olha, dá isso. Dá esse tópico aqui que eu vou usar muito”. Isso era muito comum. Um professor de química muitas vezes era solicitado pelo professor de mecânica, para falar sobre corrosão. Matemática e física sempre em consonância. A professora de inglês permanentemente pedia para os professores a relação de termos técnicos para ela passar para os alunos, para dar a origem. Como é que se aplica? Quando usa? Por que essa ferramenta se chama assim em inglês? A professora de inglês tinha essa preocupação. A de Português também tinha essa preocupação. Pedia aos alunos nas provas, por exemplo, uma dissertação sobre um procedimento mecânico qualquer. Ela fazia questão de corrigir e introduzir o linguajar técnico no texto. A professora Lis era muito competente. Sua preocupação era que o aluno falasse com clareza e com objetividade. A mecânica, com linguagem técnica, não pode ter “perfumaria”. Tem que falar o que é ou não é.

O colégio iniciou seus trabalhos no dia 24 de abril de 1967. Como já disse, tudo no Cotel acontecia em tão alta velocidade que a data passou

despercebida, mas realmente a data do início de suas atividades foi essa. O que vale é a data que consta no documento da própria universidade, mas para quem viveu o momento, o início do Cotil com alunos e professor em sala de aula foi no dia 26 de abril de 1967 e não no dia 24.

Havia um entusiasmo tão grande com o começo do Cotil que chega a ser natural essa pendência em torno da data do início do seu funcionamento, mas isso é irrelevante. Uns 16 alunos que estavam matriculados em outras escolas de segundo grau queriam a qualquer custo sua transferência para o Cotil. Quer dizer, era essa escola que aquela juventude queria. Não era o “blá, blá, blá, blá” da escola de segundo grau comum.

Depois de muito tempo, houve outras reformas do ensino. Essa parte do ensino técnico saiu da educação e foi transformada em escola técnica e caiu na mão da Secretaria de Ciência e Tecnologia, que fez muita coisa boa. Depois essa secretaria abandonou o técnico e o passou para a Fundação Paula Souza com as unidades que estão aí hoje, muito boas. Dinheiro! Há muita verba. Eles têm um dinheiro aí que não é mole. Todas as 82 escolas do estado de São Paulo. Você pega a escola de Santos, Escolástica Rosa, é um monumento! A de Piracicaba. A de Limeira estava se transformando em uma verdadeira sucata. Era um lixo.

O final da Secretaria de Educação administrando o ensino técnico foi um imenso fracasso. Uma tristeza! Nessa época, quando eu saí do Cotil, entrou a Lei 5692 de 1971, que transformava todos os colégios de ensino médio em colégios técnicos. Mas sempre tem aquela parte ainda da sociedade que não abre mão. Quer que o filho seja engenheiro, ou advogado, ou acham que o filho nasceu para ser médico.

Nessa época eu já não tinha mais nada a ver. Aposentei-me e fui nomeado professor da disciplina de Estudo de Problemas Brasileiros (EPB) na Unicamp em Campinas e na Faculdade de Engenharia de Limeira.

A faculdade foi a mãe do Colégio Técnico. Isso aí é a verdade. O colégio nasceu em função da faculdade. Porém precisamos deixar claro que nós vivíamos num regime militar, e por isso as coisas não eram muito fáceis. Havia a

questão de verba da Unicamp, a luta do doutor Zeferino, a perseguição ideológica dentro da Unicamp...

Um professor de matemática do Instituto de Matemática, Murillo Marques, dr. Murillo¹¹, era uma cabeça! Uma coisa fantástica! Mas falavam que ele era comunista! Dentro da Unicamp!

Olha, nesse tempo eu ouvi falar muito de Matemática Moderna, mas, na minha cabeça, que era de “matemática não moderna”, eu achava que não era coisa boa. Eu e muitos outros colegas que não eram professores de matemática. Era mero palpite. A gente sempre tem aquela ideia de que as coisas que chegam para alterar algo consolidado não vão ter sucesso. Sempre um pessimismo. Sempre vendo com um olho de desconfiança o que é novo.

Lá na faculdade em Rio Claro tinha o curso de matemática, e se falava muito de Matemática Moderna. Eu me formei em 1964 em uma turma grande de matemática de lá. Nossa formatura foi no dia 31 de março de 1964. Estava “estourando o pau” lá no Rio de Janeiro e nós nos formando em Rio Claro. Isso aqui é uma coisa de muita preocupação. Os professores de matemática, os alunos da matemática tinham muita preocupação com política. Era todo mundo da linha comunista! Aquele Augusto Boal¹² do teatro vinha fazer palestra constantemente. Ele era um “comunistão” terrível! Ele vinha permanentemente a Rio Claro fazer palestras, e a maior assistente dele era a turma da matemática. No dia 31 de março de 1964 foi nossa formatura. O professor João Dias da Silveira, nosso diretor, influentíssimo no governo em São Paulo, era professor da USP e diretor da faculdade porque era instituto isolado. Foi nomeado pelo Jânio Quadros. O reitor da Universidade de São Paulo era um anti-comunista terrível, e a USP estava “assim de comunista”. Então, o dr. João comentava às vezes comigo e com outros que eram mais adultos, para não falar mais velhos, essas coisas lá da USP. Eu sabia de muita coisa lá da USP por causa do dr. João. Ele estava com as orelhas fervendo porque ele sabia que estava “quebrando o pau”

¹¹ Trata-se de Rubens Murilo Marques, nascido no Rio de Janeiro em 1937, foi designado em 1967 pelo reitor Zeferino Vaz para coordenar a implantação do Instituto de Matemática da Unicamp, onde aposentou-se em 1989. http://www.unicamp.br/siarq/pesquisa/rubens_marques.html. Acesso em 05/01/2010.

¹² Trata-se, provavelmente, do diretor, dramaturgo e ensaísta Augusto Pinto Boal (1931-2009).

lá no Rio de Janeiro. O aluno, meu colega, que fez o discurso de formatura, no dia 31 de março de 1964, começou a “pregar o pau” no capitalismo. “Porque as ideias disso”, “porque o Karl Marx”, “porque Marx falou”. João Dias se levantou, cochichou algo no ouvido dele e ele falou:

- Então, encerrando esta noite maravilhosa de formatura, desejo a maior felicidade para todos os meus colegas.

Esse rapaz morreu na semana passada. Ele era licenciado em matemática, se formou em Rio Claro. Era professor de matemática aqui em Piracicaba. O nome dele era Alceu Marosi Righeto. Ele vereador em Piracicaba também. O dr. João falou e ele se sentou. No dia seguinte, “pau e ato institucional”. A revolução de 1964! Quando a turma acordou no dia seguinte, em março de 1964, estava todo mundo sob um novo regime, novo presidente, Castelo Branco, e por aí foi...

Voltando à Matemática Moderna. Falava-se muito em Matemática Moderna, mas a associávamos a "matemática de comunista!". Em um instituto importantíssimo como era o de Rio Claro, com um diretor altamente vinculado à USP. Era professor da USP e diretor daqui por um decreto do governador. Era um cara que estava informado, sabia das coisas. O professor, o chefe do departamento de biologia, aquele rapaz que mexe com abelhas, Warwick Estevam Kerr¹³, era um “comunistão” terrível e era chefe do Departamento de Biologia. Ele estava em todas as reuniões da matemática. Então, falava-se que Matemática Moderna era matemática de comunista.

2.2. Professor Edenilson Simões

Meu nome é Edenilson Simões. Sou natural de Ourinhos e estudei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Na faculdade, conheci a

¹³ “Considerado um dos maiores geneticistas brasileiros e o maior especialista em genética de abelhas do mundo, Warwick Estevam Kerr dedica sua vida profissional sobretudo ao estudo desses insetos e ao melhoramento genético de alimentos” (Ciência Hoje – On-Line, <http://cienciahoje.uol.com.br/767>).

Sônia, minha esposa. Ela também estudava lá. Eu me formei em 1965 no curso de matemática. Eu era da quarta turma. O curso ainda não era reconhecido. O nosso diploma saiu pela USP, ele tem até o símbolo da USP. Depois, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro foi incorporada pela Unesp. Esta universidade encampou todos os institutos isolados do estado de São Paulo: o de Filosofia de Rio Claro, o de Filosofia de Araraquara, o de Medicina de Botucatu, o de Engenharia Civil de Bauru. Em Guaratinguetá também tem um campus. Várias cidades têm faculdades da Unesp. No começo a sede da universidade era em Ilha Solteira, cidade que foi formada no espaço construído para abrigar os funcionários da usina. Quando o trabalho foi concluído, todos os funcionários saíram de lá e a cidade se transformou em uma cidade fantasma. Assim sendo, eles criaram a universidade lá, a sede ficou sendo em Ilha Solteira. Ainda hoje funciona lá o curso de engenharia.

Eu fui o primeiro professor de matemática do Cotil, como está aqui no documento original da minha nomeação na data da fundação do colégio. 25 de abril é a data em que foi expedido o documento, mas 24 de abril de 1967 é a data da fundação do colégio. O colégio foi fundado e começou a funcionar em abril de 1967. Isso aqui é uma relíquia¹⁴.

Eu fui o primeiro professor de matemática do Cotil e fiquei sozinho até o final de 1970 porque eu prestei concurso no estado e passei. Tive a infelicidade de passar. Eu era obrigado a assumir aulas no estado. Então, para ficar com as 44 aulas, eu acabei deixando algumas aulas no Cotil.

Quando eu estava no terceiro ano, em agosto, peguei umas aulas de desenho no Castelo Branco em Limeira, que antes era o Instituto de Educação. Isso em 1964. Em 1965 eu me formei. Em 1966 peguei aulas no período da manhã no Ginásio Industrial Trajano de Camargo e à noite no Instituto de Educação Castelo Branco. Em 1965 eu lecionava matemática e desenho. Em 1966 só matemática no Trajano. Em 1967 já peguei aulas no Cotil. Já estava se formando o curso de edificações porque até então tínhamos, desde que

¹⁴ Na entrevista, o professor mostrou-me o documento de sua nomeação. Uma cópia desse documento encontra-se no Anexo 1.

começou o colégio, duas classes de mecânica. Isso foi em 1968. Já havia iniciado o curso de edificações.

Eu dava aulas no Industrial, no Cotil e também no Castelo. Em 1967, eu dei aulas só no Cotil e no Industrial. Em 1968, só no Castelo e no Cotil. Por que aconteceu isso? Porque naquela época eu e minha mulher éramos professores. A Sônia deu aulas de história. Ela é aposentada pelo Castelo Branco. O nosso salário atrasava barbaridade. Dois meses, três meses sem receber. Então, o que acontecia? Como eu e a Sônia trabalhávamos na mesma escola, que era o Industrial, quando tinha atraso no salário eu ficava sem receber e ela também. Nós ficávamos no desespero, sem ter nada. Então eu falei para ela:

- Como eu tenho mais facilidade, vou pegar umas aulas no Castelo e quando eu não receber, você recebe.

Era impressionante naquela época. Constantemente não pagavam a gente. Por isso em 1968 fiquei só no Castelo. Em 1969 voltei para o Industrial de novo. Era um rolo. Naquela época o pessoal ficava atrás da gente porque quase não existia professor formado em matemática. O pessoal do Industrial era quase todo de pedagogos que tinham direito a dar aulas de matemática. Então eu era o único licenciado na cidade. O único, não. Tinha eu, tinha o Mário. Conhece o Mário Machado de Carvalho? Ele é aposentado do Castelo. A Cidinha Oliveira. Então, éramos os três professores de matemática na cidade. Depois é que começou... O pessoal geralmente era pedagogo. Fizeram o curso de pedagogia e depois o curso de matemática lá em Guaxupé – era complementação – para, então, dar aulas de matemática.

O Cotil começou a funcionar no prédio do Industrial. Lá também tinha turmas do Cotil no turno da noite. Eu me lembro de ter dado aulas no Cotil à noite. Formou, acho, uma classe de mecânica à noite. Acho que em 1969, 1970, por aí. Acho que em 1969 porque em 1971 eu dei aulas só para edificações. Eu deixei o curso de mecânica. Teve uma classe de mecânica terrível. Eu não sei quem dava aulas para eles, e não estava conseguindo manter a disciplina. Os

alunos urinavam na sala. Era um horror. Daí o Prince veio falar pra mim se eu não voltava a dar aula em mecânica para segurar a classe.

Nós ficamos no Trajano até o final de 1972. Em 1973 nós começamos lá no campus novo. Nós fomos para lá e ainda não estava terminado. Eu dei muitas aulas naqueles prédios que são da tecnologia hoje e que antes eram da engenharia. Algumas aulas eram lá embaixo, porque lá em cima ainda não estava bem terminado.

Fiquei dando aulas de matemática até junho de 1986, quando eu assumi a direção, onde fiquei de 1986 até outubro de 1990. Depois disso eu falei com o Maurílio. Eu apoiei o Maurílio como diretor. Na época eu tinha quase certeza que ganharia porque eu era de Limeira e era professor da casa e, graças a Deus, tinha muito bom relacionamento com todo mundo. Então, se eu me candidatasse, ganharia na certa. Mas falei não porque eu não queria. Em dois anos e meio eu iria me aposentar. Eu não iria ficar amarrado mais um ano e meio. Porque se eu assumisse a direção, tinha que ficar mais quatro anos. Então eu falei: “Eu apóio você só que eu não gostaria de voltar para a sala de aula”. Porque eu achava desagradável ficar um tempão como diretor e depois voltar para a sala de aula e bem no final da minha carreira. Então eu fiquei como vice-diretor de novo, como diretor associado. Mas eu tinha um monte de licenças prêmio para tirar, tirei as licenças, e o Dirceu entrou no meu lugar. Quando estava quase próximo de eu me aposentar, o Maurílio falou para mim:

- Olha, por que você não pede demissão do cargo de diretor, assim o Dirceu já fica oficializado?.

Eu pedi. Afastei-me. Fui tirando licença prêmio. Aposentei-me em 1994.

Fiquei 27 anos no Cotel. Mas eu ainda estava no Ceset¹⁵. Eu sou aposentado pelo Ceset porque eu comecei a dar aula neste centro em 1978. E

¹⁵ Centro Superior de Educação Tecnológica - Unicamp, foi criado em 1988 com o objetivo de agrupar os cursos de tecnologia que até então pertenciam à Faculdade de Engenharia Civil de Limeira. O primeiro curso dessa natureza oferecido pela Unicamp nas instalações da Faculdade de Engenharia Civil de Limeira foi o de Tecnologia Sanitária em 1974. <http://www.ceset.unicamp.br/ceset/historia>. Acesso em 13/10/2009.

quando eu assumi como diretor associado do Prince em 1984, me afastei do Ceset. Em 1992, quando eu já ia me aposentar do Cotel, voltei a dar aulas no Ceset. Agora, em 2006, eu me aposentei nesta instituição.

Quando eu deixei essas aulas de matemática em 1970, porque eu havia passado no concurso do estado, quem foi dar aula lá foi o Aluísio Vieira. Quando o Prince assumiu a direção, ele ficou sendo seu diretor associado. O professor Aluísio entrou em 1971, quando eu deixei as aulas. O Maurílio veio logo. Ele já veio no prédio novo. Ele não chegou a dar aulas no Industrial, não. Ele começou a dar aulas depois de 1973. Porque o colégio foi crescendo, foi criado o curso de edificações e de estradas. Quem foi da primeira turma de estradas foi o Reinaldo Bertholini. Ele ainda dá aulas de topografia lá. Ele mora em Ilha Comprida, mas ainda vai dar aulas lá.

O Manuel da Silva, que era o diretor da época, era aqui de Rio Claro. Ele tinha muito conhecimento do pessoal desta cidade. Assim, havia um monte de professores de Rio Claro: o Rubens, o Gracioli, uma professora de geografia, a Giselda, a Silvia Selingardi. Vários professores daqui de Rio Claro foram para o Cotel.

No Cotel nós fazíamos nosso programa. No nosso primeiro programa nós nos reunimos com os professores de física, de mecânica e de resistência de materiais. Nós íamos colocando os tópicos do programa de acordo com o interesse de cada um. O que se vai dar no primeiro ano do colegial? O que vamos fazer no segundo? No terceiro? Nós nunca seguimos a ordem do programa do estado. Nós introduzíamos e às vezes fazíamos mudanças a pedido dos professores.

Não sei se até hoje ainda chegam, mas nós chegávamos até o cálculo. Dávamos a parte de cálculo no terceiro ano. Tinha a parte de limites, e nós chegávamos até a parte de derivadas. Isso porque o pessoal de resistência dos materiais pedia para a gente. Porque no programa deles tinha essa parte. O nosso programa de matemática tinha uma certa afinidade com os cursos técnicos. Sempre o planejamento privilegiava o técnico. Nós nunca pensamos em trabalhar o aluno para o vestibular, apesar de muitos de nossos alunos se

saírem bem. Nosso objetivo não era esse. Tanto que quando saiu a calculadora, no primeiro colegial eu não deixava usar, porque achava que com a calculadora na mão eles perdiam completamente a noção de grandeza, de raciocínio. Por exemplo, para o cálculo de logaritmos, em que na época usávamos a tábua, eu não deixava usar calculadora. Se o aluno já estava no segundo ano, e como eu não visava um aluno no vestibular, deixava usar calculadora. Agora quem ia para o vestibular no colegial comum eu não podia deixar. Lá no Castelo Branco eu não deixava. Porque lá, por exemplo, era colegial visando o vestibular. O Cotil não. Era para ser curso técnico. O aluno já saía com diploma.

Naquela época eles saíam todos empregados. Até tinha um aluno lá que não era o melhor aluno e nem o pior. Aluno meio folgado, “malandrão”. Quando ele saiu do Cotil, foi trabalhar numa empresa em São Paulo. Uma vez ele estava fazendo visita lá em Limeira, e nós nos encontramos. Eu falei:

- Você fez engenharia?

- Não! Para quê eu vou fazer engenharia? Eu ganho muito mais que um engenheiro, como técnico. Eu vou fazer engenharia para quê? – disse ele.

Todos os alunos já saíam colocados. Era uma procura pelos nossos alunos, porque o curso era bom mesmo. Você ia às empresas em Limeira, na Varga, na Fumagalli, chegava lá, parecia que você estava dando aula.

O curso era puxado. O Manuel falava: “tem que apertar, tem que apertar”. O negócio era arrochar. Tanto que tinha um professor de resistência de materiais, o Newton Senra, que era o terror dos alunos porque ele puxava mesmo. Os alunos reclamavam muito. O Prince entrou na diretoria e foi falar com o Newton para ver se não dava para ele amolecer um pouco. O Newton falou assim:

- Olha, eu estou aqui pra trabalhar. E outra, eu faço isso por prazer, porque se for para eu facilitar, para eu não trabalhar, eu fico na minha

fazenda. Não preciso de aulas aqui. Para facilitar, eu prefiro sair. Ou formo alunos bons ou eu saio. Não vou ficar amolecendo o curso não, para satisfazer interesses daqueles que não querem nada com nada.

E saiu. Pediu demissão e foi embora. Nós reprovávamos mesmo. Se o aluno não conseguisse nota, ele reprovava. Eles reprovavam, mas no ano seguinte voltavam. Eles não se formavam na primeira, mas na segunda. Começamos com duas turmas de mecânica. Depois dessas duas turmas de primeiros anos de mecânica, formou-se uma de segundo ano e depois uma de terceiro ano porque a reprovação era quase de 60% da turma.

A gente reprovava bastante. Era puxado. E não tinha essa de dar jeitinho. Tanto que, muitos alunos devem se lembrar, a Sônia lecionava à noite e eu ficava em casa com as crianças. Os alunos iam lá em casa para a gente fazer exercícios.

Alguns professores do Cotel, de hoje, foram meus alunos. Alguns até da primeira turma. Por exemplo, o Quintal. O Quintal foi meu aluno da primeira turma. O Dirceu Spaziante, o Rubens Pika Júnior, que o pai era professor de desenho lá. Estes foram da primeira turma. Depois tem o Silmam, o Caritá que foi da quarta turma. O Caritá chegou a ter aula comigo no Industrial também.

Até para alguns outros professores de matemática do colégio eu dei aula. Dei aula para o Quintal também no Castelo Branco. Para o Agostinho, para o Zacharias, para a Rosa e para a Lúcia. Todos estes no Castelo Branco. Dei aula para o Jorge e para o Daniel que dão aulas de física lá no colégio.

Matemática Moderna... Tive curso na faculdade. Só tivemos o curso de Matemática Moderna no primeiro ano. Eu fiz um ano em Campinas, o primeiro ano, e lá não tinha Matemática Moderna. Quando eu vim para cá, para Rio Claro, tinha álgebra. Não era Matemática Moderna, e sim álgebra moderna. Mas no Cotel eu não trabalhei Teoria dos conjuntos, mas no colegial sim, inclusive no ginásio. Eu tive contato com conjuntos. Eu dava no Ceset o desenvolvimento dos números no primeiro ano, como eles surgiram, através de correspondência

biunívoca entre conjuntos. Surgiram os naturais, depois vieram os inteiros, depois os inteiros negativos. Toda essa parte de Teoria dos conjuntos.

Meu primeiro contato com a Matemática Moderna foi quando eu era aluno do ginásio, porque ela era mais introduzida nessa época. Mas eu nunca usei o livro do Sangiorgi em minhas aulas, o “Oswaldo Sangiorgi”. Eu estudei pelo “Oswaldo Sangiorgi”, mas não me lembro de ter adotado o livro dele. Depois trabalhei bastante com isso no primeiro grau. Foi curta a minha passagem no primeiro grau, no ginásio, mas eu trabalhei com isso sim. Quando eu comecei a lecionar é que começou a aparecer esta parte de Teoria dos conjuntos, de formação de números, etc. Todos os professores de ginásio da época faziam. Eu fazia. Eu fiz muito isso aí.

Quando eu comecei a lecionar no ginásio, desde a quinta série já começava com teoria dos conjuntos, aquelas coisas todas que vieram através da Matemática Moderna. E o que se chamou Matemática Moderna foi um método novo de ensino. Porque antigamente quando a gente aprendia, não sabia o que era o número, não sabia para que servia, nem o que era a resposta de um exercício. Foi com a Matemática Moderna que apareceu a explicação sobre a que conjunto o número pertence. No livro do Osvaldo Sangiorgi e em outros livros depois tinha aquelas historinhas, história dos egípcios, etc. Eu me lembro disso.

Com relação ao Cotel, eu não dei Teoria dos conjuntos, coisas da Matemática Moderna. Eu trabalhava um pouco só quando entrava com a parte de funções. No terceiro colegial você, por exemplo, para falar em limites, tem que antes dar as funções. Como você ia falar em função real com variável real, você tinha que saber o que eram números reais. Matemática Moderna mesmo não tinha não. A gente começava com logaritmos, daí já entrava na parte de trigonometria. Depois, no segundo ano, tinha a geometria plana, a geometria no espaço, tinha também a parte de análise combinatória. E no terceiro já havia geometria analítica, depois funções, limites. No colegial comum, a gente chegava em polinômios, no terceiro ano também, mas não fazíamos Teoria dos conjuntos.

No colégio também. Para eu começar com limites, dava funções, e para falar em funções, tinha que falar em números reais. Eu sempre introduzi essa parte de teoria dos números. Falava, por exemplo, em conjuntos unitários, sobre correspondência entre conjuntos. Surgiu, então, a teoria dos números, os números naturais. Da necessidade de uma ampliação dos números naturais, foram criados os números inteiros. Então os naturais passaram a ser os inteiros positivos, e sempre que você estudava um número, um conjunto acima, o anterior estava contido. O conjunto dos naturais contido nos inteiros, estes contidos nos racionais, e os irracionais junto com os racionais formam os reais.

Na definição de função você também usa conjunto. Para cada x existe um único y tal que $f(x)$ é igual a y . Então, o que era função? O que não era função? Tudo por conjuntos a gente fazia. Mas não era algo assim específico de Matemática Moderna, mas utilizava para dar condições.

Depois você falava em relações binárias. Porque função é uma relação binária só que é uma relação binária particular. Não é qualquer relação binária que é uma função. A gente definia, então, o que era uma função. Desenhava o conjunto, fazia aquelas ligações e definia o que era e o que não era função. Eu tive toda essa parte de álgebra moderna na faculdade. Tinha um curso no primeiro ano que era só sobre essa parte de álgebra moderna. Mas só. Não havia cursos da Secretaria de Ensino, nada. Eu tive que preparar muita aula, estudava sozinho.

Eu também nunca usava um livro. Eu usava um livro, depois enjoava. Eu não gostava de saber os exercícios do livro. Quando começava a decorar as respostas, eu mudava. No Cotil eu nunca adotei livro porque os programas eram diferentes. Não digo o programa em si, mas a ordem era diferente. O “Bezerra”¹⁶ era no colegial comum. Lá no Cotil eu nunca adotei livro. Eu nunca levei o “Bezerra” no colégio.

¹⁶ “Bezerrão” foi a denominação dada por professores e alunos de São Paulo para o livro Curso de Matemática, curso completo para os cursos de segundo grau, de Manoel Jairo de Bezerra, publicado pela primeira vez em 1961 pela Companhia Editora Nacional. No Rio de Janeiro, o livro era conhecido como o “tijolão”. O livro foi muito utilizado no ensino médio brasileiro nas décadas de 1960 e 1970, tendo atingido uma tiragem de mais de um milhão de exemplares (BIGODE; VALENTE. 2003, p. 9).

Eu nunca trabalhei assim com um determinado livro. No Cotel eu trabalhei com muitos livros, inclusive com o do SMSG¹⁷, mas trabalhei com vários outros. Eu usava muito aquela coleção de matemática da Editora Moderna. Lembra que tinha um só de trigonometria, um só de geometria, etc. Nessa coleção tem a parte de conjuntos. Um dos primeiros livros é sobre conjuntos. Eu acho que a coleção não é matemática moderna. É do Gelson Iezzi, Osvaldo Dolce, não me lembro quem mais. Tinha uma série de professores. Eles eram todos professores dos cursinhos de São Paulo e fizeram essa coleção. E a coleção acho que se chamava Matemática Moderna¹⁸. Para o terceiro ano, eu tinha um livro de cálculo com geometria analítica, os dois juntos. Até não me lembro do autor, mas era um livro que tinha uma capa vermelha, com um negócio preto assim, desenho meio espiral, meio preto¹⁹.

O gozado é que quando eu começava no Ceset com aula de teoria dos números, começava a falar de número natural, tinha aluno que torcia o nariz. Estava achando que ele ia fazer um cursinho de pré-primário. Eu perguntava aos alunos: “Eu gostaria de saber qual de vocês aí sabe o que é um número racional? O que é um número racional?” Ninguém sabia responder a definição de número racional. Então, de onde surgiram os racionais? Para você saber dos racionais, precisa saber dos inteiros. E para saberem os inteiros, vocês precisam saber os naturais. Por que eles não sabiam o que era, nem sabiam o que era o número racional.

No Ceset, depois dos conjuntos, eu passava para as funções. Depois ia para limites das funções, porque a gente tinha que dar derivada. Um professor de física lá do Ceset usava derivada, e numa aula, um aluno falou:

- Ah, mas eu não vi.

¹⁷ Trata-se da coleção Matemática para o curso colegial produzida pelo grupo “*School Mathematics Study Group* – que se reunia em Nova York, na Fordham University” e que teve uma versão brasileira produzida pela Funbec - Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências (GARNICA, 2008, p.6).

¹⁸ A Coleção Matemática Moderna, publicada pela Editora Moderna na década de 1970, era composta inicialmente por nove volumes: 1. Teoria dos Conjuntos; 2. Álgebra I; 3. Geometria de Posição; 4. Geometria Métrica; 5. Trigonometria; 6. Álgebra II; 7. Álgebra III; 8. Álgebra IV e 9. Geometria Analítica. Os autores eram Cid A. Guelli, Gelson Iezzi e Osvaldo Dolce.

¹⁹ Pela descrição apresentada pelo professor Edenilson, acreditamos tratar-se do livro “Cálculo e Geometria Analítica. Para o científico e vestibular”, de José Alexandre Passos, publicado pela Editora Ao Livro Técnico em 1967.

- Isso aí é coisa do professor de cálculo, disse o professor de física.
- Ah, professor, o professor de física falou que o senhor precisa dar isso.
- Olha, fala para o seu professor de física, que matemática tem uma seqüência. Eu não posso, por exemplo, falar para vocês de derivada se eu não falei em limite. Porque derivada é um limite. Então, tem que falar em limite primeiro, dar o que é um limite, definir o limite, fazer alguma coisa, depois definir derivada em cima dos limites. Como eu vou falar em derivada? Vocês estão vendo limites agora. Logo depois de limites vou dar derivada, falei pra ele. Agora, se ele quer usar logo no começo do ano, ele deve dar uma explicação mais ou menos e usar. Depois vocês terão isso aqui.

Achei que ele quis dar uma de bacana em cima. Ele precisa entender que existe uma seqüência. Não posso chegar e dar uma derivada para o aluno: olha, a derivada é o limite para Δx tendendo a zero.

O problema do colégio técnico que eu percebia é que tinha professor, por exemplo, que gostava de funções e só dava funções. Você não pode levar o programa por aquilo que você gosta mais. Porque lá você é livre para ter seu programa. Você se reúne para que, mais ou menos, todos tenham a mesma linha. Mas não é porque você gosta de função que vai dar aquele monte de coisas sobre função que para o aluno do colégio técnico não interessa nada. A matemática do colégio técnico é mais aplicada, porque matemática teórica em cursos técnicos não funciona. O aluno não se interessa. Você tem que dar a parte prática e aplicar aquilo que você está fazendo. Era o que eu fazia. Eu não ficava naquelas teorias e mais teorias. Para o aluno de técnico não interessa. Para falar a verdade, muitas vezes nem para o vestibular. Agora não adiantava pedir para os alunos ficarem fazendo pesquisa e mais pesquisas, pois era um curso noturno e eles não tinham nem tempo de estar pesquisando. Por isso, sempre se preferiu dar aulas de matemática nesses cursos assim para

engenheiros. Para quê? Para dar uma parte mais prática, menos teórica. Porque matemática teórica em cursos técnicos não funciona.

Por exemplo, para definir a integral, tem a soma superior e a soma inferior. Isso aí eu não fazia com eles, certo? Como eu introduzia a integral no Ceset? Eu dava a derivada, da derivada eu passava para a antidiferencial e falava: a integral é determinar a função cuja diferencial vocês conhecem. Então, a antidiferencial que é chamada de integral. Daí o que eu fazia? Eu dava uma função, eu derivava, achava a diferencial. Eu colocava na integral e voltava para a função inicial. Só que, por exemplo, lá na função tinha um $+5$. Esse $+5$ desaparecia. Então, como você deriva? Derivada da constante se anula e então aparece aquele $+c$, por isso que ela é chamada de integral indefinida. Para cada valor desse c aí é um valor diferente. Eu falava: para $c = 5$, por exemplo, nós caímos na primitiva, certo? Então, eu não ficava muito em teorias e teorias. Daí o que aconteceu? Houve aquele concurso lá, começaram a contratar muitos professores com mestrado, doutorado... Os alunos detestavam.

Uma vez, quando eu estava dando aula no Ceset, que também é técnico, uma professora veio falando:

- Ednilson, o que é que você faz com os alunos que eles só querem ter aulas com você?
- Eu sei lá. Dou aula.

Bem que eu gostaria de falar. Para falar a verdade eu não focava, não ficava preso nessas teorias todas. Era um curso tão rápido. Dois semestres. O que é que você ia dar em dois semestres?

Lá no Cotil estava acontecendo um pouco disso aí. Professor gosta de função e fica um semestre dando função. Começa a querer falar em função ímpar, par. O que interessa isso para o aluno de colégio? Não interessa nada. Vai para frente. Introduz função, fala de função real e já começa com limite em cima de função. Não fica perdendo muito tempo. Porque para você dar limites e funções no Cotil era um semestre. Muitas vezes você tinha que dar toda a

geometria analítica antes, para depois passar para a parte de funções. Então, se você ficasse em função, ficava o ano inteiro. Qualquer assunto de matemática que você pegar, pode ficar os três anos só com aquilo. Mas não pode. Eu acho que colégio técnico, mesmo o Ceset, não pode ficar com muita teoria e pouca aplicação. Dar exercícios para os meninos fazerem bastante, para eles desenvolverem. Mas infelizmente isso acontece muito com professor formado em matemática. Eu fiz matemática, mas eu nunca fui daqueles de muita teoria. Eu gostava de dar teoria e já dar muitos exercícios.

Sobre a formação do Cotil, diziam na época que houve um período em que a verba das universidades era proporcional, geralmente, ao número de alunos, então foi criado um colégio técnico em Campinas e um em Limeira com esse intuito. Talvez também tenha sido alguma ideia do Zeferino Vaz em criar esses dois colégios. Isso aí foi um negócio muito discutido. Diziam que o colégio técnico era um desvio de verba. Quer dizer, manter um colégio junto à universidade é desvio de verbas.

Alguns professores da Unicamp foram reclamar porque quando foi feita a estrutura da carreira do professor, aqueles professores, como no meu caso, que já estavam lá em cima, na letra M, ganhavam mais do que alguns professores MS1 e MS2 da Unicamp. Esses professores foram reclamar, inclusive com o Paulo Renato. Eu estava em uma reunião lá e ele falou para esses professores:

- Isso é muito simples, vocês vão dar aula no colégio. Vocês ganham 40 horas de trabalho, mas vocês dão o quê? Meia dúzia de aulas. Agora lá não.

Aqui a gente ganhava quarenta horas, mas a gente dava quarenta horas. Depois é que houve essa estrutura. Tudo isso que está lá de benefício para o professor aconteceu na minha gestão.

Agora, a faculdade que foi criada em Limeira, a FEL²⁰, era para ser faculdade de mecânica. Mas por interesses pessoais, não sei de quem, é que se

²⁰

Faculdade de Engenharia Civil da Unicamp, criada em 1969 em Limeira.

transformou em civil. Tanto que o primeiro e segundo anos da engenharia civil eram em Campinas. A partir do terceiro ano é que eles iam para Limeira. Então era uma guerra dos alunos porque eles falavam: “Poxa, eu saio da minha cidade, chego em Campinas, aquela luta para arranjar alojamento. Arrumo. Daí, depois de dois anos, tenho que ir para Limeira, atrás de alojamento novo”. Então eles criticavam muito essa parte.

2.3. Professor Agostinho Adam Júnior

Meu nome é Agostinho Adam Júnior, sou professor de matemática do Colégio Técnico de Limeira, Cotil. Eu me formei na Faculdade de Ciências e Letras de Rio Claro que agora é Unesp, em licenciatura em matemática no ano de 1972. Eu era aluno do curso científico no Castelo Branco quando o Cotil foi criado.

Eu comecei a dar aulas, na verdade, eu, o Zacharias, o Pena lá no cursinho Procotil²¹ em 1976. Era um preparatório para entrar no Cotil. Depois, em 1975 eu fui dar aulas no Colégio Bandeirantes²², um colégio técnico de contabilidade onde eu fiquei dois anos dando aulas à noite.

Só que eu não fiquei apenas lecionando. Eu comecei a trabalhar com seguros no Bradesco, na Bradescor Companhia de Seguros. Lá eu trabalhava de manhã e fazia inspeção de seguros na região. Então, apareceu a oportunidade no Cotil.

Entrei no Cotil no dia primeiro de março de 1978. Então, eu estava nos dois colégios, no Bradescor e agora no Cotil. Cheguei nesse ponto e comecei a largar aos poucos alguns trabalhos. Primeiro eu larguei o Bandeirantes, depois o Procotil. No fim, eu larguei o seguro também e fiquei só aqui no Cotil. Entrei aqui

²¹ O Procotil, criado em 1968, foi uma iniciativa de alguns alunos da primeira turma do Cotil com o objetivo de ensinar seus colegas com dificuldades nas disciplinas do Cotil. Posteriormente, transformou-se em um cursinho preparatório ao exame de seleção do Cotil. “A partir de 1980 a escola começou a definir o seu perfil de atuação como colégio e não somente como cursinho. Conseqüentemente, o crescimento se deu com a autorização do Curso Supletivo de 1o Grau, e em 1982 com a implantação do Curso Regular de 2o Grau com Habilitação Parcial em Química” <http://www.procotil.com.br>. Acesso em 06-01-2010.

²² O Colégio Bandeirantes de Limeira era voltado à formação de técnicos em contabilidade. Denominado atualmente Colégio Barão de Limeira, a escola oferece ensino fundamental, médio e profissionalizante.

quando o diretor era o doutor Prince. Prince, Edenilson, Maurílio, Pena e agora o Saran. Dos seis diretores eu passei por cinco.

Quando eu entrei no Cotel, os professores de matemática eram o Aluisio, o Maurílio, o Edenilson e tinha uma outra moça de que eu não me lembro. Eu nunca vi essa moça. Eu entrei e ela já tinha saído. Quando eu entrei, tinha curso de estradas e depois foi mudando. Agrimensura, geomática²³ e edificações. Naquele período eu dava aulas à noite, algumas durante o dia e aos sábados. No começo eu vinha aos sábados. Ensinava física também. Era física e matemática. Mas eu fiquei dando aula de física dois, três anos só, no máximo.

Dei aulas nos cursos técnicos para edificações e na mecânica. Em um determinado momento a mecânica ramificou e foi montado o curso de qualidade. Comecei a dar aulas no de qualidade e de edificações. Depois fui para o curso de enfermagem. No fim, fiquei em qualidade e enfermagem.

No Cotel nós montávamos a proposta curricular, que era discutida em grupo com os demais professores nos dias de planejamento. E não era nada parecido com a proposta oficial do estado. Era voltada para os cursos técnicos. Na verdade, era mais apoio aos cursos técnicos. Era matemática aplicada, física aplicada. Depois foi mudando.

O planejamento era feito por nós professores de matemática. Por exemplo, no primeiro ano começávamos com trigonometria, e o conteúdo era a mesma coisa para todos os cursos técnicos, porém a gente incrementava. Os professores do técnico pediam para nós darmos algum assunto e, então, introduzíamos de acordo com o que eles queriam que os alunos soubessem. Até em enfermagem também. As professoras pediam para que nós focalizássemos aquelas coisas de proporção, regra de três. Já o curso de edificações precisava de coordenadas polares, então, a pedido dos professores da área técnica, nós dávamos uma “pincelada” em trigonometria com o direcionamento que o colega

²³ Geomática é uma área da geografia que se dedica à produção, coleta, armazenagem, análise, transmissão e gerenciamento de informações geográficas. Esse ramo da geografia recebe um novo impulso a partir da “segunda metade do século XX, com a invenção do computador, ao combinar seu conhecimento com o novo recurso tecnológico” <http://conhecimentopratico.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/25/artigo133505-1.asp>. Acesso em 07/01/2010. Atualmente, o Cotel oferece o curso de Técnico em Geomática no período diurno, com duração de três anos.

técnico queria. Antes era tudo misturado, técnico e médio. Não tinha nada a ver com o que é agora o ensino médio e o técnico separados.

No colégio geralmente a gente trabalhava com apostila ou indicava livros. Eu montava minha apostila e também indicava livros. Antes, era lousa, giz e caderno, depois foi mudando. Com a introdução da tecnologia foi mudando. Deu para montar apostilas para os alunos com exercícios e teoria. Eu usava como livro de referência o livro do Gelson Iezzi²⁴ ou o do Dante²⁵.

Eu fiz científico no Castelo Branco, numa turma depois do Quintal. Ele estava lá na frente. Ele, o Jorge Assato, o Zacha. Eles eram da mesma época. No Castelo, quando eu fiz científico, eu usava aquele livrão grosso do “Bezerra”²⁶. Comecei com aquele livro. Ele era mais “coisa mecânica”. Era “calcule isso”, “calcule aquilo”. Não tinha esse negócio, como tem agora, com aplicações, com alguma informação inicial para começar o assunto, onde usa, etc.

Antigamente, você aprendia o “negócio” e não sabia para que usava. No meu tempo, pelo menos, era assim. Agora, na aplicação, o aluno já via onde ele usava, as aplicações. Quando eu preparava minhas aulas do Cotel, eu pegava por essa parte da aplicação. Era importante isso para o Cotel.

Quando eu era professor no Bandeirantes, usava o livro de matemática financeira do Nicolau D'Ambrosio e Ubiratan D'Ambrosio²⁷. Tinha todas as partes de razões, proporções, regra de três, porcentagem, juros, juros compostos, logaritmo, exponencial, PA e PG. A abordagem era de matemática aplicada. Daí eu não sei se é por isso que eu continuei a usar as aplicações nas aulas de matemática.

²⁴ O professor Agostinho não explicitou qual era foi o livro de Gelson Iezzi que teria utilizado e não tivemos oportunidade até o momento de solicitar esse esclarecimento. Sabemos, no entanto, que Gelson Iezzi publicou pela Atual Editora, da qual era um dos sócios, outras coleções para o ensino médio, além da já mencionada Coleção Matemática Moderna. Uma dessas coleções foi muito utilizada desde o final da década de 1980. Trata-se da Coleção Matemática, publicada em parceria com Osvaldo Dolce, José Carlos Teixeira, Nilson José Machado, Marcio Cintra Goulart, Luiz Roberto da Silva Castro e Antonio dos Santos Machado.

²⁵ Também não tivemos oportunidade de esclarecer qual o livro de Luiz Roberto Dante que o professor Agostinho utilizou. No entanto é provável que o professor tenha utilizado Matemática: Contexto & Aplicações, publicado em volume único pela Editora Ática em 1982 e, posteriormente, em três volumes pela Editora Ática.

²⁶ O entrevistado está se referindo ao “Bezerrão”, já comentado em nota anterior.

²⁷ Trata-se do livro “Matemática Comercial e Financeira: complementos de matemática e introdução ao cálculo”, escrito pelos autores citados e publicado pela Companhia Editora Nacional.

Quando eu entrei aqui no Cotil, já existiam essas mudanças de ter aplicações, de não ser tão mecânico assim. Porque aqui você tem que dar o assunto e aplicar no que era interessante para o colégio técnico. Por isso, as disciplinas eram matemática aplicada, física aplicada, etc. O mesmo não acontecia nos outros colégios. O tal do vestibular naquela época era mecânico. Era calcule isso, faça aquilo.

Eu não me lembro muito da Matemática Moderna, porque eu sempre dei aulas para o colegial e o foco da Matemática Moderna foi o ensino ginásial. No colegial a única coisa que mudou foi a forma de apresentar os problemas. Não me lembro se aqui entrou Matemática Moderna, mas aqui no colégio também não tinha essa abertura. Por exemplo, eu tenho a coleção do Oswaldo Sangiorgi, mas era para ensino até a 8ª série, por isso que eu falei que era só até o ginásial. Era uma coleção toda colorida. Os conjuntos, a teoria dos conjuntos. Eu me lembro disso nos livros do Sangiorgi. Eu dava aulas para “madureza”²⁸ do Procotil e lá tinha ginásial. No começo todo mundo falava que conjuntos era “bicho de sete cabeças”, mas não era. Também não me lembro de ter tido contato com os livros do MSG, ou com o grupo do GEEM de São Paulo”²⁹.

Eu me lembro da época em que os pais falavam: “O meu filho está tendo Matemática Moderna e agora mudou tudo!”. Mas na verdade não mudou nada. Mas esses pais que reclamavam eram pais de outros colégios. Aqui no colégio não. Eu acho que desde quando eu saí da faculdade, em 1972, o ensino da

²⁸ “Nome do curso de educação de jovens e adultos – e também do exame final de aprovação do curso - que ministrava disciplinas dos antigos ginásio e colegial, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1961. Fixava em 16 e 19 anos as idades mínimas para o início dos cursos, respectivamente, de Madureza Ginásial e de Madureza Colegial. Exigia, porém, um prazo de dois a três anos para a sua conclusão em cada ciclo, exigência essa abolida posteriormente pelo Decreto-Lei nº 709/69. Isso ocorreu porque a clientela dos exames de madureza era formada, na sua maioria, de autodidatas que tentavam suprir a formação escolar dentro de suas próprias condições de vida e de trabalho. Para essas pessoas somente o exame interessava”. <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=293>. Acesso em 07/01/2010. Como mencionado em nota anterior, o Procotil, a partir de 1980, iniciou o oferecimento de “Curso Supletivo de 1º grau”, que naquele período era chamado de “Curso de Madureza Ginásial”, uma vez que preparava candidatos para a realização de exames para obtenção de diploma equivalente ao das séries finais do atual Ensino Fundamental. O Ensino Médio naquele período era denominado Colegial.

²⁹ “Grupo de Estudos do Ensino da Matemática, fundado em outubro de 1961, por professores do estado de São Paulo, tendo como principal representante Oswaldo Sangiorgi” (MIORIM, 1998, p.113).

disciplina matemática não mudou. Porque antes era também assim, até no colegial. A teoria do calcule isso, calcule aquilo, resolva a equação.

Eu não me lembro bem quando eu tive o primeiro contato com a Matemática Moderna. Na faculdade não foi. Nós somos de uma época mais antiga. Nem informática tinha. Quando nós fomos para o Rio de Janeiro, em 1974, em uma excursão para a Universidade Federal do Rio, a informática estava engatinhando lá. Leitura de cartão.

Não tinha também cursos, que eu me lembre, para professores sobre o assunto. Talvez tivessem cursos para professores do ensino fundamental, no básico.

2.4. Professor Antonio Vanderlei de Quintal

Meu nome é Antonio Vanderlei de Quintal. Sou professor de matemática do Colégio Técnico de Limeira e da Escola Técnica Estadual Trajano de Camargo. Sou formado em matemática pela PUC-Campinas e em Engenharia Mecânica pela Unicamp. Eu comecei a fazer matemática no Mackenzie. A minha origem é mackenzista. Mudei para a matemática da PUC de Campinas porque eu fiz exame de suficiência na engenharia mecânica da Unicamp e, então, fazia os dois cursos. O de matemática, à noite na PUC, e as matérias técnicas do curso de engenharia no período diurno. Antes disso eu fui aluno da primeira turma de mecânica do Cofil em 1967.

Fiz colégio técnico em mecânica e simultaneamente o científico. Eu já cursava o científico quando entrei no Cofil. Eu já conhecia toda a parte de física, estava um ano adiantado no científico, que cursava à noite. Entrei no Cofil porque o mercado metalúrgico, as empresas metalúrgicas, a concentração de indústrias metalúrgicas era grande em Limeira. Era um bom ramo. Hoje é um arremedo daquilo que existia. Só para você ter uma ideia, na “Feira da Mecânica Nacional”³⁰, nós chegamos a ter 12, 14 empresas de Limeira. Nós tínhamos a

³⁰ “A primeira Feira da Mecânica Nacional (FMN) nasce em 1959, durante a corrida desenvolvimentista empreendida pelo governo JK. O Brasil já fabricava 70% dos equipamentos necessários a setores industriais

Luccato, D'Andrea, Newton, Chinelato, Furlan... Nós tínhamos 14 empresas. Hoje são duas: a Newton e a Chinelato, e só. Não tem indústria de máquinas. Tanto é que o colégio chamava-se máquinas e motores: Colégio Técnico Industrial de Máquinas e Motores. Essa é uma justificativa para a construção do colégio técnico aqui em Limeira.

O Cotil era bem puxado. Eu tenho até o currículo³¹ aí com os nomes das disciplinas. Quatro aulas semanais! Sempre foram quatro aulas semanais. Agora, a escola não era muito democrática. Na minha turma entraram 62 alunos e no terceiro ano só 14 alunos sobraram. Eu fui um destes. Tinha uma infinidade de reprovações. Por exemplo, o Dirceu³² foi meu colega desde o primeiro ano, mas ele não conseguiu na primeira. Ficou reprovado no primeiro ano. Mas ele tinha uma habilidade técnica de fazer desenho técnico excelente como é até hoje. Por que a minha facilidade e por que eu passei? Porque eu, simultaneamente, fazia o científico e então eu conhecia toda a parte de física. Eu estava um ano adiantado no científico. Então, alguns conceitos eu não precisava estudar tanto porque eu já tinha as aulas. As dúvidas que eu tinha à noite eu ia lá e “crau” no professor.

O magistério para mim começou em 1973. Não comecei dando aula de matemática. Comecei dando aula de desenho técnico-mecânico no Trajano Camargo. Era uma escola de primeiro grau ainda. Era um ginásio industrial. Depois apareceu o ensino técnico e, então, a gente passou a dar aula no ensino técnico. Essa oportunidade surgiu porque eu estava fazendo a parte técnica da engenharia na Unicamp e então eu passei a ministrar aulas técnicas no ensino técnico. Depois das técnicas, eles me ofereceram matemática, visto que eu estava no último ano, quase me formando nessa área. Formado em matemática

estratégicos, como petróleo e petroquímica, mas a maior parte das máquinas e equipamentos ainda era importada”. Em sua 20ª edição, em 1994, foi transformada em Feira Internacional de Mecânica. A 28ª Feira Internacional da Mecânica, acontecerá em 2010, no Anhembi em São Paulo. <http://www.mecanica.com.br>. Acesso em 15/08/2009.

³¹ Uma cópia desse documento encontra-se no Anexo 2.

³² Professor Dirceu Spaziente, hoje aposentado, ministrou aulas de Desenho Técnico Industrial na área de Mecânica. Ocupou o cargo de diretor associado no colégio na direção do professor Maurilo e também na direção do professor Saran. Foi também o professor Dirceu o responsável por organizar a primeira formatura de alunos do colégio.

continuei dando as aulas dessa matéria e as aulas de desenho técnico foram passadas para outras pessoas.

No ano de 1980 surgiu o primeiro concurso público. Eu passei no concurso e me efetivei no estado. Efetivei-me na Escola Deputado Laércio Corte, na “Vista Alegre”, uma escola de periferia. Eu fui dar aula à noite lá porque já tinha um trabalho técnico aqui. Fazia engenharia na Unicamp, mas tinha um trabalho técnico na Newton. Era mais ou menos como um assessor de engenharia, e dava aula. Comecei a dar aulas no ginásio normal lá no Laércio Corte³³. Depois, passados mais alguns anos, do Laércio Corte eu passei para o Dom Idílio³⁴, um pouco mais na periferia, porque assim estava garantindo minhas aulas de matemática, continuava trabalhando de dia e fazendo o curso na Unicamp. Com a base que o colégio técnico me deu as matérias técnicas da faculdade de engenharia foram tranqüilas para mim. Desenho técnico tranqüilo, a parte de matemática, de física, iniciação para resistência de materiais também foram tranqüilas. O colégio equivalia à faculdade. Eu levei a faculdade com os pés nas costas para falar bem a verdade. Dado que eu já trabalhava aqui, todas as coisas técnicas de dúvidas de usinagem e outras coisas eu já resolvia aqui na Newton.

No Dom Idílio era ginásio acadêmico. Daí, eu transferi minha escola para o Lázaro Duarte³⁵, porque nós começamos a ter a crise do petróleo. Não me lembro bem o ano. Mas era longe para eu ir dar aula, então falei: “Vou me transferir daqui para o Lázaro Duarte”. Em 1984. Aqui já tinha também ginásio, só ginásio acadêmico.

No mesmo ano, em 1984, surgiu a vaga no Cotel. O professor Aloísio foi para o campus avançado da Unicamp lá no Acre e o professor Maurilo tinha sido transferido para Campinas por problemas de ordem administrativa do Cotel. Nessa época eu fui convidado para trabalhar neste colégio para dar aula de matemática no ensino médio, no ensino técnico. Na verdade, na época, não

³³ Atualmente a instituição não é mais estadual. Esta foi municipalizada no ano de 1994 e hoje é conhecida como ‘EMEIEF Deputado Laércio Corte’ localizada no Bairro Jardim Vista Alegre.

³⁴ Escola Estadual Dom Idílio José Soares, localizada no Bairro Jardim Vista Alegre em Limeira.

³⁵ Escola Estadual Lázaro Duarte do Pátio, localizada no Bairro Jardim Brasil e, Limeira.

tinha ensino médio, era tudo integrado. Passei a dar aula no curso técnico de mecânica dada a experiência que eu já tinha na área técnica que adquiri na Newton.

Deixei o cargo do Lázaro Duarte porque eu prestei concurso em 1994 lá na Paula Souza³⁶. Na época o concurso era estadual. Passei e larguei as aulas do ginásio aqui do Lázaro Duarte, e passei a trabalhar também no Cotel e na Fundação Paula Souza, no Trajano Camargo. Basicamente em 1993 eu deixei a área técnica. Trabalho aqui em casa. Em casa nós temos só os e-mails, mas efetivamente eu dou assistência aqui em casa.

No Cotel, eu sempre dei aula para os cursos técnicos de mecânica. Depois no de informática e depois para a qualidade. No meu caso, eu dava aula para o curso de mecânica, pela minha formação de área técnica. O professor Maurilo deixou bem claro. Ele falou: “Olha, Quintal”... E isso foi uma coisa boa que ele fez, na minha maneira de ver... “Você tem afinidade com mecânica, e vai dar aula na mecânica. E como você já está entrosado na empresa com um pouco de informática...”, porque em 1989 começou a febre de informática. E continuou: “Eu quero que você dê informática à noite”. A Rosa³⁷ ficou com as aulas da manhã. Ela também gostava de mexer com essa parte de informática. E desde aquela época, eu fico sempre com matemática na mecânica e na informática. E na informática por quê? Na época, surgiu... Foi quando fui até aprender esse material³⁸... A ministrar esse material... Até então se trabalhava na base 10. Foi aí que apareceu o binário, octal, hexadecimal. A gente foi obrigado a mergulhar para aprender como é que fazia as transformações. Todo esse material aí apareceu, na verdade, de 1989 para cá. O curso era chamado de processamento de dados. Na época não era informática. Então, até hoje só ministro aula nesses dois cursos. Também gosto dos cursos de qualidade e produtividade porque envolvem estatística, mas sempre respeitei a vontade dos

³⁶ O entrevistado está se referindo à ETE Trajano Camargo que a partir de 1º de janeiro de 1994, como ocorreu com todas as escolas técnicas estaduais, foi transferida para o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. <http://www.trajanocamargo.com.br/historia.php>. Acesso em 07/01/2010.

³⁷ Professora Doutora Rosa Maria Machado. Leciona Matemática no Colégio Técnico de Limeira - Cotel.

³⁸ O professor Quintal não mostra nem faz referência direta a um material específico. Ele está se referindo a elementos associados ao ensino de informática, tal como ele mesmo cita, a base binária, hexadecimal e demais transformações.

engenheiros, porque eles têm maior aplicabilidade. Como eu lido ainda com a área técnica, muita coisa eu sei, mas não é a minha especialidade, não é minha área.

No Cotel, por existirem diferentes cursos técnicos e necessidades diferentes dos cursos em relação ao conteúdo, fazíamos um planejamento global da disciplina. E isso começou já em 1967 desde que eu era aluno. Por exemplo, nós começávamos a estudar trigonometria. No primeiro ano era trigonometria. Era calcular em radianos, tudo no círculo trigonométrico, resolução de triângulos quaisquer. Tudo isso era matéria do primeiro semestre do primeiro ano. A primeira matéria era trigonometria porque havia disciplinas do técnico no primeiro ano que precisavam. Por exemplo, mecânica técnica, que na verdade era o programa de dinâmica, precisava de seno e cosseno, precisava saber decompor as forças, etc. Então matemática trabalhava isso, enquanto física estava trabalhando outra parte. A física via ótica, via ondulatória. A parte de eletricidade, de física, era dada como eletrotécnica no técnico. Então, física não se preocupava com eletricidade. Quem dava era o técnico. Existia um programa integrado. Isso ficou assim até 1996, quando com a Lei 9394³⁹ passamos a separar o ensino técnico do ensino médio. Foi aí então que começaram os conjuntos, funções, que era o programa oficial do MEC.

No primeiro ano, depois de trigonometria, tinha PA e PG. No Cotel, nós chegávamos no terceiro ano a trabalhar com limites e derivadas e, em algumas classes, até integral. Na minha época de estudante, eu tive integral no terceiro ano de colégio, em 1969. E eram quatro aulas semanais! Sempre foram quatro aulas semanais.

Nessa época o conteúdo era o do livro do “Bezerra”, do “Bezerrão”. Isso no início de 1967. O conteúdo era o mesmo. Era função exponencial, logaritmo. Só que não se falava muito em funções. Era logaritmo e “pau na máquina”. Não tinha, não se falava em função logarítmica. Não se tratava muito em termos de, por exemplo, análise de gráficos. Era logaritmo puro e simples. Nós tínhamos

³⁹ O professor refere-se à Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

uma tábua de logaritmos. A gente levava embaixo do braço e todos os cálculos eram em função desta tábua. Os logaritmos eram ensinados, as regras de cálculo. Conhece a régua de cálculo?

Nós trabalhávamos com resistência de materiais e usávamos muitas vezes a tábua. O professor exigia muitas vezes que nós trabalhássemos com cinco casas decimais. A régua de cálculo é limitada. Ela facilitava, ajudava muito, mas era de decimal e olhe lá! Primeiro decimal e só. Centesimal jamais. Então, hoje, por exemplo, não daria para fazer os cálculos. Hoje tem medidas na Varga, por exemplo, que para calcular, precisa de décimos de milésimos. O avaliável é décimos de milésimos.

O paquímetro, por exemplo, era só de décimo, não tinha ainda o de milésimos. Hoje tem paquímetro com cinco centésimos. Micrômetros também eram só com décimos. Hoje têm micrômetros que estão nos milésimos. Tudo foi se adequando. Aí em 1974 apareceu a primeira calculadora científica. Até então as calculadoras só faziam as quatro operações. Apareceu logaritmo. A Sharp era a marca mais famosa da época. Apareceram as primeiras calculadoras. Então, a gente ia para a aula de cálculo numérico de matemática com as calculadoras. A gente levava três caixas de pilha porque no meio dos cálculos as pilhas acabavam. Eram quatro pilhas dessas pequenas, mas acabavam nos cálculos numéricos.

A diferença que existia, dada a formação técnica que a gente tinha, eram os exemplos que a gente dava de matemática no curso de estradas, explorava a construção de pontes, problema da catenária. Tudo o que era ligado à engenharia civil que a gente podia trocar. O professor Marcos me ajudou muito. Trocávamos ideias. “Isso aqui, Marcos como é?” Então, tem toda uma estrutura técnica, que envolve a matemática nessa história toda. Os exemplos sempre foram assim.

Nesse período não havia Matemática Moderna. Nada, nada. Intervalo, conjunto, nada. A primeira vez que eu tive contato com a Matemática Moderna foi no ginásio de 1962 a 1966. Porque em 1966 eu entrei já no científico. No

ginásio, o contato que eu tive foi com os livrinhos do Sangiorgi⁴⁰. Nesses livros tinha alguns conceitos de conjunto. Os meus primeiros livros de matemática foram os do Oswaldo Sangiorgi. Antes não tinha livro. Existia um “negócio” que se chamava preparatório⁴¹. Era um tipo de preparação para entrar no ginásio. Porque as escolas públicas, os institutos de educação, não tinham tantas vagas como hoje, não tinha essa democratização de hoje. A concorrência era violenta. Tinha cinquenta vagas quando eu entrei. Eram cinquenta vagas aqui em Limeira, que tinha trezentos mil habitantes. Os demais tinham que fazer contabilidade em outras escolas, no Santo Antônio ou no Bandeirantes.

Foi a partir desses livrinhos que os professores se perderam. A nova “leva” e o pessoal antigo passaram a dar conjuntos e esqueceram dos outros conteúdos. Com a parte de intervalos mesmo eu fui ter contato na faculdade em 1971, 1972. Houve a necessidade de estudar conjuntos mesmo! Eu fui estudar conjuntos na universidade com o livro do Paul Halmos⁴², que é, até hoje, o papa da coisa.

Mas no colégio era “pau lascado”. A matemática nossa visava a parte técnica. Não ficava “alisando” muito não como hoje, o que eu acho errado. Eu acho que a teoria de conjuntos veio para deixar a matemática mais atraente, mais bonita. E veio “fechar” o ensino da matemática porque, na verdade, você ia dar uma resposta e não sabia em quais parâmetros estava trabalhando. Era um parâmetro real? Era um parâmetro racional? Não se sabia, não se falava nisso. Nunca eu fiquei sabendo no ginásio, por exemplo, que uma dízima periódica era um número racional. Nem como era o conjunto. Não se falava em conjuntos, conjunto racional... Aprendíamos os naturais sem saber o que eram os “naturais”. Eu vim a aprender conjuntos mesmo na faculdade. Até então, não se

⁴⁰ “O primeiro livro publicado para o ensino ginasial, correspondente às quatro últimas séries do atual ensino fundamental, tendo em seu título a denominação moderno foi o volume 1 da coleção *Matemática – Curso Moderno* do professor Oswaldo Sangiorgi, presidente do GEEM e licenciado em Matemática pela FFCL da Universidade de São Paulo, lançado pela Companhia Editora Nacional em 1963. A 1ª edição do quarto volume da coleção seria lançada em 1967. Para cada volume foi publicado um guia para uso dos professores” (MIORIM, 2005, p. 8).

⁴¹ De 1931 até 1971, para ingressar no curso ginasial, os alunos deveriam fazer provas das matérias do curso primário, denominadas Exames de Admissão ao Ginásio. Muitas escolas e professores particulares ofereciam cursos preparatórios a esses exames.

⁴² Trata-se do livro de Paul Halmos, “Teoria Ingênua dos Conjuntos”. (tradução de Irineu Bicudo) S. Paulo: Editora da USP e Editora Polígono, 1970.

falava de Matemática Moderna nas escolas. Na faculdade é que eu fui obrigado a estudar o Paul Halmos. Nos primeiros anos, toda essa matemática, a parte de cálculo, a parte de funções apareceu lá. A Renate Watanabe⁴³, que é até hoje professora de matemática no Mackenzie, “debulhou” essa parte de conjuntos. Eu tenho o livro dela.

Essa parte aí, que eu me lembro, apareceu na minha vida mesmo assim. Tanto é que foi aí que eu comecei a ter gosto pela matemática. Nunca larguei a escola. Eu prefiro trabalhar, embora não me renda, mas prefiro dar aula a trabalhar na área técnica. A área técnica é por necessidade, pois preciso sobreviver. A gente tem objetivos maiores na área técnica, mas sempre me deu mais satisfação trabalhar com matemática, mostrando os porquês. Porque até então, até na universidade, eu não sabia o porquê das coisas. Por exemplo: divisão de dois números racionais ou dois números fracionários, para ser mais específico. Por que mantém o numerador e multiplica pelo inverso do denominador? Essas coisas eu comecei a aprender na área prática de ensino na matemática, dentro da universidade. Na época, a PUC congregava gente muito boa, e a Unicamp estava engatinhando com a matemática, não tinha quase nada de matemática. A universidade “pesada” mesmo era a PUC. Professor “tal”, gente conhecida. Campinas sempre teve uma boa formação por causa da Escola de Cadetes. Os professores que davam aulas na Escola de Cadetes eram especializados, no Pedro II, no Colégio Militar de Agulhas Negras. Eles davam aulas também na PUC. Então, você tinha vários professores que eram coronéis, majores... Sobre a parte de topologia, por exemplo, foi um major que deu aula para mim. Ele sabia “pra caramba”. Muita coisa eu me lembro até hoje das aulas que ele deu. A PUC, então, era um berço. É uma pena que hoje não consegue nem formar uma classe de manhã. Só tem matemática à noite. Uma pena!

Eu sempre usei Matemática Moderna nas minhas aulas. Até hoje. Só que eu não fico fazendo muita “firula”. Explico graficamente, por exemplo, o

⁴³ Renate Gompertz Watanabe, formada em Matemática pela PUC-SP em 1952, foi membro do GEEM, é autora de vários livros didáticos e paradidáticos de matemática.

Diagrama de Venn, porque acredito que facilita o entendimento do pessoal. A parte gráfica facilita. Se amanhã ele começar a mexer com um pouco de lógica, facilita o trabalho. A parte de lógica hoje é pouco explorada. No curso de informática deveria ter uma aula específica, ou uma aula, das quatro de matemática, deveria ser para explicar lógica. Mas hoje aplico tudo a respeito da Matemática Moderna, só que não com aquela profundidade acadêmica, que para quem vai para a área acadêmica precisa saber. Mas a moçada sabe, tem o conceito. Essa parte aí eu aplico sem dó e não me arrependo.

O livro que nós usávamos era o livro do Cid Guelli. É interessante o livro dele. É o primeiro, pois não existia livro. Outro que também apareceu foi o livro do Scipione de Pierro Neto. Cid Guelli era do grupo do Anglo Latino. O Cid é que introduziu essa parte de Matemática Moderna dentro do cursinho. O Gelson lezzi dava aula lá na mesma época, mas só que ele dava analítica. O Gelson é de Corumbataí. Tinha o Gelson lezzi, tinha o Cid, o Oswaldo Dolce e o Murakami, mas este já é mais novo. O Cid Guelli foi o pai da história. Era interessante assistir a uma aula dele. Ele suava. Tinha duzentos caras dentro da sala já naquela época. Se não eram duzentos, eram 150, mas não tinha um pio, e o bicho suava. “Maravilha” as aulas dele. Mas foi com o Cid Guelli que eu tomei contato mesmo com a parte de Matemática Moderna. Depois surgiu o grupo do Curso Universitário que era um outro cursinho de São Paulo. O Anglo e o Universitário eram específicos para engenharia e arquitetura, enquanto o Objetivo era específico para medicina. Depois de 1972, em 1973, começou o geral, começaram a explorar tudo. O Anglo mexeu com medicina, e o Objetivo também com engenharia, mas era específico. Nesse tempo também não existia Matemática Moderna no vestibular. Os livros que saíram dos cursinhos, na verdade, eram as apostilas que eles usavam. As apostilas viraram os livros.

Na época da Matemática Moderna os professores que já davam aula não tinham a formação necessária. Eles, na verdade, passaram a ser “papagaio” dos livros. Eles não tinham formação alguma. Quem se interessava tinha que comprar livros de conjuntos do Castrucci, que era um outro professor que também começou a editar livros. O “Castrucci” e esse livro traduzido que é do

Paul Halmos. Foi aí que o pessoal passou a ser autodidata. Não existiam cursos. Os que passaram a surgir na Unicamp, por exemplo, como jornadas de matemática e tal, começaram depois de 1980.

No estado não tive curso nenhum. Eu me formei em 1974 e até 1990 não fiz nenhum curso. Veja meu currículo, não fiz mais nenhum curso. Ninguém exigia e não era oferecido curso de atualização de nada. Você tinha que dar aulas, tinha o livro e era um “papagaio” do livro. Havia uma série de dúvidas, programas de Matemática Moderna mesmo, “n” dúvidas, mas aí, com os livros, foi “matando”, mas não tinha nada.

Houve uma revolução no ensino da matemática. O ensino da matemática na época do Bezerra era puramente aritmética. Você aprendia a resolver a equação de Bhaskara, e só. Eu não estudei, por exemplo, nada de funções. Eu não sabia quando era uma função do segundo grau, porque não se falava em função. Quando a função era do segundo grau, se era de concavidade para cima, concavidade para baixo, não se sabia. Fazia-se. O professor dava um exemplo, e nós fazíamos dez exercícios do mesmo exemplo, tanto do primeiro grau quanto do segundo grau. Eu fui tomar contato no cursinho Anglo Latino. “Opa! Equação do primeiro grau é uma reta?”. E o Cid começou a mexer com funções. Aí é que eu fui associar a parte geométrica com a parte de álgebra. Até então era só “calculeira”. É raiz quadrada de dois. Resolva “na unha”. Raiz quadrada de 20,65. Raiz cúbica! A matemática era puramente “calculeira”. Tanto é que você pode ver o livro do Bezerra.

Veio a Matemática Moderna que era só conjunto. Depois é que houve a Matemática Moderna do SMSG que introduziu os conceitos mais novos e que associou a parte prática da matemática. Não existia nenhum exercício, por exemplo, como tem hoje aí. Matemática para os cientistas. Era só exemplo clássico: resolvia e boa. Foi o SMSG que ajustou a Matemática Moderna. E você sabe como é a educação. Demora dez anos para você ver alguma resposta. Então eles começaram na década de 1970, em 1975, embora eu já conhecesse lá do ginásio, mas havia professores com uma certa resistência à mudança que não aceitavam. Eles não se interessavam em trabalhar com conjuntos. Outros,

porém, que já eram mais a favor de mudanças, eram sempre de “papagaio”, sem muito conhecimento da coisa. E aí começaram as mudanças.

O que eu conheço são os livros anteriores a essa data que eu também não convivi. São livros do sebo e não têm nada de Matemática Moderna. São das décadas de 1940 e 1950. Só fomos tomar contato aqui no Brasil na década de 1960. Quando entrei no ginásio é que começou essa história da Matemática Moderna. Fora isso aí, até hoje na periferia das cidades, é só “calculeira”. Não se tem nada de Matemática Moderna e tem gente que é radical, ainda hoje, dizendo que não dá conjuntos, não trabalha com funções, só faz mesmo aritmética. Não mexe com funções.

Foi de dentro da universidade que surgiu a Matemática Moderna. Mas foi após 1974 que ela começou a aparecer em livros. Eu não tenho aqui comigo, mas os primeiros livros que a gente tinha aqui no Brasil eram da França, todos escritos em francês. Não tinha livro de matemática em português. Então, nós visitávamos na Barão de Itapetininga uma livraria. Os livros já eram caríssimos, mas a gente começou a comprar. A matemática era bem clássica. Depois começou a surgir a onda americana que foi com o MSG. Os livros americanos já faziam gráficos.

Quem mudou mesmo o ginásio, fez uma revolução aqui, foi o Imenes. Foi ele que deu uma revolucionada geral, começou a explicar o porquê das coisas. Mas aqui já é década de 1980, de 1990. Demorou para aparecer essas ideias!

2.5. Professor Luiz Carlos Zacharias

Meu nome é Luiz Carlos Zacharias. Atualmente sou professor do Colégio Técnico de Limeira. A minha formação é em licenciatura plena em matemática que concluí no ano de 1976, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, agora encampada pela Unesp, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho.

Na verdade eu dava aulas antes de iniciar a faculdade. Alguém achava

que eu sabia alguma coisa, e então comecei a dar aula em 1969. Eu tinha terminado o curso científico em 1968 e comecei a dar aula em um cursinho de “beira de estrada”. Você ia dar aula no sítio. Passei pelo cursinho Procotil que era um preparatório para o Cotel.

Tive um mentor no início de minha carreira de professor. Na verdade, um “paizão”: o professor Celestino. Tudo começou quando eu era aluno dele e fiz um trabalho para a sua disciplina. O trabalho ficou excelente. Um dos melhores trabalhos do curso na área de cálculo. Ele tinha uma visão de pegar e formar quem gostava de lidar com educação. Então o professor Odécio, o professor Lourenço, na época do Trajano de Camargo, orientaram a mim e a outros professores aqui do colégio também, como o professor Quintal, o professor Daniel, Agostinho. Eles incentivaram, nos orientaram a ser educador, a trabalharmos com educação. Havia outros que estavam com a gente que também tentaram seguir para a educação, mas não deram certo. Foram ser empresários, foram para outras carreiras.

Na parte técnica eu comecei em 1970 no colégio técnico de contabilidade aqui da cidade, a famosa “escolinha”, o Colégio Santo Antônio, a partir de 1972. Depois fui para o colégio São José, que também era de contabilidade, onde eu lecionava estatística e desenho geométrico na época. Nos cursos de contabilidade, eu sempre trabalhei com matemática e estatística.

Trabalhei no Trajano de Camargo, que também é um colégio técnico da cidade, coirmão do Cotel. Coirmão porque o Cotel iniciou seus trabalhos nas dependências do colégio Trajano. Iniciei com desenho geométrico, eletrotécnica, física aplicada, física, matemática, matemática aplicada. Tinha mecânica, eletromecânica, metalurgia, nutrição e dietética. Uma época depois teve decoração.

Eu trabalhei no Senai de 1981 até 1996, quando pedi demissão. O Senai é uma outra área técnica; é o técnico especialmente para o que seria o ensino fundamental agora, para aplicar matemática diretamente para a empresa. É um outro aluno, diferenciado de todos os alunos com que já convivi porque lá não tem flexibilidade. Lá é linha de empresa. Então é horário para sair, para tomar

água, para ir ao banheiro. Regras que são cumpridas à risca. Normas de empresa, tolerância de empresa.

Em especial no Colégio Técnico de Limeira, Cotil, eu comecei em 1990. Aqui no colégio eu iniciei com a carga mínima e depois foram aumentando, sempre na área de matemática e física. Depois apareceu matemática aplicada, física aplicada, estatística e agora, ultimamente, cálculo numérico. O cálculo numérico é uma iniciação ao limite, à derivada e integração. Principalmente integração de área porque é uma disciplina direcionada para o curso de geomática.

Aqui eu estou há, praticamente, 18 anos. Era para eu ter começado 13 anos antes, ou seja, estaria há quase 31 anos aqui. Foi oferecido para eu trabalhar aqui, mas o horário não era compatível. Era pegar ou largar. Larguei. Então passaram-se mais oito anos. Novamente pegar ou largar. Larguei. Aí, cinco anos depois, eu falei: “Não! Eu vou para o colégio técnico, pois é um colégio em que os alunos são especiais, diferenciados e que podem aprender tudo o que eu tenho para ensinar”.

Deixei todas as outras escolas por acreditar que aqui tinha uma melhor estrutura em relação às demais instituições. O Cotil oferece condições para trabalhar, principalmente as pessoas e o companheirismo que há entre os professores. A troca de informações é muito grande e aqui ela é uma exigência especial. Quem trabalha no Cotil está sempre em contato com a universidade, tem uma obrigatoriedade de estar sempre atualizado com relação às novas tecnologias, atualizado com conhecimentos diferenciados, e os professores que estão aqui são integrantes. Você é obrigado a trabalhar, mas essa obrigação é espontânea. Você faz porque gosta e vê que o resultado é sempre muito satisfatório. E mais ainda: nós temos – o que é uma conquista de todos nós que trabalhamos aqui – as olimpíadas, seja a paulista, seja a brasileira, tanto em física quanto em matemática. São alunos que recebem menção honrosa, medalhas de bronze, prata, ouro. Os alunos são competentes. E a parte cultural também. Não só de ciências, como da área de saúde, da área de enfermagem, também é muito grande a atuação junto à prefeitura, à Santa Casa, ao centro de

saúde, o departamento de humanas. Nós temos no Cotel Arte, que é uma integração das áreas exatas com humanas. Eu sempre disse no período em que fui diretor dessa escola, por quatro anos, que a escola não é só tecnologia, não é só ciências exatas, mas, sim, a parte humana.

Nosso país, antes da Segunda Guerra Mundial, dependia estritamente de produtos externos, pois nossa tecnologia era pequena. Então, algumas cabeças do Brasil, que são os fundadores do Senai, tomaram como modelo a educação embasada na educação francesa – as escolas politécnicas da França, da Alemanha, etc.

Então, o professor Zeferino Vaz agrupou as escolas para a constituição da Universidade Estadual de Campinas. Um dos decretos previa a criação de pelo menos dois colégios técnicos. Era obrigação da universidade ter um colégio técnico porque emanava de uma faculdade de filosofia, como ainda hoje a Universidade Estadual de Campinas tem que ter um colégio de aplicação⁴⁴, como todas as escolas isoladas. Inclusive a escola que eu fiz tinha o colégio de aplicação. Os alunos de ciências sociais, matemática, física, biologia iam dar aulas nas escolas de aplicação para melhorar o desempenho, para formar educadores em licenciatura, para poder ensinar mesmo.

Meu primeiro contato com a Matemática Moderna, na verdade, foi com o PSG, PSSG⁴⁵, em 1967, quando eu comecei a fazer o científico. Eu tive o privilégio de ter contato com esses livros. Eu fui primeiramente para a biologia.

⁴⁴ Os Colégios de Aplicação ou “de demonstração” eram escolas vinculadas às faculdades de filosofia, cujos alunos, futuros professores do ensino secundário, realizavam suas atividades de prática de ensino.”A criação do colégio de demonstração é viabilizada através do Decreto-lei 9053 de 12 de março de 1946 que estabelece a criação obrigatória de colégio de demonstração junto às faculdades de filosofia destinados à prática docente dos alunos matriculados no curso de didática. A direção do colégio de demonstração ficaria a cargo do catedrático da cadeira de didática” (FRANGELLA, 2000, p.8)

⁴⁵ Acreditamos que o professor Zacharias esteja se referindo a um material conhecido por PSSC destinado ao ensino de física. A sigla PSSC significa *Physical Science Study Committee*, nome do grupo responsável pela elaboração deste material. Possui características bastante semelhantes ao MSG. Também pela percepção do déficit educacional nas disciplinas de ciências que, no início da década de 1950, um grupo composto por professores do ensino médio (High School) juntamente com professores do MIT (Massachusetts Institute of Technology) começam a propor inovações no ensino de física. Esse material foi introduzido no Brasil no início da década de 1960 por acordos internacionais para a educação, traduzido por uma equipe do IBECC e inicialmente publicada pela Editora Universidade de Brasília. Também havia materiais para o ensino de biologia (BSCS - Biological Sciences Curriculum Study) e química (CBA - Chemical Bond Approach) nos mesmos moldes do PSSC ou do MSG, todos com o mesmo intuito de modernizar o ensino de ciências. “Poderíamos dizer que o projeto de física PSSC foi um dos maiores representantes do movimento inovador no ensino de ciências. Ele foi uma das primeiras iniciativas de pensar e efetivar um ensino de física atualizado, motivador e eficiente.” (ZYLBERSTAJN, 2009, p.1)

Foi na hora de fazer a inscrição para o vestibular que eu caí na matemática. Estudei uns dias para fazer história natural e depois: “vou fazer matemática!”. Na hora, na porta, lá.

Tenho a coleção ainda. Só que agora está meio desordenado na minha casa. De vez em quando, eu vou fazer uma arrumação nos livros. Eu pego os livros, dou uma olhada e falo: “Puxa vida!”. Aquelas coisas eram muito boas e ainda você continua usando. Você continua vendo aquela filosofia, aquelas ideias fantásticas. Tem quase quarenta anos em cima disso.

Você falava em Matemática Moderna desde os primeiros livros para a quinta, sexta, sétima, oitava séries, de teoria de conjuntos, do Oswaldo Sangiorgi. Então ele estava embasado no SMSG, era um livro fantástico.

Eu sou ainda da teoria conjuntiva do SMSG. Estudei em parte o SMSG, apliquei o SMSG no começo da minha carreira por uns bons tempos no Trajano de Camargo. Havia os guias curriculares. O estado ofereceu curso no período de férias e em alguns recessos. Quando não havia a Diretoria de Ensino de Limeira, nós íamos fazer o curso em Rio Claro ou em Campinas.

Tive palestras com o Ruy Madsen Barbosa, Oswaldo Sangiorgi, Gelson Iezzi, Oswaldo Dolce... Era o pessoal mais do cursinho Universitário, do Anglo Latino, que eram mais de exatas mesmo. Vinham outros que faziam educação matemática na PUC, na Unicamp, como Ubiratan D'Ambrosio. Nas aulas deste professor, nós viajávamos tanto quanto ele. Ele pegava um mapa mundi e nos fazia ver toda a história da matemática, a integração dos povos; como fizeram uso da matemática até os dias de hoje, explicava como ele via a matemática.

As universidades ofereciam cursos também para a parte legislativa, de como você deveria trabalhar. Havia guias curriculares de muito bom conteúdo, que além de filosófico, era prático e estava sempre baseado no SMSG, naquela cultura de conjuntos, mas com uma aplicabilidade muito forte, usando estatística, usando interpretação, teoria de problemas.

A gente vê que a escola procura novas culturas, novas tecnologias. Agora usamos o computador, por exemplo, mas começamos a ver que está tudo lá atrás. Vemos o que a Fuvest, a Vunesp e a Ufscar fazem, esse tipo de

emaranhado de situações-problema. Isso já havia com os livros do SMSG, PSG e PSSG. Havia também de química, física e biologia. É um contexto muito forte que os americanos fizeram e que ainda tem uma raiz muito grande. Não se fala mais nesses livros, pouquíssimo. Mas na hora em que você pega um exercício e vai atrás desses compêndios que têm toda aquela engenhosidade que tinham os do SMSG, por exemplo, o que você está fazendo é modernizando alguma coisa que naquela época já era moderna.

A única que ainda continua, daquele tempo, é a parte de teoria de conjuntos, que era a que mais se usava. Para tudo se falava em conjunto. Havia todas as demais áreas, mas não eram usadas. No começo da década de 1970, só se falava de teoria de conjuntos. Você abria um livro e tinha conjuntos. Depois, foi “abaixando o foco”. Não foi tão enfático como era seis ou sete anos antes.

Mesmo nos colégios técnicos, falava-se o “arroz com feijão”. Faziam matrizes, determinantes, sistemas lineares, polinômios, PA, PG, logaritmo, exponencial. Você dava aquelas coisas mais frias, mais equacionadas que agora; tinha mais filosofia em cima disso, não havia muitos exemplos. O SMSG já tinha, e os livros da época não.

O Manoel Jairo de Bezerra já era ultrapassado. Usava-se logaritmo, PA e PG, mas com praticidade, aplicações no dia-a-dia. Usava-se um fenômeno meteorológico, um fenômeno sismográfico, a produtividade de uma empresa, etc. Tempos atrás, não se usava tanta aplicação. Agora tem essa diversidade. O professor pode tomar agora uma revista e ver lá o foco de uma matéria que está trabalhando na escola e pode levar para o aluno ver. Como em estatística, como em qualquer logaritmo, como é um trabalho mecânico. Às vezes tem uma revista e eu levo. E a criança fica muito mais entusiasmada do que fazer apenas um exercício.

A matemática saiu daquela condição rígida, fechadinha. Agora ela diversificou. Ela está cada vez mais “crescente”. Você trabalha novos conhecimentos, novas tecnologias, novas ideias... Você pode “tocar” agora porque ela é muito mais fácil, mais aceitável. Ainda que existam algumas

barreiras, os profissionais que estão trabalhando nas escolas são mais abertos. Isso facilita a introdução de conceitos novos e menos rígidos. Antes só podia ser aquilo. Você tinha os axiomas, os corolários, apêndices... Agora é muita gente estudando, cada vez mais surgindo ideias amplas, com a universidade levando essas ideias. Não se deve ficar só em uma redoma, mas pôr em prática para mais pessoas, para que o conhecimento seja muito mais transmitido e alargado do que antigamente. Antigamente era fechado. Agora, não. A escola é ampla, aberta cada vez mais e é isso que vale. Conhecimento é isso. Por que apenas um detê-lo? O conhecimento é para todos e todos querem que esse conhecimento seja valorizado. Para alguns, você vai “jogar” e não vai “ter eco”, mas para outros vai “ter eco”.

Em 1990, quando vim para cá, como eu era novinho, era um entusiasta. Ia buscar com os amigos meus, buscar nas disciplinas técnicas, o que era interessante de trabalhar, para que o aluno tivesse um desempenho melhor nessas disciplinas. Usava exercícios do técnico, a matemática do dia-a-dia. Eu fazia uma outra montagem, outra modelagem para que os alunos vissem que essas coisas que eu falava ali, também se falava lá no técnico, era a mesma coisa.

Existiam livros excelentes, que contemplavam assuntos de Matemática Moderna. Trabalhamos bastante com esses livros no Trajano Camargo, denominados os “pretinhos”, que eram do pessoal do Anglo Latino: Gelson Iezzi, Osvaldo Dolce... Eram livros que já traziam coisas novas. Fiz um curso, em 1978, de um livro interessantíssimo da Renate Watanabe, da USP. Ela é esposa do Shideo Watanabe que foi diretor da Academia de Ciências do Estado de São Paulo. Acho que agora nem existe, mas era um livro, para a época, maravilhoso. É um livro de Matemática Moderna. Tem “modernidade”.

No colégio técnico nós não usávamos livros, porque aqui tem a evolução funcional. Se você faz apostilas, elas são avaliadas. Elas têm um valor, uma quantidade de pontos que melhora o seu desempenho na carreira. Então, a maioria ainda trabalha com apostilas. Alguns tópicos são sempre renovados. Nesses últimos três anos elas deixaram praticamente de existir porque o colégio

entrou no plano do livro didático. Agora nós adotamos livro didático, e a apostila é só um reforço. Esse reforço das apostilas são exercícios fundamentais, estruturais que os alunos precisavam ter. São aplicados como extraordinários ou preparatórios para as olimpíadas. As apostilas ficaram, praticamente, em um segundo plano. Provavelmente nós vamos renovar a linha do livro daqui ou vai se pensar em uma apostila.

Naquele tempo, mesmo nas apostilas, a matemática não era especificamente moderna. A Matemática Moderna da qual se falava era a teoria “conjuntiva”. Em tudo se falava em conjunto.

Na matemática nós sempre fizemos aplicações. Você tinha um conteúdo e utilizava um exemplo para a enfermagem, que é diferente de um exemplo para a mecânica, para a informática, etc. Mecânica e qualidade estão próximos. Geomática e construção civil estão próximos. Você faz esse tipo de “engrenamento”, pode até citar alguma coisa de um curso no outro. Porque o sujeito de mecânica vai construir a base para o computador, o da construção civil vai construir a casa dele, vai construir o imóvel. Às vezes, no mesmo problema, você só troca uma denominação, e tem a mesma resolução, a mesma solução para todas as áreas. Você vai enfocar para cada sala uma aplicação para obter o mesmo processo resolutivo para situações que deixam a situação-problema mais amena para o aluno.

No período da Matemática Moderna, nós tínhamos cursos oferecidos pelo estado, reunião de professores, etc. Sempre houve uma preocupação da Secretaria com isso. Quando eu entrei no estado, por volta de 1975, estava chegando a Matemática Moderna. Você já dava aula com base na Matemática Moderna no ensino de 2º grau.

Na reuniões, quem era professor do ensino de 2º grau falava o que estava sendo discutido em matemática para o pessoal que dava aula na quinta, sexta série, ou da primeira à quarta série do ginásio. Você usava exemplos de como poderia fazer uso da matemática. Quem já tinha experiência passava as experiências que tinha. As reuniões eram nas cidades, nos colégios. O pessoal da Secretaria vinha e falava com os professores da rede. Eram os matemáticos,

físicos... Muitas vezes eram cursos de uma semana, de trinta, 32, quarenta horas. Sempre era produtivo. Cansava, mas era produtivo.

As discussões, oferecidas em Campinas porque nesta cidade tinha a Diretoria Regional de Ensino, eram fundamentais. . Antes tinha Inspeção de Ensino Profissionalizante. A educação era cuidada com carinho.

Capítulo 3

Colégio Técnico de Limeira e Matemática Moderna: entrelaçando histórias

Desde as Escolas de Aprendizes e Artífices, organizadas em um sistema com o decreto 7.566 de 23 de setembro de 1909, o ensino técnico no país passou por diversas mudanças, diretamente associadas às transformações sócio-político-econômicas ocorridas.

De um ensino profissionalizante que priorizava as técnicas artesanais, com características assistencialistas como eram as Escolas de Aprendizes e Artífices, as escolas profissionais transformaram-se na década de 1940 com as Leis Orgânicas do Ensino em instituições que deveriam atender às novas necessidades industriais do país. Sabemos que essas leis não mudaram por completo o aspecto dualista do ensino que havia até então, caracterizando o ensino profissional como sendo voltado para as classes menos favorecidas. Tal característica dualista vai transformando-se durante os anos à medida que a economia brasileira deixa de ser puramente agrícola e caminha para a industrialização.

Tal mudança econômica no país é intensificada com a queda do preço do café, principal produto agrícola nacional, no mercado exterior. Corroborando esse fato, temos a queda da importação de alguns produtos devido às duas grandes guerras mundiais, o que reforça a necessidade de industrialização destes produtos no país. Segundo Fausto:

Terminada a Segunda Guerra Mundial, restabeleceram-se pouco a pouco os níveis de comércio internacional, no início de forma unilateral, na medida em que os países europeus e o Japão tiveram que reconstruir primeiro suas economias, arrasadas durante o conflito. Os Estados Unidos contribuíram de forma ampla para esta reconstrução, de modo que durante a primeira década do pós-guerra não havia grande disponibilidade de capitais dos países desenvolvidos para serem investidos em países como o Brasil, que estavam se industrializando.” (FAUSTO, 2004, p.221)

Durante a década de 1940, as Leis Orgânicas do Ensino promovem um ensino primário comum a todos os alunos, porém vai separando-os nos anos posteriores em Ensino Secundário (aos alunos que pretendiam seguir seus estudos no nível universitário), Ensino Normal (aqueles que seriam formadores, professores primários) e o Ensino Técnico (Industrial, Comercial e Agrícola).

Em relação à economia brasileira, durante a década de 50, é intensificada a entrada de capital estrangeiro no Brasil, com a instalação de grandes empresas internacionais. Podemos destacar as empresas automobilísticas, de estradas de ferro e transportes.

Entre 1955 e 1961, o valor da produção industrial, descontada a inflação, cresceu 80%, com altas porcentagens na indústria do aço (100%), mecânicas (125%), de eletricidade e comunicações (380%) e de material de transporte (600%). (FAUSTO, 2004, p.427)

No início da década de 1960, temos outra reforma educacional. Vale notar que nesse momento, na vigência de um projeto político-econômico desenvolvimentista no país, o ensino técnico começa a ser valorizado. É necessário criar mão-de-obra especializada para as multinacionais que começam a ser instaladas no Brasil.

A nova reforma, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961), alterou a obrigatoriedade da realização de um curso secundário para ingresso em um curso universitário. Qualquer aluno, desde que tivesse terminado o curso médio colegial, poderia, por meio do exame vestibular, ingressar no ensino superior em qualquer área.

Assim, essa década caracteriza-se por um ensino técnico que começa a alcançar um diferente padrão de qualidade, à medida que a industrialização no país ganha força e o ensino profissional torna-se uma porta para o ensino superior.

Desde meados da década de 1950, as discussões sobre o ensino de matemática começam a ser intensificadas, especialmente nos congressos de ensino de matemática, sendo o primeiro deles realizado em Salvador (BA) em 1955. Este, que foi o I Congresso Nacional de Ensino de Matemática, teve a

participação de aproximadamente cem professores de diversos estados do país, dentre os quais estavam: Manoel Jairo Bezerra, Omar Catunda e Osvaldo Sangiorgi. Os congressos tinham como objetivo discutir possibilidades de renovação do ensino de matemática brasileiro, em particular para o ensino secundário que estava em processo de ampliação e reformulação.

A expansão do ensino secundário era acompanhada de uma modificação em sua função social. O caráter de curso com finalidade quase que exclusivamente preparatória ao ingresso nas universidades dava cada vez mais lugar a um ensino regular, cujo o prestígio estava ligado a uma possibilidade muito mais formal do que efetiva de acesso aos cursos superiores, para a grande maioria dos alunos (BURIGO, 1989, p.31)

Os congressos de ensino de matemática discutiam aspectos diversificados da participação da disciplina matemática para essa nova escola secundária. Carga horária, programas e formação de professores eram alguns dos temas que estavam em pauta. As discussões sobre objetivos e metodologia do ensino de matemática tomavam grande parte das discussões. Novas formas de ensinar eram propostas. Ensino por compreensão, participação do aluno, aplicações a outras áreas e ao cotidiano eram algumas das propostas que buscavam romper com as características ainda presentes no ensino de matemática, como nos descreve Bürigo:

A aula expositiva era a regra, sendo que nem sequer a resolução de exercícios pelos alunos em sala de aula era uma prática generalizada. Quando era feita, o que se apresentava aos alunos eram exercícios padronizados, que deveriam ser resolvidos do mesmo modo que um “problema modelo” com ênfase nos cálculos volumosos. As demonstrações dos teoremas eram expostas pelo professor e decoradas pelos alunos, para apresentação nas provas. Os recursos didáticos utilizados não iam além do giz, quadro-negro e livro texto, se houvesse. (BURIGO, 1989, p.40)

Nos EUA e em países da Europa, ações tendo em vista mudanças no ensino tradicional da matemática também estavam ocorrendo. Especialmente após a Segunda Guerra Mundial, os países do ocidente intensificaram visando o fortalecimento das disciplinas da área científica - ciências e matemática - nas

escolas de todos os níveis. Congressos, comissões, reuniões foram sendo organizados em diferentes países. Matemáticos e psicólogos reconhecidos davam suas contribuições. Essas ações dariam origem ao que seria denominado de Movimento da Matemática Moderna.

Com a realização das Conferências de Royamont-França e de Dubrovnick na Iugoslávia, se deu o início de um dos maiores movimentos reformadores de matemática, que conhecemos, o M.M.M., que refletiu e buscou novas alternativas para o ensino da Matemática numa nova sociedade de constante transformação (OLIVEIRA, 2008, p. 5).

Os novos currículos propostos buscavam diminuir a distância existente entre as escolas de nível secundário e os estudos universitários. Em seu centro, estariam os conjuntos, as estruturas algébricas, as funções e a geometria analítica. Conteúdos abstratos que envolviam grande formalização matemática e poderiam incentivar o aumento de pesquisadores em matemática e ciências.

Nos Estados Unidos, vários grupos de estudos de matemática são criados, com o incentivo de verbas oficiais. Um desses grupos foi o SMSG (School Mathematics Study Group), criado em 1958. Formado por professores secundários e universitários, psicólogos, educadores e membros da comunidade científica e tecnológica, o grupo produzia livros de Matemática Moderna que depois foram traduzidos para vários países, além de promover cursos de formação continuada para docentes.

No Brasil, os congressos de ensino de matemática seriam espaços privilegiados para a introdução de propostas da Matemática Moderna. No segundo desses congressos, ocorrido em 1957, na cidade de Porto Alegre, a participação de professores foi ampliada. Nesse congresso temos as primeiras discussões em defesa da introdução da Matemática Moderna em escolas brasileiras. Nos congressos seguintes, esta passa a ser o tema central das discussões, tendo nos membros do Grupo de Ensino de Matemática – GEEM - seus maiores divulgadores.

Nesse momento, começam a ser produzidos os primeiros livros didáticos contemplando a Matemática Moderna. A primeira coleção para o então curso

ginasial, intitulada “Matemática – Curso Moderno”, foi escrita por Osvaldo Sangiorgi, presidente do GEEM.

As novas propostas que estavam na pauta dos congressos e associações de professores eram incentivadas e financiadas pelos governos federal e estaduais, no bojo de acordos realizados entre o Ministério de Educação e Cultura brasileiro e a *Agency for International Development*: acordos MEC-USAID⁴⁶. Esses acordos, iniciados em 1957, durante o governo de Juscelino Kubitschek, interferiram diretamente nas decisões educacionais brasileiras, especialmente durante o período da ditadura militar.

No mesmo período de realização dos congressos de ensino de matemática, estava em gestação o projeto de criação de uma nova universidade brasileira: a Universidade Estadual de Campinas. Criada oficialmente em 1962, por um decreto do governador Carvalho Pinto⁴⁷, a nova universidade, então identificada por UEC, inicia suas atividades no ano seguinte, com o curso de medicina. Funcionando provisoriamente nas dependências da Maternidade de Campinas, o curso de medicina contou com cinquenta alunos em sua primeira turma⁴⁸.

A criação de colégios técnicos já estava prevista na lei de criação da Universidade (Lei 7655, de 28 de dezembro de 1962), que “dispõe sobre a criação da Universidade Estadual de Campinas como entidade autárquica e dá outras providências”. Embora não especificasse quantos e quais seriam esses colégios, em seu artigo sétimo, a Lei 7655 esclarece que o objetivo dessas escolas técnicas seria a “formação e o treinamento de técnicos de nível médio”. Em relatório encaminhado ao “Egrégio Conselho Estadual de Educação”, criado pela LDB de 1961, a Comissão Organizadora da Universidade de Campinas realça que “o dispositivo da L.D.B. que tornou possível a criação de colégios

⁴⁶ United States Agency for International Development.

⁴⁷ Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto foi o sétimo governador do estado de São Paulo nos anos de 1959 a 1963. Além da criação da Universidade Estadual de Campinas, também foi responsável pela Faculdade de Medicina de Botucatu, posteriormente adicionada à Unesp e também criou a FAPESP. Foi ministro da Fazenda em 1963 e também senador da República de 1967 a 1975. Faleceu em São Paulo no ano de 1987. Acesso 01/03/2010 <<http://www.galeriadosgovernadores.sp.gov.br/03galeria/galeria.htm#20>>

⁴⁸ A primeira aula do curso de medicina da UEC ocorreu em 21 de maio de 1963.

técnicos junto a Universidades abriu novas perspectivas para o preparo de mão de obra técnica especializada de nível elevado e veio ao encontro da bem conhecida deficiência de elementos intermediários entre o engenheiro e o operário” (RELATÓRIO, 1966, p. 15).

O professor Zacharias acredita que a criação do Cotel estava associada aos Colégios de Aplicação. Essas escolas eram espaços reservados para os futuros professores exercitarem a prática de ensino. Fazendo uma analogia com essas escolas, o professor Zacharias acredita que os Colégios Técnicos da Unicamp seriam espaços de treinamento para os futuros profissionais das áreas tecnológicas, isto é, locais em que os alunos poderiam praticar os conceitos aprendidos. Nesse sentido, o professor Zacharias pensava os Colégios Técnicos nos moldes do ensino alemão e francês, como ele chega a mencionar. Essas escolas seriam um caminho para os cursos superiores de tecnologia, para as Faculdades Tecnológicas. O professor Zacharias considera, também, que essas escolas eram necessárias naquele período, uma vez que o Brasil ainda era muito dependente da importação de produtos fabricados em outros países. Os colégios técnicos poderiam fornecer os técnicos necessários para a ampliação do setor industrial brasileiro.

Para o professor Quintal, a concentração de indústrias metalúrgicas na região de Limeira teria sido o principal fator para a implantação do Cotel. Ele justifica essa posição, mencionando a grande participação das indústrias de Limeira nas Feiras Nacionais de Mecânica naquele período.

O interesse da Universidade Estadual de Campinas em aumentar sua verba justificava a criação dos Colégios Técnicos, segundo o professor Edenilson. Para ele, a verba da universidade era proporcional à quantidade de alunos. A criação dos dois colégios técnicos contribuiria para um aumento expressivo do número de alunos vinculados à Unicamp. O surgimento dos Colégios Técnicos teria, então, gerado conflito dentro da própria universidade, uma vez que as verbas teriam que ser redistribuídas.

O professor Manoel, primeiro diretor do Cotel, afirma que a construção do colégio esteve associada a diferentes fatores, que estavam encadeados. Um

desses fatores diz respeito ao fato de que era desejo da população do município de Limeira a construção de uma faculdade. Afinal, muitas cidades da região já contavam com Institutos Isolados de Ensino Superior, como Rio Claro, Piracicaba, Americana, etc. Esse desejo começou a ser materializado com o processo de criação da Faculdade de Engenharia em Limeira, do qual o professor Manoel foi redator. A Unicamp, então, assume a causa da população de Limeira, que culminou com a aprovação, pelo governo estadual, da criação de uma faculdade. Porém a faculdade que deveria ser de Engenharia Mecânica, como era o desejo da cidade, por possuir uma grande vocação na área de mecânica e metalurgia, tornou-se em Faculdade de Engenharia Civil, a FEL. Segundo o professor Manoel, esta mudança ocorreu por uma manipulação da influente e poderosa, na época, Associação Comercial de Campinas⁴⁹, que exerceu forte pressão sobre membros das instâncias decisivas e assim instalaram a Faculdade de Engenharia Mecânica em Campinas. A Unicamp, cedendo às pressões, decidiu implantar o Curso de Engenharia Mecânica em Campinas e o de Engenharia Civil em Limeira.

A implantação de uma faculdade em Limeira pela Unicamp também estava diretamente relacionada à exigência oficial de que, para ser uma universidade, ela deveria contar com no mínimo cinco unidades de ensino. Para cumprir essa exigência em um tempo mais curto,

A Unicamp foi totalmente planejada como um campus integrado; a justaposição de faculdades, ocorrida em 1967 (foram anexadas a Faculdade de Odontologia de Piracicaba, a Faculdade de Engenharia Civil de Limeira e a FFCL de Rio Claro), deu-se apenas para que fosse cumprido o requisito legal (MENEGHEL, 1994, p.150).

Limeira conseguiu sua faculdade, porém ainda necessitava de profissionais para as empresas e indústrias de mecânica e metalúrgica. O professor Manoel relata que, naquele período, muitos alunos do Ginásio

49

A Associação Comercial de Campinas fazia parte do Conselho de Entidades de Campinas, fundado em março de 1955, que “já na sua terceira reunião, decidiu tratar da questão relacionada à Faculdade de Medicina de Campinas, criada em 1913 pela lei no 2.114, mas nunca implantada. A partir daí, o Conselho de Entidades de Campinas retomou a Campanha Pró Instalação da Faculdade de Medicina em Campinas, idealizada pelo jornalista Luso Ventura na década de 50” <http://www.unicamp.br/siarq/publicacoes/catconselho.pdf>. Esse conselho, após a criação da Faculdade de Medicina, iniciou uma campanha pela criação da Universidade Estadual de Campinas.

Industrial Trajano de Camargo, abordavam-no solicitando a criação de um colégio técnico na área de mecânica, para complementar a formação que tinham obtido. Impelido por esses pedidos e, certamente, pelos dos industriais da região de Limeira, o professor Manoel reuniu-se com o professor Dr. Zeferino Vaz, então reitor da Unicamp, para solicitar a criação de um colégio técnico em Limeira associado à Unicamp. O Dr. Zeferino, considerando que o pedido do professor Manoel ia ao encontro da proposta da Unicamp, expressa na Lei 7655/62, de sua criação, e provavelmente, considerando outro pedido semelhante de grupos de Campinas, decide criar dois colégios técnicos: um em Campinas, o Cotuca, e outro em Limeira, o Cotel. Os dois colégios iniciariam suas atividades com os cursos técnicos de Mecânica de Máquinas e Motores.



Fachada do edifício do Colégio Técnico Industrial de Limeira - Cotel. Limeira, SP. Janeiro de 1976. Fonte: SIARQ-Unicamp, <<http://www.unicamp.br/siarq/pesquisa/expo/cotel/foto01.jpg>>

* * *

A industrialização na cidade de Limeira nasce com investimentos resultantes de excedentes de capital cafeeiro ainda no final do século XIX, quando nas dependências da Fazenda Ibicaba, próxima à cidade, já se produziam máquinas de beneficiamento de café. Nesse processo, os imigrantes europeus tiveram uma grande contribuição, tanto como mão-de-obra, como no papel de empresários. Firkowski (1989, p. 55) menciona que na região “na

década de 1910 de quatro empresas industriais, três foram fundadas diretamente por imigrantes ou pela sua primeira geração”.

Com relação à tradição da área de mecânica e metalurgia, nas cidades de Limeira e Campinas, Firkowski afirma que:

A presença de artesãos e pequenos comerciantes em São Paulo, Campinas, Limeira, Jundiaí, Piracicaba, constitui-se na semente do desenvolvimento industrial dessas cidades, conferindo-lhes uma tradição mecânica que foi de grande importância para a implantação das modernas fases da indústria. (FIRKOWSKI, 1989, p.55)

As indústrias de mecânica e metalurgia tiveram grande impulso na década de 1940, quando surgem outros campos industriais, diferentes da produção de máquinas agrícolas. A década de 1950 também é promissora com a instalação de empresas importantes na região, tais como: Fumagalli, Galzerano, Newton, Rocco, etc.

Entretanto é entre as décadas de 1960 e 1970 que ocorre o maior crescimento da indústria de mecânica e metalurgia onde, “em números absolutos, houve elevação de 27 para 100 estabelecimentos e de 21 para 58 estabelecimentos em funcionamento, respectivamente” (FIRKOWSKI, 1989, p. 63). Para a autora, esse crescimento relaciona-se ao desenvolvimento da indústria automobilística, que impulsionou as empresas da região, dentre as quais: Rockwell-Fumagalli, Rodabras, Varga, Mastra, etc. As indústrias automobilísticas, nesse sentido, são “motrizes”, por serem multiplicadoras de outras empresas. O início da década de 1970 é considerado o marco inicial⁵⁰ de um novo período da industrialização da cidade de Limeira. Vale notar que nesse período, não só o município de Limeira passava por grande crescimento industrial.

Mesmo já estando nos planos iniciais da Universidade Estadual de Campinas, os colégios técnicos não iniciaram seus trabalhos no ano de 1966, como aquela. A implantação dos colégios técnicos deu-se apenas no ano

50

Firkowski identifica dois períodos no processo de industrialização da cidade de Limeira. O primeiro, de 1900 a 1970, e o segundo, de 1970 aos dias atuais.

seguinte, em 1967⁵¹. No dia 24 de abril de 1967, são iniciados os trabalhos do Colégio Técnico e Industrial de Limeira - Cotil. Posteriormente, seu nome seria alterado para Colégio Técnico de Limeira, porém continuou a ser conhecido como Cotil, e assim continua até hoje.

Seu primeiro curso foi o Curso Técnico de Mecânica de Máquinas e Motores. No ano seguinte, tiveram início os cursos de Edificações e Estradas. Apenas em 1974 seria criado o próximo curso, o de Enfermagem.



Aula Inaugural do Colégio Técnico de Limeira. Na foto estão da esquerda para a direita: O Professor Doutor Zeferino Vaz, Professor Manoel da Silva e o Professor Paulo Gomes Romeu. Fonte: Professor Manoel da Silva

No ano em que o Cotil iniciou suas atividades, a matemática moderna já estava sendo experienciada de diferentes formas em escolas primárias e secundárias. Os professores entrevistados nem sempre concordam que a Matemática Moderna deveria ser tratada nos cursos técnicos.

51

Os dois Colégios Técnicos da Unicamp, o Cotil e o Cotuca, são autorizados a se instalar e funcionar pela Resolução CEE 46/66, de 19.12.1966.

O professor Edenilson, primeiro professor de matemática do Cotil, afirma ter trabalhado apenas com os conceitos extremamente necessários para o desenvolvimento de alguns temas.

Com relação ao Cotil, eu não dei Teoria dos conjuntos, coisas da Matemática Moderna. Eu trabalhava um pouco só quando entrava com a parte de funções. No terceiro colegial você, por exemplo, para falar em limites, tem que antes dar as funções. Como você ia falar em função real com variável real, você tinha que saber o que eram números reais. Matemática Moderna mesmo não tinha não. A gente começava com logaritmos, daí já entrava na parte de trigonometria. Depois, no segundo ano, tinha a geometria plana, a geometria no espaço, tinha também a parte de análise combinatória. E no terceiro já havia geometria analítica, depois funções, limites. No colegial comum, a gente chegava em polinômios, no terceiro ano também, mas não fazíamos Teoria dos conjuntos. (EDENILSON, Textualização, p. 43)

Em um outro momento, o professor Edenilson confirma sua posição contrária à introdução da Matemática Moderna em escolas técnicas. Para ele, “a matemática do colégio técnico é uma matemática mais aplicada”, e matemática teórica em cursos dessa natureza “não funciona”. Ele acredita que:

O aluno não se interessa. Você tem que dar a parte prática e aplicar aquilo que você está fazendo. Era o que eu fazia. Eu não ficava naquelas teorias e mais teorias. Para o aluno de técnico não interessa. Para falar a verdade, muitas vezes nem para o vestibular. (...) matemática teórica em cursos técnicos não funciona. (EDENILSON, Textualização, p. 46)

O professor Quintal, que iniciou suas atividades no Cotil na década de 1980, manifesta uma posição diferente com relação à matemática moderna em cursos técnicos.

Eu sempre usei Matemática Moderna nas minhas aulas. Até hoje. Só que eu não fico fazendo muita “firula”. Explico graficamente, por exemplo, o Diagrama de Venn, porque acredito que facilita o entendimento do pessoal. A parte gráfica facilita. Se amanhã ele começar a mexer com um pouco de lógica, facilita o trabalho. A parte de lógica hoje é pouco explorada. No curso de informática deveria ter uma aula específica, ou uma aula, das quatro de matemática, deveria ser para explicar lógica. Mas hoje aplico tudo a respeito da Matemática Moderna, só que não com aquela profundidade acadêmica, que para quem vai para a área acadêmica precisa saber. Mas a moçada sabe,

tem o conceito. Essa parte aí eu aplico sem dó e não me arrependo. (QUINTAL, Textualização, p. 59)

As posturas diferenciadas dos dois professores podem ser explicadas não apenas pelo período diferenciado de atuação desses professores no Cotil, mas também pela formação diferenciada de ambos. Quintal nos dá alguns indícios sobre isso. A sua posição nos revela um professor que assume a concepção estrutural proposta pelos bourbakistas.

Eu acho que a teoria de conjuntos veio para deixar a matemática mais atraente, mais bonita. E veio “fechar” o ensino da matemática porque, na verdade, você ia dar uma resposta e não sabia em quais parâmetros estava trabalhando. Era um parâmetro real? Era um parâmetro racional? Não se sabia, não se falava nisso. Nunca eu fiquei sabendo no ginásio, por exemplo, que uma dízima periódica era um número racional. Nem como era o conjunto. Não se falava em conjuntos, conjunto racional... Aprendíamos os naturais sem saber o que eram os “naturais”. Eu vim a aprender conjuntos mesmo na faculdade. Até então, não se falava de Matemática Moderna nas escolas. Na faculdade é que eu fui obrigado a estudar o Paul Halmos. (QUINTAL, Textualização, p. 58)

Sem dúvida, essa concepção foi construída inicialmente durante a sua formação no cursinho Anglo Latino. “O Cid é que introduziu essa parte de Matemática Moderna dentro do cursinho. [...] foi o pai da história”, nos revela Quintal. Em seguida, cursou a Licenciatura em Matemática na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A Faculdade Mackenzie foi o local de realização do curso do professor Springer, que deu origem à criação do GEEM, em 1961. O professor Osvaldo Sangiorgi, fundador-presidente do GEEM, foi professor da instituição, que disponibilizava salas para as atividades do grupo e para a realização de cursos para professores de matemática, muitas vezes em parceria com órgãos oficiais. Assim, Quintal inicia seus estudos universitários em um berço do MMM no país.

O GEEM foi criado um mês após o término do curso de “Especialização em Matemática para Professores Secundários”, realizado na Universidade Mackenzie, ministrado pelo Prof. Springer e outros professores brasileiros. Organizado por Osvaldo Sangiorgi, o curso pretendia seguir a proposta de um

curso de verão nos Estados Unidos do qual ele havia participado, tendo Springer como um de seus professores. Dentre os vários docentes que participaram do curso oferecido no Mackenzie estava a professora Renate Gompertz Watanabe. Em 1964, com o apoio de Osvaldo Sangiorgi, Watanabe conseguiu uma bolsa de estudos da *National Science Foundation*, “para realizar o seu mestrado em Illinois, EUA” (VALENTE, 2009, p. 8). Ao retornar, Watanabe escreveu livros didáticos de Matemática Moderna.

Foi no Mackenzie, com a professora Watanabe, que o professor Quintal aprofundou seus estudos da Matemática Moderna.

Eu vim a aprender conjuntos mesmo na faculdade. Até então, não se falava de Matemática Moderna nas escolas. Na faculdade é que eu fui obrigado a estudar o Paul Halmos. Nos primeiros anos, toda essa matemática, a parte de cálculo, a parte de funções apareceu lá. A Renate Watanabe⁵², que é até hoje professora de matemática no Mackenzie, “debulhou” essa parte de conjuntos. Eu tenho o livro dela. (QUINTAL, Textualização, p.58)

O professor Zacharias também apresenta uma visão bastante positiva com relação à Matemática Moderna. Ele manifesta a crença de que os livros de Sangiorgi foram inspirados nos livros do SMSG e que trabalhou com estes livros em suas aulas no ensino técnico.

Você falava em Matemática Moderna desde os primeiros livros para a quinta, sexta, sétima, oitava séries, de teoria de conjuntos, do Osvaldo Sangiorgi. Então ele estava embasado no SMSG, era um livro fantástico.

Eu sou ainda da teoria conjuntiva do SMSG. Estudei em parte o SMSG, apliquei o SMSG no começo da minha carreira por uns bons tempos no Trajano de Camargo. (ZACHARIAS, Textualizações, p.65)

Quando fazem referência à matemática moderna, os professores mencionam a teoria dos conjuntos ou funções, mas não mencionam outros conteúdos específicos do nível médio, em especial as matrizes. Esse tema, no entanto, encontra-se em um programa da disciplina Matemática para os cursos

⁵² Renate Gompertz Watanabe, formada em Matemática pela PUC-SP em 1952, foi membro do GEEM, é autora de vários livros didáticos e paradidáticos de matemática.

técnicos de Mecânica de Máquinas e Motores e nos cursos de Edificações e Estrada do colégio, como consta na tabela abaixo.

Tabela 1: Programa da disciplina Matemática para os cursos técnicos de Mecânica, Estradas, Edificações e Enfermagem

Série \Curso	Mecânica	Estradas/Edificações	Enfermagem
1ª Série	1) Resolução de Triângulos 2) Funções Circulares 3) Poliedros 4) Corpos Redondos	1) Resolução de Triângulos 2) Funções Circulares 3) Poliedros 4) Corpos Redondos	1) Resolução de Triângulos 2) Funções Circulares 3) Poliedros 4) Corpos Redondos
2ª Série	1) Geometria Analítica 2) Ângulos entre duas retas 3) Logaritmos 4) Matrizes	1) Geometria Analítica 2) Ângulos entre duas retas 3) Logaritmos 4) Matrizes	1) Geometria Analítica 2) Logaritmos
3ª Série	1) Conjuntos 2) Limites 3) Derivadas 4) Aplicações das derivadas	1) Conjuntos 2) Limites 3) Derivadas 4) Aplicações das derivadas	1) Poliedros 2) Prismas 3) Paralelepípedos 4) Cubos 5) Pirâmides 6) Cilindro 7) Cones 8) Esferas

Fonte: Arquivo Morto do Colégio Técnico de Limeira.

A presença do tema matrizes também foi localizada em diários de classe do professor Agostinho do ano de 1989 para o curso de Edificações, como apresentado na figura.

Diário de Classe do professor Agostinho referente ao ano 1989 – Capa.
Fonte: Arquivo Morto do Colégio Técnico de Limeira.

Diário de Classe do professor Agostinho referente ao ano 1989.

Esses indícios parecem apontar para o fato de que a Matemática Moderna no Cotil não se resumia à Teoria de Conjuntos, como indicado pelos professores, mas também a outros conteúdos, talvez não rememorados, ou não associados ao Movimento pelos professores. Outra conjectura, no entanto, pode ser levantada. Os planos de ensino e os diários de classe muitas vezes servem apenas ao cumprimento de exigências legais e a prática de sala de aula segue outras orientações nem sempre registradas.

Sabemos pelos depoimentos que, nos anos iniciais, o planejamento da disciplina era feito pelos professores de matemática de forma a atender às necessidades dos docentes do ensino técnico. Em reuniões com todos os professores, as disciplinas técnicas sugeriam temas a serem desenvolvidos pelas disciplinas gerais.

No Cotil nós fazíamos nosso programa. No nosso primeiro programa nós nos reunimos com os professores de física, de mecânica e de resistência de materiais. Nós íamos colocando os tópicos do programa de acordo com o interesse de cada um. O que se vai dar no primeiro ano do colegial? O que vamos fazer no segundo? No terceiro? Nós nunca seguimos a ordem do programa do estado. Nós introduzíamos e às vezes fazíamos mudanças a pedido dos professores.

Não sei se até hoje ainda chegam, mas nós chegávamos até o cálculo. Dávamos a parte de cálculo no terceiro ano. Tinha a parte de limites, e nós chegávamos até a parte de derivadas. Isso porque o pessoal de resistência dos materiais pedia para a gente. Porque no programa deles tinha essa parte. O nosso programa de matemática tinha uma certa afinidade com os cursos técnicos. Sempre o planejamento privilegiava o técnico. (EDENILSON, Textualização, p.40)

A fala do professor Edenilson esclarece a estreita relação entre as disciplinas técnicas e gerais nos primeiros tempos do Cotil. Essa mesma posição é manifestada pelo professor Quintal em seu relato:

No Cotil, por existirem diferentes cursos técnicos e necessidades diferentes dos cursos em relação ao conteúdo, fazíamos um planejamento global da disciplina. E isso começou já em 1967 desde que eu era aluno. Por exemplo, nós começávamos a estudar trigonometria. No primeiro ano era trigonometria. Era calcular em

radianos, tudo no círculo trigonométrico, resolução de triângulos quaisquer. Tudo isso era matéria do primeiro semestre do primeiro ano. A primeira matéria era trigonometria porque havia disciplinas do técnico no primeiro ano que precisavam. Por exemplo, mecânica técnica, que na verdade era o programa de dinâmica, precisava de seno e cosseno, precisava saber decompor as forças, etc. Então matemática trabalhava isso, enquanto física estava trabalhando outra parte. A física via ótica, via ondulatória. A parte de eletricidade, de física, era dada como eletrotécnica no técnico. Então, física não se preocupava com eletricidade. Quem dava era o técnico. Existia um programa integrado. Isso ficou assim até 1996, quando com a Lei 9394⁵³ passamos a separar o ensino técnico do ensino médio. Foi aí então que começaram os conjuntos, funções, que era o programa oficial do MEC. (QUINTAL, Textualização, p.56)

Embora seguindo as orientações oficiais da Secretaria de Educação do Estado, os professores elaboravam um currículo integrado, que mais correspondia às necessidades dos professores do Cotil. Essa prática de auxílio ao ensino técnico permaneceu no colégio até a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que exige que o aluno esteja cursando ou tenha cursado o ensino médio para que possa fazer o ensino técnico. Criam-se, assim, dois cursos no Cotil e em todas as escolas técnicas brasileiras: médio e técnico.

Naqueles primeiros tempos do Cotil, a disciplina matemática era iniciada no primeiro ano pela trigonometria, chegando, no fim do terceiro ano, a limites e derivadas, que eram também necessários para os cursos técnicos.

Para o curso técnico de Enfermagem, no entanto, o plano de curso era diferente. No terceiro ano, os alunos não tinham aulas de cálculo, mas de Geometria Espacial Métrica. Também notamos, ao consultar os diários antigos dos professores, que no primeiro ano para o curso de enfermagem era comum ensinar razão e proporção, regra de três e porcentagem.

Por exemplo, no primeiro ano começávamos com trigonometria, e o conteúdo era a mesma coisa para todos os cursos técnicos, porém a gente incrementava. Os professores do técnico pediam para nós darmos algum assunto e, então, introduzíamos de acordo com o que eles queriam que os alunos soubessem. Até em enfermagem também. As professoras pediam para que nós focalizássemos aquelas coisas de proporção, regra de três. Já o curso de edificações precisava de coordenadas polares, então, a pedido dos professores da área técnica,

⁵³ O professor refere-se à Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

nós dávamos uma “pincelada” em trigonometria com o direcionamento que o colega técnico queria. Antes era tudo misturado, técnico e médio. Não tinha nada a ver com o que é agora o ensino médio e o técnico separados. (AGOSTINHO, Textualização, p.50)

No segundo ano, exceto para o curso de Enfermagem, Matrizes e Sistemas de Equação foi um tema tratado no segundo ano do colégio. As matrizes foram introduzidas no ensino brasileiro no período de introdução da Matemática Moderna e apareceram em livros didáticos desse período.

Quando questionados sobre como teria se dado o primeiro contato com a Matemática Moderna, todos os entrevistados mencionam os livros de Osvaldo Sangiorgi. O professor Zacharias comenta que foram os livros de Sangiorgi para o ginásio que introduziram a Matemática Moderna na escola. “Você falava em Matemática Moderna desde os primeiros livros para a quinta, sexta, sétima, oitava séries de teoria de conjuntos do Oswaldo Sangiorgi” (ZACHARIAS, Textualização, p. 72).

A relação estabelecida pelos entrevistados entre a Matemática Moderna e o curso ginásial é recorrente. O professor Agostinho afirma não se lembrar “muito sobre a Matemática Moderna”, porque sempre lecionou “para o colegial e o foco da Matemática Moderna foi o ensino ginásial”. Ele comenta que tem “a coleção do Oswaldo Sangiorgi, mas era para o ensino até a 8ª série, por isso que eu falei que era só até o ginásial”. Relembra que “era uma coleção toda colorida. Os conjuntos, a teoria dos conjuntos”. Ao lembrar as características dos livros de Sangiorgi, o professor parece reviver o seu contato com a coleção e diz:: “eu me lembro disso nos livros do Sangiorgi. Eu dava aulas para “madureza” do Procotil e lá tinha ginásial. Eu usava essas coisas aí” (AGOSTINHO, Textualização, p.57). Em outro momento, o professor Quintal relembra o seu curso ginásial e afirma ter sido nessa ocasião o seu primeiro contato com a Matemática Moderna. “Foi no ginásio de 1962 a 1966. Porque em 1966 eu entrei já no científico. No ginásio o contato que eu tive foi com os livrinhos do Sangiorgi. Nesses livros tinha alguns conceitos de conjunto. Os meus primeiros livros de matemática foram os do Oswaldo Sangiorgi” (QUINTAL, Textualização, p.63).

O professor Edenilson, também afirma ter tido o seu primeiro contato com a Matemática Moderna quando ainda era aluno do curso ginásial. “Porque ela era mais introduzida no ginásio. Mas eu nunca usei o livro do Sangiorgi em minhas aulas. Nunca usei o “Oswaldo Sangiorgi”. Eu estudei pelo “Oswaldo Sangiorgi”, mas eu não me lembro de ter adotado o livro do Oswaldo Sangiorgi não” (EDENILSON, Textualização, p. 47-48). No pequeno período que trabalhou no primeiro grau, o professor Edenilson lembra-se de ter trabalhado com a Matemática Moderna, porém não se recorda de ter adotado os livros de Sangiorgi.

Na lembrança de todos os professores parece ter sido publicada apenas uma coleção de livros de Oswaldo Sangiorgi, aquela denominada “Matemática – Curso Moderno”. No entanto, o professor Sangiorgi publicou anteriormente outra coleção, “Matemática – Curso Ginásial”. Em suas análises dessas coleções, apresentadas em sua dissertação de mestrado, Lavorente (2008, p. 235) conclui que o professor Sangiorgi preparou seu público leitor para a introdução da Coleção Matemática Moderna, em substituição à Matemática – Curso Ginásial, “uma vez que muitos foram os exercícios idênticos encontrados em ambas as coleções” e, “além disso, cuidadosos foram os prefácios em defender a Matemática Moderna como a 'melhor' (em detrimento da Matemática [...] tradicional, encontrada nos livros da coleção 'Matemática') “.

A preparação do público para o futuro lançamento de uma coleção moderna, na visão de Valente (2009, p.3), fazia parte de um conjunto de estratégias utilizadas por Sangiorgi e pela Cia Editora Nacional que visava impor a aceitação e oficialização de um programa moderno para o ensino de matemática proposto pelo GEEM.

A luta foi a de estabelecer que o programa formulado pelo G.E.E.M., sob a presidência de Oswaldo Sangiorgi, ganhasse aceitação de entidades representativas do ensino de matemática, sensibilizasse as autoridades educacionais e servisse para respaldar uma programação a ser seguida nos livros didáticos. As ações tiveram início em São Paulo, onde em junho de 1962 ocorreu o V Encontro dos Mestres. No Evento, foram apresentados para discussão [e aprovados] 24 itens que deveriam compor a programação moderna para o ginásio, bem como 18 itens sob o título “Assuntos Mínimos para um Moderno Programa de

As estratégias utilizadas por Osvaldo Sangiorgi e pela Cia Editora Nacional, certamente, foram bem sucedidas. No ano seguinte à realização do V Encontro dos Mestres, em 1963, o primeiro volume da Coleção Matemática Moderna recebe o “Prêmio Jabuti”, embora tenha chegado ao mercado apenas em 1964 (LAVORENTE, 2008, p. 95).

Considerando que a coleção 'Matemática – Curso Ginásial' teve suas primeiras edições publicadas ainda na primeira metade da década de 1950 e a 'Matemática Moderna' teve seu primeiro volume publicado em 1964, é bem provável que alguns dos entrevistados tenham estudado no curso ginásial com a primeira coleção de Sangiorgi. O conjunto de estratégias utilizadas pelo autor e pela Cia Editorial para 'preparar' o terreno para a introdução na matemática escolar brasileira da nova matemática aliada ao objetivo desta investigação, que direcionou as questões para o Movimento da Matemática Moderna, possivelmente foram fatores que contribuíram para o 'esquecimento' da primeira coleção de Sangiorgi pelos entrevistados. Esse “esquecimento”, que não é específico deste trabalho, uma vez que é perceptível em entrevistas realizadas por outros investigadores da História da Educação Matemática, aponta para a força de uma memória coletiva produzida sobre a Matemática Moderna no Brasil, que privilegia os grandes homens, os grandes feitos. Nessa memória coletiva, o professor Sangiorgi é o grande ícone da Matemática Moderna no Brasil: foi presidente-fundador do GEEM – Grupo de Estudos do Ensino de Matemática. Ministrou cursos para professores de matemática em diferentes locais, teve participação efetiva nos congressos brasileiros que difundiram a introdução das novas propostas em terras brasileiras, foi autor do primeiro livro didático de Matemática Moderna para o ginásio, que se tornou *best-seller* para o ginásio, vendendo 4.332.702 exemplares de 1964 a 1972 (LAVORENTE, 2008, p. 233).

O professor Quintal apresenta uma postura diferenciada com relação aos livros de Osvaldo Sangiorgi. Para ele, os livros de Matemática Moderna desse

autor foram os responsáveis pela ênfase na teoria dos conjuntos que se instalou no Brasil naquele período:

Foi a partir desses livrinhos que os professores se perderam. A nova “leva” e o pessoal antigo passaram a dar conjuntos e esqueceram dos outros conteúdos. (QUINTAL, Textualização, p. 58).

Os professores Agostinho, Edenilson e Quintal afirmaram que tiveram a primeira experiência com a Matemática Moderna através dos livros de Oswaldo Sangiorgi para o ensino ginásial. Além da experiência como alunos ou docentes, teriam esses professores tido outras experiências com a Matemática Moderna antes ou durante sua atuação no Cotil? Participaram de cursos, palestras, leram publicações sobre o assunto, tiveram contato com o GEEM?

Apenas o professor Zacharias comentou que participou de alguns cursos oferecidos pelo estado “no período de férias” ou em recessos escolares, sem, no entanto, nos fornecer maiores detalhes sobre eles ⁵⁴:

Quando não havia Diretoria de Ensino de Limeira, nós íamos fazer em Rio Claro ou em Campinas.
Tive palestras com o Ruy Madsen Barbosa, Oswaldo Sangiorgi, Gelson Iezzi, Oswaldo Dolce... (ZACHARIAS, Textualização, p.65-66).

O GEEM responsabilizou-se por diversos cursos sobre Matemática Moderna para professores em diferentes cidades do estado de São Paulo. Ribeirão Preto, Campinas, Casa Branca, Rio Claro foram algumas dessas cidades (FLAINER, 2006, p.94). Provavelmente, o professor Zacharias participou de algum desses cursos quando ainda era estudante do curso de matemática.

O professor Edenilson não se lembra de cursos oferecidos pela Secretaria de Ensino ou pelo GEEM. Ele foi autodidata. Selecionava e estudava os livros nos momentos de preparação de suas aulas. Entretanto o professor nos alerta que isso só foi possível por ele ter tido disciplinas de Matemática Moderna na faculdade.

54

Vale lembrar que o professor Zacharias não pertencia ao quadro de professores do Cotil até a década de 1990.

Eu tive toda essa parte de álgebra moderna na faculdade. Tinha um curso no primeiro ano que era só sobre essa parte de álgebra moderna. Mas só. Não havia cursos da Secretaria de ensino, nada. Eu tive que preparar muita aula, estudava sozinho. (EDENILSON, Textualização, p.44).

O professor Quintal manifestou ter sido com o Cid Guelli, quando fazia o cursinho preparatório para o vestibular na cidade de São Paulo, seu contato direto com a Matemática Moderna e, depois, na faculdade. No estudo relativo a conjuntos, em particular, ele se aprofundou estudando o livro Teoria Ingênua de Conjuntos de Paul Halmos:

Com a parte de intervalos mesmo eu fui ter contato na faculdade em 1971, 1972. Houve a necessidade de estudar conjuntos mesmo! Eu fui estudar conjuntos na universidade com o livro do Paul Halmos, que é, até hoje, o papa da coisa. (QUINTAL, Textualização, p. 58).

* * *

Nos primeiros anos, mais precisamente de 1967 a 1973, o Colégio Técnico de Limeira funcionava no mesmo prédio do Ginásio Industrial Trajano Camargo. Não somente o Colégio Técnico como também a Faculdade de Engenharia de Limeira – FEL – com seu curso de Engenharia Civil. A FEL, que teve como seu primeiro diretor o professor Pedro Moraes Siqueira, “iniciou suas atividades em 13 de março de 1969, ministrando o ensino do Ciclo Profissional do Curso de Engenharia Civil. [...] O ensino básico (1ª e 2ª séries) seria ministrado pelos institutos da UEC, em Campinas” (Ofício FELUEC 495/71, 1971, p. 1). A FEL manteve-se no campus da Unicamp de Limeira até o ano de 1989, quando voltou para o campus de Campinas e teve sua denominação alterada, conforme deliberação do CONSU-A 19/90, de 24 de setembro de 1990, para FEC, Faculdade de Engenharia Civil.

A escolha do mesmo local para funcionamento do Colégio Técnico e da Faculdade de Engenharia da Unicamp em Limeira não ocorreu apenas pela existência de um espaço disponível e adequado. No “Relatório da Comissão

Organizadora da Universidade de Campinas” mencionado acima existia inicialmente a intenção de transformar escolas profissionalizantes estaduais de Campinas e de Limeira em Colégios Técnicos vinculados à Unicamp, como aconteceu com a incorporação de Institutos Isolados de Ensino Superior do interior de São Paulo⁵⁵. Para Campinas, o documento menciona que havia “em funcionamento, construída e muito bem equipada pelo Governo do Estado e pela Diretoria do Estado Industrial do MEC, excelente Escola de Química Industrial de nível médio⁵⁶”, que tinha como responsáveis, “pelo êxito do empreendimento”, o “Dr. Genovois, diretor da Rhodia Indústrias Químicas e Farmacêuticas e vice-Cônsul da França em Campinas”, e o “Prof. Armando Hildebrando que dirige o Ensino Industrial do Ministério da Educação com uma eficiência impressionante e com um entusiasmo contagiante fora do comum”. Para Limeira, pensava-se no “Ginásio Industrial da Secretária da Educação” que embora “dispondo de grande edifício” necessitava “de equipamentos modernos para ser transformado em Industrial” (RELATÓRIO, 1966, p. 15). Nenhuma escola estadual, no entanto, foi transformada em Colégio Técnico da Unicamp. Os Colégios Técnicos de Limeira e de Campinas foram instalados como novas instituições, embora ocupassem espaços de outras escolas. O Cotuca ocupou o prédio da Escola Profissional Bento Quirino⁵⁷ e o Cofil, o da Escola Industrial Trajano Camargo.

⁵⁵ Este é o caso da Faculdade de Engenharia de Limeira e da Faculdade de Odontologia de Piracicaba. Estava também prevista a incorporação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro que após um curto período vinculada à Unicamp retornou à sua condição inicial, sendo incorporada posteriormente à Universidade Estadual Paulista.

⁵⁶ A “Escola de Química” de Campinas foi fundada em junho de 1964 com o nome oficial de Colégio Técnico Industrial 'Conselheiro Antonio Prado' – COTICAP, como resultado de um convênio firmado entre a ACETI – Associação Campineira de Ensino Técnico Industrial -, O MEC e o Governo do Estado de São Paulo. O mentor da criação da escola foi Lucien Genovois, então diretor da Rhodia Indústrias Químicas e Farmacêuticas. Posteriormente, a escola foi integrada ao Centro de Educação Tecnológica 'Paula Souza', em 1981, momento em que seu nome foi alterado para Escola Técnica Estadual 'Conselheiro Antonio Prado' - ETECAP.

⁵⁷ “A construção do prédio localizado na rua Culto à Ciência, local onde seria instalada a Escola Profissional Bento Quirino” e posteriormente o Cotuca, ocorreu no período de 1916-18. Instalada em 1919, a Escola Profissional Bento Quirino, após alguns anos de funcionamento, encerra suas atividades, retomando-as apenas em 1927. Alguns anos após a doação do prédio ao Governo do Estado de São Paulo é instalado no local o Colégio Técnico de Campinas (CALANDRELI, 2001, p. 46-48).



Entrada principal da ETEC Trajano Camargo.
Fonte: <http://www.trajanocamargo.com.br/historia.php>

Nos anos iniciais, o Colégio Técnico de Limeira foi administrado pelo professor Manoel da Silva que, além de redator do projeto de criação da Faculdade de Limeira, nomeado pelo então prefeito de Limeira, Paulo D'Andrea, também foi o responsável direto pela implantação do Colégio Técnico Industrial de Limeira. O esforço e o empenho do professor Manoel na implementação dessas novas escolas em Limeira foram reconhecidos oficialmente pelo Governo Municipal e pelo Conselho das Entidades de Limeira, como consta no documento apresentado a seguir.



Lm nome do povo desta cidade,
as homenagens e a gratidão do
Governó Municipal e Conselho das
Entidades ao Sr. Prof. Manoel da
Silva - Coord. do Relatório
pelos relevantes e excepcionais
trabalhos prestados em prol da
instalação da Faculdade de
Engenharia e Colégio Técnico
Universitário de Limeira.

Maio - 1967

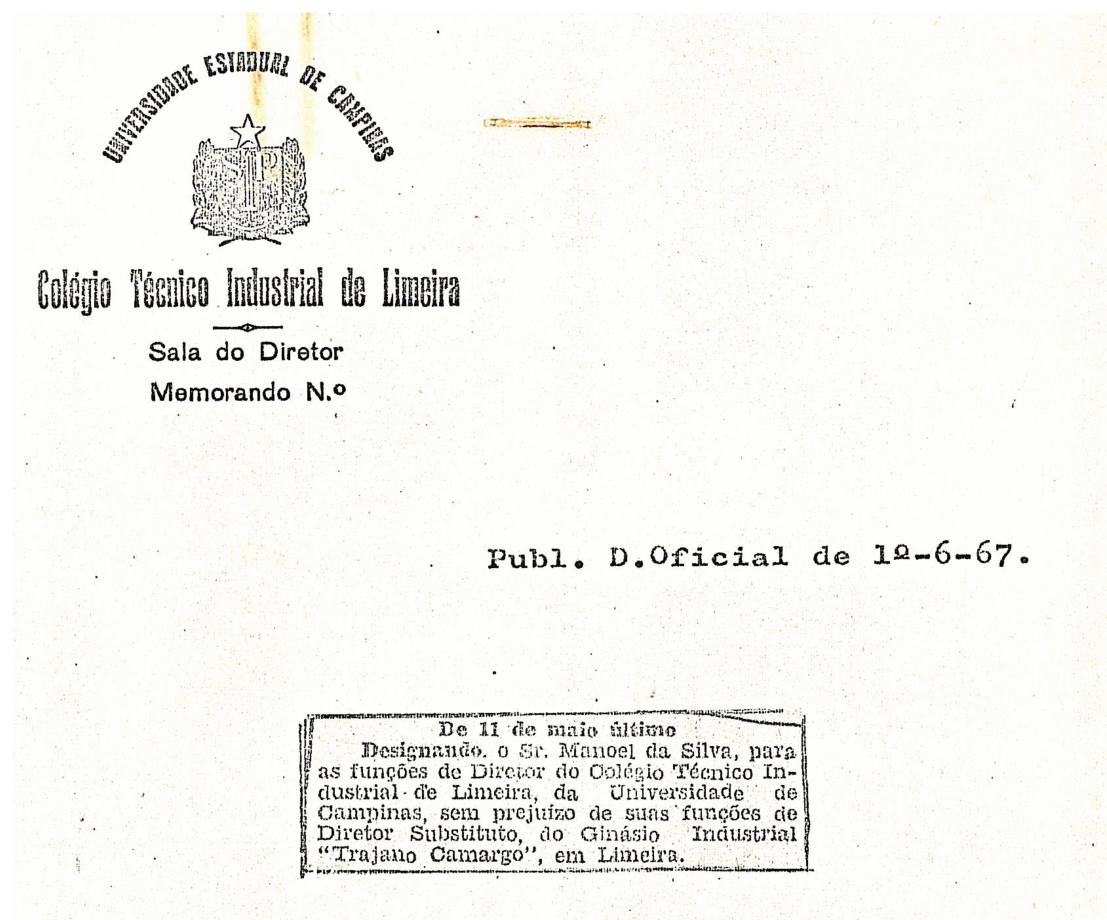
Petunio Paulo Vazquez D'Andrade
Prefeito Municipal

Josebriqbaes
Presidente do Conselho
das Entidades

Homenagem recebida pelo professor Manoel por seus trabalhos na constituição do Cotil e FEL. Fonte: Professor Manoel da Silva

Manoel foi nomeado pelo então reitor da Unicamp, o Professor Doutor Zeferino Vaz, para o cargo de diretor do Cotil, assim como o professor Álvaro França de Barros para o Cotuca. Porém Manoel já era diretor substituto do Ginásio Industrial, e assim ficaria com dois cargos de direção, em caráter

especial. A permissão para acumular os dois cargos foi dada por meio de um ofício escrito pelo governador do estado de São Paulo da época, Laudo Natel.



Pu
blicação em Diário Oficial do Estado para que o Professor Manoel pudesse exercer os cargos de Diretor do Cotel e do Ginásio Industrial Trajano Camargo. Fonte: Professor Manoel.

O Colégio Técnico de Limeira foi constituído em tempo recorde. Segundo Manoel, do momento em que ele expôs o problema da demanda por profissionais de mecânica para o Dr. Zeferino e a implantação do colégio, pouco tempo se passou. Tudo foi muito veloz. A constituição do regimento interno, a grade curricular, o plano de disciplinas, a contratação de professores, etc., tudo foi feito, segundo Manoel, a partir de 1966. Ou seja, em menos de um ano, a escola estava em funcionamento.

O regimento interno do Colégio e as grades curriculares foram compiladas a partir de programas de outros colégios técnicos. Foram "gotejos",

como Manoel mesmo diz, de regimentos e grades curriculares de outros colégios técnicos tidos como referências no país, tais como a Escola Técnica Federal do Rio de Janeiro, Escola Técnica Federal de Manaus, Escola Técnica Federal de Florianópolis, Escola Técnica Federal de Santa Catarina, Colégio Técnico Federal de Jundiaí e, principalmente, a Escola Técnica de São Paulo. Manoel deixa clara a preocupação em não contrariar as propostas do regime militar na constituição desses documentos. Partiam do princípio de que se já estava aprovado para esses colégios, então também seria aprovado para o Cotil e Cotuca.

Isso foi feito pelo professor Álvaro, diretor do Cotuca, e pelo professor Manoel, a pedido do professor Zeferino para ser apresentado ao Consu - Conselho Universitário da Unicamp. A aprovação exigiu muito trabalho de persuasão do “Mandarin”⁵⁸, pois o Consu parecia, inicialmente, ser contrário à criação dos Colégios Técnicos. Todavia estes foram aprovados e instalados rapidamente.

Essa pressa parece ter tido outros tipos de conseqüências, não só educacionais, como as apresentadas acima. Na ata da 5ª Reunião Pedagógica do Cotil, realizada em agosto de 1969, o primeiro assunto discutido foi sobre o problema na autorização de funcionamento do colégio por parte do Conselho Estadual de Educação. Para a autorização, estava sendo solicitada a apresentação de um relatório muito complexo sobre a unidade. Esse relatório teria sido entregue à reitoria, que encaminhou diretamente ao Conselho Estadual de Educação. Isso era uma exigência, como acontece até hoje com todas as escolas que iniciam suas atividades, para que o colégio obtivesse seu registro no MEC, sem o qual os diplomas dos alunos não seriam registrados.

Além do relatório, deveria também ser entregue ao Conselho Estadual de Educação uma relação dos professores com seus registros profissionais, protocolos de registro ou mesmo uma autorização para exercer a profissão. O

58

Esta era uma expressão utilizada por Zeferino Vaz para fazer referência à sua cátedra na Universidade de São Paulo, obtida “após defender tese na área de Zoologia médica e parasitologia” (GOMES, 2006, p.18). “O Mandarin” foi o título principal escolhido por Eustáquio Gomes em seu livro sobre a “história da infância da Unicamp”, publicado em 2006, pela Editora da Unicamp.

diretor alertou os professores, alguns atuando pela primeira vez no magistério, que as autorizações das matérias de cultura geral deveriam ser obtidas em São Carlos ou Campinas e as de cultura técnica na Diretoria de Ensino Industrial. A professora Silvia Selingardi, por exemplo, ainda não possuía autorização para exercer atividades no ensino médio.

O professor Manoel ficou na administração do Cotil até 1971, quando seu mandato de quatro anos de direção se esgotou. Nesse período, Manoel participou da constituição do regimento interno dos colégios, da contratação de professores e da alocação dos alunos, pois segundo ele mesmo, nesse período havia uma população diária no prédio do Ginásio Industrial Trajano de Camargo de aproximadamente três mil pessoas, entre alunos do colégio técnico, alunos do ginásio industrial, alunos da faculdade e funcionários.

Pela Lei 7655/62, que instituiu a Universidade Estadual de Campinas, no Colégio Técnico de Limeira ministrariam aulas professores, contratados de acordo com sua especialidade e sua reconhecida competência, e auxiliares de ensino, contratados por proposta dos professores.

Seguindo essas orientações, o professor Manoel contratou os primeiros professores sem processo seletivo, sem concurso público, apenas pela “reconhecida competência” do docente.

O dr. Zeferino me deu autoridade para nomear os professores. Ele me deu autoridade para eu chamar quem eu quisesse, formar o corpo docente que eu quisesse. Hoje, eu não sei se faria a mesma coisa. Eu só convidava professor bom. Aqueles “feras” que sabiam tudo. Como o Gracioli, em desenho técnico mecânico não tinha, era insuperável. Prof. Celestino Mikami, engenheiro da Indústria Multinacional Rockwell-Fumagalli. Somente professores da mais alta competência, os melhores. E eles ficavam honradíssimos em trabalhar no colégio. Era um espetáculo! Um senhor corpo docente! (MANOEL, Textualização, p.23).

A confiança depositada pelo professor Manoel nos professores escolhidos era explicitada na primeira reunião pedagógica do colégio, realizada cinco meses após o início de seu funcionamento.

Se já não realizamos outras reuniões, foi por acúmulo de compromissos, bem como no início sabíamos que os senhores professores, mercê de seus conhecimentos, poderiam começar sem problemas (Atas, 1967, p.1).

Seguindo a política de contratação que orientava a Universidade Estadual de Campinas naquele período, os alunos da primeira turma foram selecionados a partir de um teste de conhecimentos e aptidão que, segundo Manoel:

Era como se fosse um exame vestibular. Mas foi assim uma coisa muito em casa. Havia para a primeira turma 80 candidatos, e entraram 40. Depois outros cursos foram sendo criados. (MANOEL, Textualização, p. 29).

Essa forma de “escolha” de alunos resultou em alguns problemas, que foram identificados pelos professores durante suas aulas. Na ata da primeira reunião dos professores, muitos comentaram sobre as dificuldades dos alunos em aprenderem. Os professores pontuaram muitas justificativas para esse problema. Uma destas justificativas era o fato de não ter havido uma forma de seleção que avaliasse o conhecimento do aluno. Outra justificativa para o baixo rendimento, apresentada pelo professor Álvares Graciolli, foi a falta de entrosamento entre os alunos e os professores, além da diferença de níveis escolares. O professor Rubens Picka apresenta outra justificativa para a dificuldade de aprendizagem dos alunos. Para ele, o problema estava no “alto nível do Colégio Técnico”, mencionando que o programa das matérias foi entregue aos professores sem nenhuma explicação, acarretando um brusco início do programa em algumas matérias. A essas manifestações, o diretor responde que as dificuldades serviriam de aprendizagem para os próximos anos e que “o início das atividades do colégio em 1967 prende-se ao fato de que é melhor começar mal do que não começar” (Atas, 1967, p. 1B).

No registro das atas é evidenciado que o “nível de dificuldade” do curso era algo valorizado por professores e pelo diretor. Os alunos deveriam estudar. Na ata da primeira reunião, podemos notar a preocupação do diretor quando afirma ser necessário um curso difícil para formar técnicos de alto nível para a indústria.

Em seu relato oral, o professor Manoel menciona alguns episódios dos primeiros tempos do Cotil para exemplificar o esforço e a dedicação de professores e alunos na busca por um ensino diferenciado, de qualidade. Ele diz que muitas vezes chegava tarde de reuniões em Campinas, São Paulo, etc., e encontrava as luzes do Ginásio Industrial acesas, pois lá estavam os alunos ainda estudando para provas ou ensinando os colegas. Os professores cobravam muito em suas provas. Os alunos passavam horas, às vezes um dia todo, resolvendo-as. Em uma dessas situações, o professor relembra que chegou a fazer um lanche para os alunos, que atravessavam a madrugada estudando.

O professor Edenilson também menciona uma situação para enfatizar o esforço de alunos e professores naqueles primeiros tempos. Ele diz que “muitos alunos devem se lembrar, à noite, a Sônia lecionava e eu ficava em casa com as crianças. Os alunos iam lá em casa para a gente fazer exercícios. Eles iam na minha casa fazer exercícios”. (EDENILSON, Textualização, p. 47).

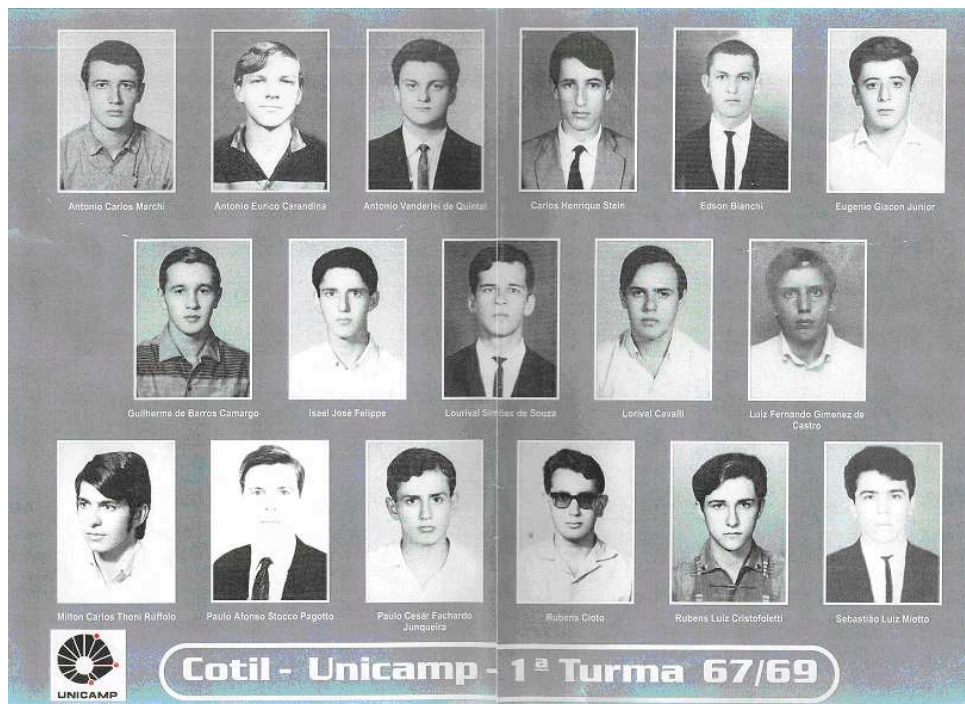
A grande dificuldade encontrada pelos alunos certamente originou o Pré-Cotil, criado pelos alunos da primeira turma do colégio, dentre os quais estava o professor Quintal. O Pré-Cotil, inicialmente, tinha o objetivo de auxiliar como um cursinho para tirar dúvidas dos colegas que precisavam. O Pré-Cotil tornou-se mais tarde o Procotil⁵⁹, cursinho preparatório dos exames de admissão no Cotil.

O professor Quintal, que foi aluno da primeira turma do Cotil, em um trecho de seu relato oral confirma as dificuldades encontradas pelos alunos para obter aprovação:

O Cotil era bem puxado. Eu tenho até o currículo⁶⁰ aí com os nomes das disciplinas. Quatro aulas semanais! Sempre foram quatro aulas semanais. Agora, a escola não era muito democrática. Na minha turma entraram 62 alunos e no terceiro ano só 14 alunos sobraram. Eu fui um destes. Tinha uma infinidade de reprovações. Por exemplo, o Dirceu foi meu colega desde o primeiro ano, mas ele não conseguiu na primeira. Ficou reprovado no primeiro ano. (QUINTAL, Textualização, p. 53).

⁵⁹ Conforme mencionado em nota anterior, o Procotil ainda funciona na cidade de Limeira, porém não mais como um cursinho preparatório, mas como escola de ensino supletivo e curso regular de 2º grau. O professor Quintal já não tem mais nenhuma ligação com a escola.

⁶⁰ Uma cópia desse documento encontra-se no Anexo 2.



Fotos dos alunos formados em fase da primeira turma do curso técnico de Mecânica de Máquina e Motores. Fonte: Professor Antonio Vanderlei de Quintal.

A orientação do diretor Manoel de valorização de um curso “puxado” não seria compartilhada por seu sucessor, como nos relata o professor Edenilson:

O curso era puxado. O Manuel falava: “tem que apertar, tem que apertar”. O negócio era arrochar. Tanto que tinha um professor de resistência de materiais, o Newton Senra, que era o terror dos alunos porque ele puxava mesmo. Os alunos reclamavam muito. O Prince entrou na diretoria e foi falar com o Newton para ver se não dava para ele amolecer um pouco. O Newton falou assim:

- Olha, eu estou aqui pra trabalhar. E outra, eu faço isso por prazer, porque se for para eu facilitar, para eu não trabalhar, eu fico na minha fazenda. Não preciso de aulas aqui. Para facilitar, eu prefiro sair. Ou formo alunos bons ou eu saio. Não vou ficar amolecendo o curso não, para satisfazer interesses daqueles que não querem nada com nada.

E saiu. Pediu demissão e foi embora. Nós reprovávamos mesmo. Se o aluno não conseguisse nota, ele reprovava. Eles reprovavam, mas no ano seguinte voltavam. Eles não se formavam na primeira, mas na segunda. Começamos com duas turmas de mecânica. Depois dessas duas turmas de primeiros anos de mecânica,

formou-se uma de segundo ano e depois uma de terceiro ano porque a reprovação era quase de 60% da turma. (EDENILSON, Textualização, p. 41-42).

* * *

O Colégio Técnico de Limeira nasceu sob a proposta de ser diferente das demais escolas técnicas. O professor Manoel, em seu relato oral, diz que o colégio deveria “formar somente técnicos para a indústria, mas um ótimo técnico” (Atas, 1968, p. 7B). O colégio tinha essa proposta de formar técnicos diferenciados, por ser um colégio técnico da Unicamp, uma universidade com prestígio intelectual, científico, etc. Esta era a proposta da Universidade Estadual de Campinas: “preparo de mão-de-obra técnica especializada de nível elevado [...] entre o engenheiro e o operário” (RELATÓRIO, 1966, p. 15), a qual orientava o trabalho de professores do Cotil e do Cotuca. O professor Manoel, no entanto, acredita que o ensino oferecido no Cotil, “através de um curso intelectual e científico, pretende não só formar técnicos industriais, mas também dotar o aluno de conhecimentos que permitam o ingresso em uma faculdade” (Atas, 1968, p. 8B). Por isso, “tem aquela formação eclética, tanto do saber por saber, como do saber aplicado”. (MANOEL, Textualização, p. 34).

Sobre esta característica da “formação eclética”, podemos notar no relato do professor Zacharias uma valorização da formação em todas as áreas de conhecimento geral.

E a parte cultural também. Não só de ciências como da área de saúde, da área de enfermagem também é muito grande a atuação junto à prefeitura, à Santa Casa, ao centro de saúde, o departamento de humanas. Nós temos o Cotil Arte que é uma integração das áreas exatas com humanas. Eu sempre disse no período em que fui diretor dessa escola, por quatro anos, que a escola não é só tecnologia, não é só ciências exatas, mas, sim a parte humana. (ZACHARIAS, Textualização, p. 64)

Mesmo tendo um currículo contemplando disciplinas técnicas e de formação geral, o professor Edenilson não compartilha da posição de que isso

seria uma confirmação da intenção do Cotel de preparar os alunos para o vestibular. Para ele, o curso tinha apenas o objetivo de formar técnicos.

Nós nunca pensamos em termos de vestibular, apesar de muitos de nossos alunos se saírem bem. Nosso objetivo não era esse. (EDENILSON, Textualização, p. 40)

Hoje, em seu depoimento, Manoel afirma que havia, sim, uma dualidade entre os pensamentos dos professores. Mesmo sendo um colégio técnico, alguns professores preparavam os alunos para o vestibular. O professor Manoel diz que deveriam ser preparados excelentes técnicos, pois com o arcabouço teórico obtido, eles poderiam escolher o que fazer ao fim do ciclo. Segundo ele, o Dr. Zeferino dizia que:

Meu caro, nós estamos numa democracia. Ele vai se quiser. Nós não estamos preocupados. Ele vai se quiser, ele não é tonto, ele vai saber que tem uma vantagem de “n” pescoços na frente. (MANOEL, Textualização, p. 30).

A ênfase do professor Manoel e de outros professores na qualidade do ensino oferecido pelo Cotel, que propõe uma formação não apenas técnica, mas de cultura geral, aponta para um momento de tentativa de rompimento da dualidade existente até então entre o ensino profissionalizante e secundário, este reconhecido socialmente como um ensino para as classes privilegiadas, enquanto aquele como sendo voltado aos menos favorecidos, aos “desvalidos”. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, promulgada em 1961, “a inferioridade da formação nas escolas profissionalizantes em relação à oferecida nas escolas secundárias oficialmente chegara ao fim. O preconceito construído durante anos, no entanto, levaria muito tempo ainda para ser rompido, se é que algum dia chegou a ser totalmente rompido” (PINTO, 2006, p. 97).

Pela LDB de 1961, Lei nº 4024, era permitido ao aluno concluinte do ensino médio profissionalizante ingressar em qualquer curso superior, gerando

um grave problema de insuficiência de vagas. O número de vagas tornou-se pequeno em relação aos alunos que prestavam vestibulares.

Numa pesquisa realizada em 1963 encontrou-se que 68,5% dos alunos das escolas técnicas industriais situadas no Estado de São Paulo pretendiam continuar seus estudos após o término do curso. (CUNHA, ano, p.144 apud Dias, 1967)

Quase dez anos após a promulgação da LDB de 1961, nos documentos encaminhados pelo diretor do Colégio Técnico de Campinas, professor Osmar Salles de Figueiredo⁶¹, Processo 3176/70, para oficialização da instalação do colégio, por exemplo, encontramos em um dos objetivos propostos a explicitação de que os cursos técnicos deveriam ser priorizados pelos alunos.

Formação geral do educando, propiciando o acesso aos estudos superiores, de preferência nas modalidades de cursos que estiverem vinculados aos Colégios Técnicos, pela natureza comum dos conhecimentos ou formação profissional (Apud CRUZ, 2008, p.118).

O dualismo/duelismo entre ensino técnico e ensino geral permanece. A educação técnica é privilegiada. A formação geral é apenas uma boa ferramenta para a formação profissional. A educação técnica:

deve oferecer formação geral e tecnológica sendo que a base da Educação Técnica é sempre uma Educação Geral. “Quanto mais expressiva for a Educação Geral, mais econômicas e eficientes serão a Educação Técnica e a Formação Profissional” (VIANNA, 1970, p.11 apud DIESEL, ano, p.30)

Nesse período, já haviam sido produzidos os primeiros acordos entre o Ministério da Educação brasileiro (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID). De 1964 a 1976, os acordos seriam ampliados. Vários acordos “de assistência técnica e cooperação financeira à educação brasileira” foram firmados, sendo o período de 1964 a 1968 aquele em que ocorreu o maior número desses acordos (<http://histedbr.fae.br/navegando/glossario>).

61

O professor Osmar Salles de Figueiredo foi diretor do Cotuca de 1970 a 1974.

O professor Manoel, embora não mencione os acordos MEC-USAID, nos relata que por uma proposta encaminhada pelo Ministério da Educação ao Professor Zeferino Vaz, ele e o professor Álvaro, então diretor do Cotuca, foram visitar colégios técnicos nos Estados Unidos. Segundo Manoel:

E em 1968 lá fomos nós, Álvaro e eu, como representantes dos colégios da Unicamp. Foram cinco do Senai. Foram representantes dos colégios técnicos federais, colégios técnicos particulares, escolas industriais foram duas também. No total, 25. Vinte e cinco diretores. Ficamos 42 dias nos Estados Unidos visitando escolas técnicas de todos os tipos: escolas técnicas particulares, escolas de comunidades, comunitárias, escolas oficiais e estaduais, escolas de clube de serviço. O Rotary mantém várias escolas técnicas nos Estados Unidos. Interessante! Ahamos uma coisa muito boa! Enfim, os tipos mais diferentes de escolas. Escolas técnicas de grandes empresas. Visitei o colégio técnico em Detroit, da Ford. Em Ann Arbor é a sede da Ford, em Detroit. Ann Arbor é uma pequena cidade ao lado de Detroit e nela há a escola mantida pela Ford. Em Atlanta nós vimos o colégio técnico mantido pela General Motors. Fantásticas! Em 1968. Era um daqueles projetos ainda do tempo do Kennedy e estavam no final porque depois disso nunca mais ouvi falar de nenhum outro grupo que foi para os Estados Unidos. Nem professor, nem diretor de escola. Não houve continuação do projeto. Parou. Em 1968, acho que foi o último com esses 25 que foram. Tudo isso porque Zeferino Vaz estava de olho aberto na ideia do colégio técnico. A Unicamp mandou dois. Tudo isso foi muito bom. Foi bom para mim, bom para a Unicamp. (MANOEL, Textualização, p. 30-31)

A partir de 1965, o “acordo de cooperação para desenvolvimento do ensino secundário e industrial em 31-03-1965”, em que a USAID assumia o compromisso de “contratar uma instituição de ensino norte-americano, a San Diego, para prestar serviços de consultoria ao MEC/DES⁶² e às Secretarias de Estado, objetivando o planejamento do ensino secundário no âmbito federal e estadual” (ARAPIRACA, 1982, p.169).

Em maio de 1970, em plena vigência do Ato Institucional nº 5, o Presidente da República, General Emílio Garrastazu Médici, através de um decreto presidencial, instituiu um Grupo de Trabalho⁶³ com o objetivo de

⁶² DES – Diretoria do Ensino Secundário.

⁶³ O grupo de trabalho era formado por: José de Vasconcellos, Valnir Chagas, Aderbai Jurema, Clélia de Freitas Capanema, Eurides Brito da Silva, Geraldo Bastos da Silva, Magda Soares Guimarães, Gildásio Amado e Nise Pires.

elaborar no prazo de sessenta dias um anteprojeto da nova política educacional para os níveis fundamental e médio.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi rapidamente aprovada, por unanimidade, no Congresso Nacional e não sofreu nenhum veto do presidente Médici que a sancionou como Lei 5.692 em 11 de agosto de 1971. Essa legislação contemplava as orientações dos acordos MEC-USAID.

Com a Lei 5692/71, os ensinos primário e ginásial foram unificados no denominado ensino de 1º grau, com um total de oito anos, que passou a ser a escolaridade considerada obrigatória, enquanto a antiga dualidade do ensino médio foi eliminada com a adoção de um único curso desse nível, denominado ensino de 2º grau, que previa uma profissionalização compulsória. O objetivo dessa profissionalização foi o de:

fazer com que um grande contingente de mão-de-obra pudesse ingressar mais cedo no mercado de trabalho, pois os estudantes já sairiam do 2º grau com uma habilitação profissional e procurariam logo um emprego, o que não seria difícil, já que o “milagre econômico” possibilitaria isso (ALBURQUEQUE NETO, 1995, p.731).

A profissionalização do ensino médio oficial em todo o país, no entanto, demandaria um gasto público gigantesco com reforma, aparelhamento, formação de professores, etc.

Uma profissionalização eficiente não pode ser improvisada. O seu sucesso depende, basicamente, de uma sólida reciclagem dos recursos humanos disponíveis e de um efetivo investimento de capital em instalações e equipamentos [...]

Isto significa que a transformação de toda a rede de ensino de 2º grau em profissionalizante implicaria um aumento substancial dos recursos financeiros que o Estado não estava em condições de suportar (LEITE; SALVI, 1981, p. 5)

Alguns cursos profissionalizantes, entretanto, necessitavam de menos recursos para serem implantados, uma vez que não exigiam materiais de laboratório, maquinarias ou outros instrumentos de alto custo. Estes cursos -

técnicos de magistério, contabilidade, economia doméstica, nutrição, etc. - seriam os escolhidos por vários colégios, principalmente particulares.

A LDB de 1971, ao propor uma profissionalização obrigatória no 2º grau, tinha a intenção de eliminar os tipos de ensino da escola secundária voltados apenas à formação geral e direcionados ao ingresso em universidades, como os tradicionais cursos clássico e científico. No entanto a própria legislação apresenta “brechas” que possibilitam o oferecimento apenas de matérias não técnicas, ou seja, um ensino de formação geral.

Segundo o Parecer 853/71 do Conselho Federal de Educação, “qualquer conteúdo da parte de educação geral pode ser tratado sob forma instrumental e, assim considerado, integrar a parte de formação especial do currículo”, concluiremos então que a lei faz uma grande concessão para que subsista a educação de caráter geral e acadêmico. [...] Isso significa que está claramente aberta a oportunidade para que boa parte da população escolar continue a receber educação meramente acadêmica (ROMANELLI, 2007, p.252).

Muitas escolas particulares, como nos diz Leite e Savi (1981, p. 5), utilizavam esse parecer para continuar o oferecimento do “ensino propedêutico sob “a máscara de profissionalizante”. Para as autoras, “a lei criou uma impossibilidade material e humana que desprestigiou a seriedade do projeto”.

As dificuldades encontradas para a implantação do ensino de 2º grau profissionalizante e as profundas críticas surgidas de diferentes setores da sociedade levaram o MEC a recuar “em seu intento inicial” e a suavizar “a obrigatoriedade profissionalizante”, por meio da introdução de “habilitações básicas⁶⁴, que previam uma formação profissional genérica a ser completada nas empresas” (ALBURQUEQUE NETO, 1995, p.732).

A reforma de ensino proposta pela Lei 5692/71 parece não ter alterado significativamente as práticas do Cotel, exceto as alterações de carga horária. Nesse período, o colégio ainda estava se ajustando. O regimento interno do colégio só foi aprovado pelo Conselho Estadual de Educação em 29 de janeiro de 1972, já adequado à legislação vigente. Algumas disciplinas trocaram de

64

Parecer CFE nº 76/75.

nome, para se ajustarem às oferecidas pelo Cotuca e assim existir uma equivalência entre os currículos. Ainda discutia-se a importância de algumas disciplinas técnicas e a adaptação destas às necessidades do colégio. Havia uma preocupação com visitas técnicas dos alunos às empresas, com o estágio, com a integração do colégio às empresas, com semanas de palestras, etc. O colégio estava se constituindo como uma instituição que pretendia ser de qualidade, em um esforço conjunto de alunos, professores, universidade, indústrias, etc.



III Fácil (Feira Agro, Científica e Industrial de Limeira) realizada no ano de 1969. Na foto, Professor Quintal (enquanto aluno do Cotil), O prof. dr. Zeferino Vaz, reitor da Unicamp, e o prof. Manoel da Silva. Fonte: Professor Antonio Vanderlei de Quintal.

Provavelmente é esse momento de mudanças ocorridas no ensino profissionalizante, desencadeadas pela Lei 5692 de 1971, que nossos entrevistados identificam como o “momento da virada” para a Matemática

Moderna no Cotil, considerando como marco o abandono do livro do professor Manoel Jairo Bezerra, o “Bezerrão”, e a adoção de outros livros didáticos.

O professor Agostinho, que cursou o “científico no Castelo Branco, numa turma depois do Quintal”, afirma ter usado “aquele livrão grosso do Bezerra”, que era muito mecânico, “calcule isso”, “calcule aquilo” (AGOSTINHO, Textualização, p 56).

O planejamento da disciplina Matemática, no início das atividades do Cotil, segundo o professor Quintal, era baseado no “Bezerrão”, volume único intitulado “Curso de Matemática”, para o primeiro, segundo e terceiro ano dos cursos clássico e científico. “O conteúdo era o do livro do 'Bezerra', do 'Bezerrão'”. Esse conteúdo era “função exponencial, logaritmo. Só que não se falava muito em funções. Era logaritmo e 'pau na máquina'. Não tinha, não se falava em função logarítmica”. A “análise de gráficos” não era trabalhada. “Era logaritmo puro e simples. Nós tínhamos uma tábua de logaritmos. A gente levava embaixo do braço e todos os cálculos eram em função desta tábua. Os logaritmos eram ensinados, regras de cálculo. Conhece a régua de cálculo?” (QUINTAL, Textualização, p. 56).

As características do “Bezerrão” de ser um texto tradicional e voltado aos vestibulares são aspectos realçados pelo autor em sua rápida apresentação. Após afirmar que o texto apresentado contém “todo o programa de Matemática” do nível médio, o autor apresenta as “qualidades” do livro:

Além de estar menos sujeito às modificações de programas, facilitará a revisão da matéria nas vésperas dos vestibulares, auxiliará ao professor quando (numa série mais adiantada) desejar recordar um assunto da série anterior, e possibilitará ao estudante a compra dos livros do 2º Ciclo por um preço mais acessível (BEZERRA, 1966, p.9)

Quando o “Bezerrão” deixou de orientar o ensino de matemática do Cotil, o grupo de professores desta matéria diz ter utilizado vários livros didáticos. Alguns professores faziam apostilas para suas aulas. Faziam isso porque a apostila contava pontos para sua evolução profissional na carreira docente. Todavia, para os professores, alguns livros, algumas coleções, alguns autores

eram referência em suas aulas, independente se estavam lecionando no colégio técnico ou naqueles de ensino normal.

Pelos depoimentos, notamos que os livros didáticos escritos por professores do Cursinho Anglo Latino foram destaque. Gelson Iezzi foi citado por todos os professores como uma referência. Dentre as coleções de livros desses autores, podemos destacar a coleção “Matemática Moderna” amplamente divulgada no período. Além deles, os livros da coleção do SMSG também foram mencionados.

O livro que nós usávamos era o livro do Cid Guelli. É interessante o livro dele. É o primeiro, pois não existia livro. Outro que também apareceu foi o livro do Scipione de Pierro Neto. Cid Guelli era do grupo do Anglo Latino. O Cid é que introduziu essa parte de Matemática Moderna dentro do cursinho. O Gelson Iezzi dava aula lá na mesma época, mas só que ele dava analítica. O Gelson é de Corumbataí. Tinha o Gelson Iezzi, tinha o Cid, o Oswaldo Dolce e o Murakami, mas este já é mais novo. O Cid Guelli foi o pai da história. Era interessante assistir a uma aula dele. Ele suava. Tinha duzentos caras dentro da sala já naquela época. Se não eram duzentos, eram 150, mas não tinha um pio, e o bicho suava. “Maravilha” as aulas dele. Mas foi com o Cid Guelli que eu tomei contato mesmo com a parte de Matemática Moderna. (QUINTAL, Textualização, p.59-60)

No Cotil eu trabalhei com muitos livros, inclusive com o do SMSG⁶⁵, mas trabalhei com vários outros. Eu usava muito aquela coleção de matemática da Editora Moderna. Lembra que tinha um só de trigonometria, um só de geometria, etc. Nessa coleção tem a parte de conjuntos. Um dos primeiros livros é sobre conjuntos. Eu acho que a coleção não é matemática moderna. É do Gelson Iezzi, Oswaldo Dolce, não me lembro quem mais. Tinha uma série de professores. Eles eram todos professores dos cursinhos de São Paulo e fizeram essa coleção. E a coleção acho que se chamava Matemática Moderna. (EDENILSON, Textualização, p.44)

No colégio geralmente a gente trabalhava com apostila ou indicava livros. Eu montava minha apostila e também indicava livros. Antes, era lousa, giz e caderno, depois foi mudando. Com a introdução da tecnologia foi mudando. Deu para montar apostilas para os alunos com exercícios e teoria. Eu usava como livro de referência o livro do Gelson Iezzi ou o do Dante. (AGOSTINHO, Textualização, p.50)

Existiam livros excelentes, que contemplavam assuntos de Matemática Moderna. Trabalhamos bastante com esses livros no Trajano Camargo,

⁶⁵ Trata-se da coleção Matemática para o curso colegial produzida pelo grupo “*School Mathematics Study Group* – que se reunia em Nova York, na Fordham University” e que teve uma versão brasileira produzida pela Funbec - Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências (GARNICA, 2008, p.6).

denominados os “pretinhos”, que eram do pessoal do Anglo Latino: Gelson Iezzi, Osvaldo Dolce... Eram livros que já traziam coisas novas.

Fiz um curso, em 1978, de um livro interessantíssimo da Renate Watanabe, da USP. Ela é esposa do Shideo Watanabe que foi diretor da Academia de Ciências do Estado de São Paulo. Acho que agora nem existe, mas era um livro, para a época, maravilhoso. É um livro de Matemática Moderna. Tem “modernidade”.

No colégio técnico nós não usávamos livros, porque aqui tem a evolução funcional. Se você faz apostilas, elas são avaliadas. Elas têm um valor, uma quantidade de pontos que melhora o seu desempenho na carreira. Então, a maioria ainda trabalha com apostilas. (...)

Naquele tempo, mesmo nas apostilas, a matemática não era especificamente moderna. A Matemática Moderna da qual se falava era a teoria “conjuntiva”. Em tudo se falava em conjunto. (Textualização, p.67-68)

Os livros didáticos, como ocorria com muitos professores naquele período de introdução da Matemática Moderna e ocorre até hoje, são muitas vezes os maiores orientadores do trabalho pedagógico do professor.

* * *

As questões trabalhistas foram alvo de muitas discussões e negociações nos anos iniciais do Cotil. Naquele período, os professores eram pagos por aulas dadas. Na primeira ata de reuniões de 1967 foi esclarecida a forma como era calculado o salário dos professores, aplicando um novo critério que consistiria em multiplicar o total de aulas semanais por 4,5, ou seja, por quatro semanas e meia. O resultado devia ser multiplicado novamente por NCr\$ 8,00⁶⁶. Na ata da reunião seguinte, o professor Manoel cita o artigo 16 da Lei 7655, de 28 de dezembro de 1962, lei de criação da Unicamp, que diz:

Art. 16. O corpo docente da Universidade de Campinas, distribuído pelas Faculdades e Institutos de Ensino, será composto de:

I – professores catedráticos;

II – professores contratados;

III – auxiliares de ensino.

Parágrafo único. Nas Escolas Técnicas só haverá as categorias de docentes indicadas nos itens II e III deste artigo (BRASIL, 1962).

Ele cita este trecho da Lei e complementa dizendo que o sistema de contratação, sem efetivar o professor, era ideal, pois, segundo ele, a efetivação

⁶⁶

A moeda vigente neste período era o Cruzeiro Novo.

do professor acarretaria uma baixa do nível de ensino. É claro que essa opinião não era compartilhada por muitos professores que, no entanto, não se manifestaram, ou as manifestações não foram registradas na ata.

Em 1969, o professor Manoel comunica um novo modelo de contratação de professores, agora de acordo com a CLT. No ano de 1971, na ata da 6ª reunião, o assunto novamente veio à tona, todavia não dizia mais respeito à contratação pela CLT. Novos problemas surgiram. Analisando-se as manifestações surgidas, pode-se conjecturar que os professores da área técnica, em sua maioria, eram engenheiros empregados em grandes indústrias da cidade e região. Alguns docentes do ensino médio também estavam na mesma situação. Por essa razão, provavelmente, a discussão girava em torno desses professores, que não queriam ser contratados pelo colégio em regime CLT. Diante do impasse, o professor Júlio Américo Barbigli Abade sugeriu que um grupo fosse contratado pelo regime da CLT, no caso daqueles que não possuíssem vínculo empregatício, e que os outros tivessem outro tipo de contrato. O professor Ilacyr Luiz Gualazzi “pediu a compreensão dos colegas no sentido de que os professores que não pudessem ser contratados pela CLT não interferissem na contratação dos outros colegas, que não tendo vínculo empregatício, teriam grande interesse pela contratação via CLT” (Atas, p. 12a). Após esses apartes, nada mais foi colocado e, ao que tudo indica, nada foi resolvido ou então não foi registrado em ata. Tudo isso aconteceu durante a direção do professor Manoel.

Em 1971, inicia-se o período de direção do Coronel Antônio Prince Rodrigues. Doutor Prince, como era chamado por todos, ficou na direção do Cotil até 1986, ou seja, 15 anos. Regime militar...

No primeiro ano de sua gestão, dr. Prince, em uma reunião com os professores, abordou como primeiro assunto a forma de contratação pela CLT. Foram vários os questionamentos, as dúvidas e opiniões apresentadas pelos professores. O diretor disse que a Unicamp passava por estruturações e por isso não poderia dar maiores informações sobre o assunto. O diretor complementou

dizendo que o Diretor da Administração Geral da Unicamp, sr. Zuhair Warwar, estava viajando.

O grupo de professores, então, propôs duas perguntas que deveriam ser levadas ao sr. Zuhair Warwar, pelo Dr. Prince, logo que ele retornasse de sua viagem. As perguntas eram:

1) Qual seria a garantia de condições de trabalho para o professor que já tem vínculo com o estado? 2) Os professores que ministram aulas de disciplinas de cultura técnica devem ser obrigatoriamente engenheiros? Se for, qual deve ser sua remuneração mínima?" (Atas, 1971, 14b).

Ainda no ano de 1971, uma nova reunião foi realizada, porém nada foi discutido sobre os questionamentos apresentados na reunião anterior. O assunto central da reunião era a contratação de professores. Após alguns comentários, o diretor resolveu criar uma comissão para tratar desse assunto diretamente com o sr. Zuhair Warwar. A comissão era composta pelos professores Aloísio Vieira Ferreira, Rubens Picka e João Maria Castelo Branco de Almeida Pinheiro. Estes deveriam comunicar aos demais professores o resultado daquela reunião.

O colégio ficou sem reuniões ou sem registro em ata durante cinco anos, de 1971 a 1976. Nesse período os professores foram contratados pelo regime CLT. Com a abertura política, essas questões retornam à pauta das discussões. Agora a reivindicação é pela existência de um plano de carreira para os professores dos Colégios Técnicos. Essa reivindicação foi alcançada, por meio da criação da carreira do MTS - Magistério Técnico Superior.

Em 1984 são criados os cargos de coordenadores de cursos: Álvares Gracioli para Mecânica, Paulo Sérgio Saran para Edificações, José Reinaldo Bertolini para Estradas, e Clarice Pereira Gorga para Enfermagem. As funções dos coordenadores eram: planejamento, reuniões para entrelaçamento de áreas, programas, apresentação de relatórios, orientação de alunos, contratação de estágios para alunos, avaliação e aprovação de relatórios, auxílio à direção da escola e manutenção de contato com os alunos para esclarecimento de dúvidas.

Nesse momento, no ano de 1986, o professor Edenilson Simões assumiu a direção do Cotil, por nomeação do então reitor da universidade, o professor doutor Paulo Renato Costa Souza. O professor Edenilson ficou quatro anos e foi sucedido pelo professor Maurílio do Carmo Silva, que ficou por dois mandatos, de 1990 a 1998. Após a direção do professor Maurílio, foi diretor o professor Antônio Pena, que ficou apenas por um mandato, de 1998 a 2002. De 2002 até 2010, temos como diretor o professor Paulo Sérgio Saran, que por duas vezes foi eleito pela maioria de votos de professores e funcionários.

A partir da década de 1970, os cursos foram sendo criados, à medida que o tempo, as condições políticas, econômicas e sociais exigissem. Iniciado com o curso de Mecânica de Máquinas e Motores, em 1967, e os cursos de Edificações e Estradas, em 1968, no ano de 1973 o colégio ganha prédios no mesmo campus da FEL e começa a expandir a oferta de cursos. O curso de Enfermagem é criado em 1974. Dezesete anos depois, em 1991, foram criados os cursos de Agrimensura, em substituição ao curso de Estradas, e o curso de Processamento de Dados, que posteriormente, em 2000, tornou-se Informática. O curso de Qualidade e Produtividade, o primeiro da América Latina, iniciou suas atividades em 1994. O colégio foi se modificando, com o passar do tempo, abrindo novas oportunidades e formando um número maior de técnicos.

Considerações Finais

Pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 4.024, aprovada em 20 de dezembro de 1961, na vigência de um projeto político-econômico desenvolvimentista no país, é intensificado o processo de valorização do ensino técnico, necessário à criação de mão-de-obra especializada para as indústrias que se instalam no Brasil. No mesmo período, são iniciadas as ações tendo em vista a criação da Universidade Estadual de Campinas - UEC.

No relatório encaminhado em 1966 ao Conselho Estadual de Educação, criado pela LDB de 1961, a Comissão Organizadora da UEC realça que “o dispositivo da LDB que tornou possível a criação de colégios técnicos junto a universidades, abriu novas perspectivas para o preparo de mão-de-obra técnica especializada de nível elevado, veio ao encontro da bem conhecida deficiência de elementos intermediários entre o engenheiro e o operário” e propõe a criação de dois colégios técnicos vinculados à UEC (RELATÓRIO, 1966, p. 15). As atividades do Colégio Técnico e Industrial de Limeira – COTIL – são iniciadas em 1967.

Vários fatores motivaram a instalação de dois colégios técnicos vinculados à Unicamp, na visão de nossos entrevistados. A necessidade de mão-de-obra especializada para as indústrias de metalurgia e mecânica da cidade foi realçada pelo professor Quintal e pelo primeiro diretor Manoel. Essa necessidade específica das indústrias de Limeira, segundo o professor Edenilson, ia ao encontro dos interesses da Universidade Estadual de Campinas, não apenas de preparar uma “mão-de-obra técnica especializada de nível elevado [...] entre o engenheiro e o operário” (RELATÓRIO, 1966, p. 15), mas também em aumentar sua verba, que era proporcional à quantidade de alunos.

O regimento interno e a estrutura curricular do Cotel, bem como do Cotuca, foram elaborados a partir das propostas de outros colégios técnicos já existentes no país, em particular a da Escola Técnica de São Paulo.

Tendo em seu currículo disciplinas de formação geral e técnica, os professores do Cotel, em seus anos iniciais, realizavam reuniões de planejamento conjunto. Nessas reuniões, os professores das disciplinas técnicas sugeriam aos professores de matemática e de outras disciplinas gerais os temas necessários ao desenvolvimento de suas matérias. Nesse sentido, as disciplinas gerais, em especial, matemática, física e química exerciam a função de auxiliares das disciplinas técnicas. Seguindo as orientações das disciplinas técnicas, a matemática era iniciada no primeiro ano com a trigonometria, chegando, ao final do terceiro ano, em limites e derivadas.

No ano em que o Cotel iniciou suas atividades, a matemática moderna já estava sendo experienciada de diferentes formas em escolas primárias e secundárias. Nossos entrevistados, mesmo afirmando terem tido contato com propostas de Matemática Moderna em períodos anteriores ao ingresso no Cotel, nem sempre compartilham da posição de que os conceitos modernos são importantes e/ou necessários à matemática desenvolvida nas escolas técnicas. Entretanto a resistência em aliar um ensino técnico, aplicado, a novos conceitos vai aos poucos sendo rompida.

Um marco para a mudança de postura com relação ao ensino de matemática do Cotel e a introdução de conceitos modernos é apontado por muitos de nossos entrevistados como o abandono do livro do professor Manoel Jairo Bezerra, o “Bezerrão”, e a adoção de outros livros didáticos. Para esses professores, o livro de Bezerra, que orientava a elaboração dos programas de matemática nos anos iniciais do Cotel, era mais mecânico, não explorava muito as funções, não trabalhava com gráficos.

As características do “Bezerrão” de apresentar um texto tradicional e voltado aos vestibulares, de ser menos sujeito “às modificações de programas”, manifestadas pelo próprio autor na introdução de seu livro, reforçam os

argumentos de professores do Cotil na identificação de mudanças ocorridas no ensino de matemática na escola (BEZERRA, 1966, p.9).

Outros livros substituíram o “Bezerrão” na orientação do ensino de matemática do Cotil. Os mais mencionados são os livros didáticos escritos por professores do Cursinho Anglo Latino, englobados sob o título Coleção Matemática Moderna, publicada pela Editora Moderna na década de 1970, composta inicialmente por nove volumes: 1. Teoria dos Conjuntos; 2. Álgebra I; 3. Geometria de Posição; 4. Geometria Métrica; 5. Trigonometria; 6. Álgebra II; 7. Álgebra III; 8. Álgebra IV e 9. Geometria Analítica. Os autores eram Cid A. Guelli, Gelson Iezzi e Osvaldo Dolce. Essa coleção, citada por todos os professores como uma importante referência, foi muito utilizada em cursos do ensino médio no período de nosso estudo e, provavelmente, foi a primeira coleção moderna para esse nível de ensino.

Outra coleção mencionada, que confirma a mudança de postura com relação ao ensino de matemática, é a tradução brasileira produzida pela FUMBEF - Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências -, da coleção Matemática para o curso colegial produzida pelo grupo “*School Mathematics Study Group*”, que se reunia em Nova York, na Fordham University” (GARNICA, 2008, p.6).

Para a introdução da matemática moderna nas aulas, como muitas vezes ocorre ainda hoje, os livros didáticos tiveram um importante papel, e muitas vezes foram os únicos instrumentos orientadores do trabalho pedagógico de nossos entrevistados com as novas orientações do ensino. Apenas um dos docentes mencionou ter participado de cursos de matemática moderna para professores, quando ainda não era professor do Cotil.

Os livros didáticos mencionados pelos entrevistados foram os mais fortes indícios da presença da Matemática Moderna no Colégio Técnico de Limeira. Não identificamos essa presença nos currículos ou nos diários de classe que analisamos.

Acreditamos que, ao contrário do que ocorreu nas escolas de ensino fundamental e médio não profissionalizante, no Colégio Técnico de Limeira não

aconteceu uma adoção imediata e intensa das propostas renovadoras de matemática. Os conceitos e abordagens modernos foram sendo incorporados lentamente e de maneiras diferenciadas pelos professores no cotidiano escolar.

Bibliografia

ALBUQUERQUE NETO, A. S. de. **Legislação e Política Educacional Brasileira**, *Revista Brasileira de Estudos pedagógicos*, v.76, n.184, set./dez. 1995. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/issue/view/26/showToc> Acesso em 10/01/2010.

Arquivo Central do Sistema de Arquivos – SIARQ. Unicamp. <http://www.unicamp.br/siarg/pesquisa/rubens_marques.html>. Acesso em 05/01/2010.

BARALDI, Ivete Maria. **Retraços da educação matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção**. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. UNESP, Rio Claro, 2003.

BEZERRA, M. J. **Curso de Matemática, para os primeiro, segundo e terceiro anos dos cursos clássico e científico**. São Paulo: Nacional, 1966.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. **Filosofia da Educação Matemática**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BIGODE, A. J. L.; VALENTE, W. R. **O tijolão, o bezerrão: histórias de Jairo Bezerra, histórias da Educação Matemática**. *Educação Matemática em Revista*, ano 10, n.13, março de 2003, p.4-12.

BLOCH, Marc L. B.. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Ciro. **O processo inicial de disciplinarização de função na matemática do ensino secundário brasileiro**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC-SP, 2003.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

BRASIL. Lei nº 7.655, de 28 de dezembro de 1962.

BRASIL. Lei nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

BRIOSCHI, Lucila Reis; TRIGO, Maria Helena Bueno. **Relatos de vida em ciências sociais**: considerações metodológicas. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo: SBPC, Julho 1987; v.39, n.7, p.631-637.

BÚRIGO, E. Z. **Movimento da Matemática Moderna no Brasil: Estudo da Ação e do Pensamento de Educadores Matemáticos nos anos 60**.

Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1989.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CALANDRELI, Vitor. **A influência do Movimento da Matemática Moderna na prática pedagógica de escolas técnicas da região de Campinas**. Campinas, SP. Projeto de Iniciação Científica. Faculdade de Educação. Unicamp. 2001.

CAMPOS, Judas Tadeu de. **As políticas de formação dos professores paulistas antes, durante e depois da pedagogia tecnicista**. Revista *E-*

Curriculum, São Paulo, v. 1, n. 1, dez. – jul. 2005-2006. Disponível em:
<http://www.pucsp.br/ecurriculum>

CARVALHO, João Bosco Pitombeira; WERNECK, Ana Paulo Lellis; ENNE, Débora Silva; COSTA, Mônica Baptista da; CRUZ, Priscilla Rangel. **Euclides Roxo e o movimento de reforma do ensino de matemática na década de 30.** In: *Revista brasileira de estudos pedagógicos*. Brasília, v. 81, n. 199, p. 415-424, set./dez. 2000.

CARVALHO, Jussara Gallindo Mariano de. **História, trabalho e educação: a educação profissional no Brasil** (EPDB, Poços de Caldas, MG). Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2008.

CASTRO, Cláudio de Moura. **Secundário profissionalizante: prêmio de consolação?** In *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.17, p. 41-52, jun. 1976.

Centro Superior de Educação Tecnológica – CESET
<<http://www.ceset.unicamp.br/ceset/historia>> Acesso em 13/10/2009

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude.** Tradução Patrícia Chittoni Ramos. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CRUZ, L. P. da. **Bento Quirino e Cotuca: os passos do ensino profissional em Campinas.** Campinas, SP: [s.n], 2008. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo.** 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP; Brasília, DF: FLASCO, 2005.

Curso e Colégio PROCOTIL. <<http://www.procotil.com.br>>. Acesso em 06/01/2010.

Escola Técnica Estadual Trajano Camargo -
<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/Ete/Escolas/Campinas/Limeira_ETE_Trajan_Camargo.html>. Acesso em 06/01/2010.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed., 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FAUSTO, Boris (Org). **O Brasil Republicano**, v. 4: economia e cultura (1930-1964). 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & Abusos da história oral**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FERRO, Maria Eduarda. **A história do ensino técnico-industrial de Rio Claro(SP): da escola profissional masculina ao Senai (1920-1985)**. Dissertação de Mestrado – Centro de Educação e Ciências Humanas. São Carlos: UFSCAR, 2003.

FIRKOWSKI, Olga C. de Freitas. **A industrialização recente do município de Limeira em face do contexto industrial paulista**. Dissertação de Mestrado – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. UNESP, Rio Claro, 1989.

FISCHER, Maria Cecília Bueno. **Formação de professores em tempos da matemática moderna: uma proposta de investigação histórica**. In: Rev. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 8, n. 25, p. 663-674, set./dez. 2008

FIORENTINI, Dario. **Alguns modos de ver e conceber o ensino de matemática no Brasil**. Revista *Zetetiké*, Campinas, n.4, p.1-37, 1995.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Pedagogia da Fábrica**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FRANÇA, Denise Medina de Almeida. **A produção oficial do Movimento da Matemática Moderna para o ensino primário do estado de São Paulo (1960-1980)**. Dissertação de Mestrado. PUC São Paulo, 2007.

FRANCO, Maria Aparecida Ciavatta; CASTRO, Cláudio de Moura. **A Contribuição da educação técnica à mobilidade social**. In *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.36, p.41-59, fev. 1981.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa; DURIGAN, Maria Inês S. **O aluno de cursos profissionalizantes no nível de 2º grau: um retrato sem retoques**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 48, p.47-56, fev. 1984.

FRANGELLA, R. de C. P. **Colégio de aplicação e a instituição de uma nova lógica de formação de professores: um estudo histórico no Colégio de Aplicação da Universidade do Brasil**. ANAIS. I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/>.

FRANCO, Maria Laura P. B. **O ensino de 2º grau: democratização? Profissionalização? Ou nem uma coisa nem outra?** In *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 47, p.18-31, nov. 1983.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado**. Tradução de Marisa Rocha Motta. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GARNNICA, A. V. M. **Resgatando oralidades para a história da matemática e da educação matemática brasileiras: o Movimento Matemática Moderna**. *Zetetiké*, v.16, n.30, jul./dez.-2008, p. 163-215.

GOMES, Eustáquio. **O Mandarin: história da infância da Unicamp**. 1ª ed. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2006.

HOBSBAWN, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Pulo: Companhia das Letras, 1995.

KLINE, Morris. **O fracasso da matemática moderna**. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1976.

LANG, Alice Beatriz da S. G.; CAMPOS, Maria Christina S. De S.; DEMARTINI, Zélia de B. F.. **História oral e pesquisa sociológica**: a experiência do CERU. São Paulo: Humanitas, 1998.

LAVORENTE, C. R. **A Matemática Moderna nos livros de Osvaldo Sangiorgi**, PUC-SP, 2008. Dissertação de Mestrado.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEITE, Maria Ribeiro; SAVI, Rita de Cássia B.. **Ensino de 2º grau profissionalizante**. In *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.36, p. 3-25. fev. 1981.

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. **Escolas técnicas agrícolas e educação matemática**: história, práticas e marginalidade. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. UNESP, Rio Claro, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MENEGHEL, Stela Maria. Zeferino Vaz e a Unicamp – Uma trajetória e um modelo de universidade. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994.

MIGUEL, Antônio; MIORIM, Maria Ângela. **História na Educação Matemática**: Propostas e desafios. 1. ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MIORIM, Maria Ângela. **Livros didáticos de Matemática do período de implantação do Movimento da Matemática Moderna no Brasil**. CD do V CIBEM - Congresso Ibero-Americano de Educação Matemática, de 17 a 22 de Julho, 2005. Porto, Portugal.

MIORIM, Maria Ângela. **Introdução à história da Matemática**. 1.ed. São Paulo: Atual, 1998.

NOVAES, B. W. D. **Um olhar sobre a educação matemática dos anos 1960 e 1970 dos cursos técnicos industriais federais do Estado do Paraná**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2007.

OLIVEIRA, R.. **O ensino médio em questão**: a análise de uma história recente. Boletim Técnico do Senac, v. 34, p. 42-49, 2008.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na história oral**. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: *Projeto História*. São Paulo, (14), fev. 1997.

PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PINTO, Antônio Henrique. Educação **matemática e formação para o trabalho**: práticas escolares na Escola Técnica de Vitória. Dissertação de Mestrado. – Faculdade de Educação, Campinas, Unicamp, 2006.

PIRES, Rute da Cunha. **A presença de Nicolas Bourbaki na universidade de São Paulo**. Tese de Doutorado. São Paulo, PUC-SP, 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O pesquisado, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas**: algumas reflexões. In: LANG, Alice Beatriz da S. G. (org.). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. p.13-29

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Relatos Orais**: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988. p.14 - 43.

REVISTA DIÁLOGO EDUCACIONAL. Curitiba. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. – v.6, n.18, maio/ago. 2006.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**: (1930/1973). 32. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SCHUBRING, Gert. **Análise histórica de livros de matemática**: notas de aula. Tradução de Maria Laura Magalhães Gomes. – Campinas: Autores Associados, 2003.

SEARA, Helenice Fernandes. **Núcleo de Estudo e Difusão do Ensino da Matemática – NEDEM** – “Não É Difícil Ensinar Matemática”. Dissertação de Mestrado. – Paraná, UFPR, 2005.

SILVA, Viviane da. **Osvaldo Sangiorgi e o “fracasso da matemática moderna” no Brasil**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC-SP, 2007.

SIMSON, Olga de Moraes Von. **Depoimento oral e fotografia na reconstrução da memória histórico-sociológica**: reflexões de pesquisa. B.C.M.U., Campinas, v.3, n.5, p.14-24, jan./jun. 1991.

SIMSON, Olga de Moraes Von. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**. In *Augusto Guzzo Revista Acadêmica*. – São Paulo; BRASIL 2003; p.14-18.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação matemática crítica**: A questão da democracia. 2.ed. - Campinas, SP: Papirus, 2001. (Coleção Perspectivas em Educação matemática)

SOARES, Flávia. **Movimento de matemática moderna no Brasil**: avanço ou retrocesso? Dissertação de Mestrado. – Departamento de Matemática. Rio de Janeiro, PUC-RJ, 2001.

SOUZA, Gilda Lúcia Delgado de. **Educação matemática na CENP**: um estudo histórico sobre condições institucionais de produção cultural por parte de uma comunidade de prática. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. <<http://www.unesp.br/apresentacao/historico.php>>. Acesso em 04 de janeiro de 2010

VALENTE, Wagner Rodrigues. **Uma história da matemática escolar no Brasil, 1730-1930**. 2. ed. – São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002.

VALENTE, Wagner Rodrigues. **Controvérsias sobre a educação matemática no Brasil**: Malba Tahan versus Jacomo Stávale. In *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 120, p. 151-167, nov. 2003.

VALENTE, Wagner Rodrigues. **Osvaldo Sangiorgi: um best-seller para o ginásio, um fracasso editorial no colégio**. Seminário Movimento da Matemática Moderna. Florianópolis, 2009. ANAIS. Disponível em: www.smmmfloripa.ufsc.br/WagnerValente_art.pdf. Acesso em 12-01-1010.

ZIBAS, Dagmar L. **Ser ou não ser**: o debate sobre o ensino médio. In *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 80, p. 56-61, fev. 1992.

ZYLBERSZTAJN, A; FERREIRA, A. C; LUIZ, J. C; MATTOS, L.L; PENTEADO, P.C. M. **Physical Science Study Committee (PSSC)**. Trabalho da disciplina Instrumentação para o Ensino de Física A. Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

DOCUMENTOS

Cotil. Livro de Atas (1967-1986). s/e, s/d, 66 páginas.

Cotil. Programa da disciplina matemática. s/e, s/d, xx páginas.

Cotil, Grade curricular do curso técnico de Mecânica de Máquinas e Motores/Mecânica (1967-1989). s/e, s/d, xx páginas.

Cotil, Grade curricular do curso técnico de Edificações/Construção Civil (1967-1989). s/e, s/d, xx páginas.

Cotil, Grade curricular do curso técnico de Estradas/Agrimensura (1967-1989). s/e, s/d, xx páginas.

Cotil, Grade curricular do curso técnico de Enfermagem (1967-1989). s/e, s/d, xx páginas.

Cotil, Diários de Classe – Professor Agostinho Adam Júnior – 1989. s/e, s/d, xx páginas.

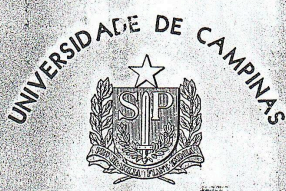
Cotil, Exame de Seleção – Matemática, s/e, 197x, xx páginas.

RELATÓRIO DA COMISSÃO ORGANIZADORA DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS. 1966, DISPONÍVEL EM: http://www.unicamp.br/siarq/pesquisa/comissao_organizadora.pdf

SIARC-Unicamp. Levantamento de dados históricos sobre a Faculdade de Engenharia Civil, a partir de documentos do Arquivo Central/SIARQ. Disponível em http://www.unicamp.br/siarq/pesquisa/breve_civil.pdf.

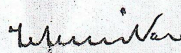
Anexos

ANEXO 1: Designação do professor Edenilson Simões como professor do Colégio Técnico de Limeira – 1967


Dependência: **Universidade de Campinas**

ATO do Reitor
De 25 de julho de 1967

DESIGNANDO, o Prof. EDENILSON SIMÕES para ministrar as aulas de Matemática, no Colégio Técnico de Limeira da Universidade de Campinas, a partir de 24 de abril de 1967. Proc. 348/67.2UG.


Zeferino Vaz
Reitor


Theodor Borja Reis
Chefe do Gabinete do Reitor
Responsável pelo Expediente da Diretoria Administrativa

/nlp.

MOD. 004
8.000 - 10/66

ANEXO 2: Grade Curricular para o Curso Técnico de Mecânica de Máquinas e Motores – Triênio 1967-1968-1969.



CURSO DE MECÂNICA

TRIÊNIO- 1967- 1968- 1969

Disciplinas	1a.série	2a.série	3a.série	Está b i o S u p e r v i s i o n a d o
<u>Cultura Geral (obrigatórias)</u>				
Português	4	2	2	
Matemática	4	3	2	
Estudos Sociais	2	-	-	
Ciências Fis. e Biol.				
a) Física	4	3	2	
b) Química	4	2	2	
c) Biologia	2	-	-	
Inglês (optativas)	2	2	2	
<u>Cultura Técnica (específicas do curso)</u>				
Desenho Técnico	4	4	4	
Geometria Descritiva	3	3	-	
Mecânica Teórica	3	1	-	
Mecânica Técnica	3	6	6	
Eletrotécnica	2	2	4	
Res. dos Materiais	-	3	3	
Tec. dos Mat. das Ferramentas e Máq. Operatrizes	-	2	2	
Máquinas Hidráulicas	-	3	-	
Elementos de Máquinas	-	-	4	
Máquinas de Transportes	-	-	3	
Máquinas térmicas	-	-	3	
Hig. e Seg. no Trabalho e El. de Leg. Aplic.	-	3	-	
Org. do Trab. e El. de Custo	-	-	3	
Ind.	-	-	3	
Educação Física (Prát. Educ.)	2	2	2	
	39	41	44	

Universidade Estadual de Campinas
Colégio Técnico de Limeira
13480 Limeira SP Brasil

Telefone: PABX (0194) 42-2210
Caixa Postal 116

ANEXO 3: Atas das Reuniões Pedagógicas do Colégio Técnico de Limeira – 1967 a 1986.

Lêmo de abertura

Contém o presente livro 100 folhas numeradas, que se destinam ao registro das atas das Reuniões Pedagógicas do pessoal do Colégio Técnico Industrial de Limeira, da Universidade de Campinas.

Limeira, 16 de setembro de 1967

Manoel da Silva
Diretor

Figura 1

1

M. A. B. A.

Ata da primeira Reunião Pedagógica do corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Limeira, da Universidade de Campinas. No dia 16 de setembro de mil novecentos e sessenta e sete, na sala número dezenove, deste estabelecimento, às 9,15 horas, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Limeira, sob a presidência do senhor professor Manoel da Silva, diretor. Compareceram à reunião os professores: Ana Augusta Leone, Júlio Américo Barbugli Abbade e Edmilson Simões. Abrindo os trabalhos o sr. presidente, convidou a mim Neusa Ferreira Müller para secretariar a reunião. A seguir dirigiu-se aos presentes, afirmando que se já não realizaram outras reuniões, foi por acúmulo de compromissos, bem como no início sabíamos que os srs. professores, mercê de seus conhecimentos, poderiam começar sem problemas. Todavia, após decorrido algum tempo, surgiram certos problemas que foram solucionados junto a Reitoria, e que agora deve ser de conhecimento dos srs. professores. Citando o edital de convocação, itens 1, 2, 3, 4, o sr. Manoel da Silva, começou a discorrer sobre os diversos tópicos. Em 1º plano procedeu-se a apresentação dos professores, bem como, seus respectivos cargos docentes. A seguir o sr. presidente tratou do assunto orçamentário. Citou ele que em virtude das dificuldades governamentais houve um grande corte nas verbas para aquisição de equipamentos para a Universidade de Campinas. O problema apresentado em seguida, merece destaque especial, pois tratou do corte de verba para equipamentos para o Colégio Técnico. Citou também o convênio entre a Universidade de Campinas e o DEP, no qual afirma-se que os maquinários e materiais para laboratórios seriam distribuídos pelo DEP e o pessoal seria de responsabilidade da Universidade de Campinas. Deu ênfase a seguir aos

Figura 2

problemas inerentes a uma escola que se inicia. Citou o importante papel representado pelo Regimento Interno, feito pela Assessoria da Reitoria e que veio solucionar diversos problemas. Houve diversas orientações que deverão ser seguidas à risca pelos professores, para que haja uma perfeita organização administrativa. Entre essas solicitações, mencionou-se a necessidade da assinatura do ponto, rigor nas faltas dos alunos, pois eles com 25% de faltas já estarão de 2ª época. A profª. Maria Isabel Bleta Hueiroz, deu um aparte, dizendo que alguns alunos não assistiam às suas aulas, fazendo-o nas aulas de outros professores, motivando portanto, alto índice de faltas. Outros apartes seguiram-se. O prof. Hr. Newton Senra falou da necessidade de transmitir aos alunos noções de responsabilidade. A profª. Maria Isabel Bleta Hueiroz levantou novo problema e citou a questão das notas dos alunos, o que provocou por parte do Prof. Hr. Newton Senra, uma citação sobre o baixo nível das notas em sua disciplina. A seguir o professor Alvaro Gracioli disse que estas notas baixas, deve-se a uma falta de entrosamento entre professores e alunos, motivado pela divergência de níveis escolares. Houve, todavia, por parte do professor Rubens Pichea uma citação sobre o alto nível do Colégio Técnico, mencionando que os programas das matérias, foi-lhes entregue sem nenhuma explicação, acarretando um brusco início do programa em algumas matérias. Como exemplo citou a Eletrotécnica. Os professores foram unânimes em afirmar que o problema do aproveitamento, prende-se ao fato de não ter sido feita a seleção prévia. O professor Rubens Pichea observou que a cadeira de Eletrotécnica deveria ser no 2º ano, como acontece em São Paulo. O professor Alvaro Gracioli frisou que apesar dos alunos estudarem noites inteiras, não conseguem

Figura 3

assimilar a matéria, pois não têm rotina de estudo. Falando, a seguir o professor Dr. Ivan Guimarães Dutra citou o lado humano da questão, afirmando que o elogio representa um ótimo incentivo aos alunos, bem como frisse, que eles não devem dar a guerra por terminada, uma vez que é patente que começarão a entender Eletrotécnica depois de um ou dois anos. O professor Alvaro Graciosi endossou a opinião do professor Dr. Ivan e afirmou que cada professor deve ser um orientador para os alunos. Disse o sr. presidente que nossas experiências e problemas servirão como diretrizes em 1968, pois acha que o início das atividades do Colégio em 1967, prende-se ao fato de que é melhor começar mal do que não começar. Citou a seguir que a não observância da publicação de editais solicitando professores, permitiu a ele escolher bem os vrs. professores, acarretando um máximo de esforço por parte dos mesmos. Não podemos iniciar um curso fraco, pois seu conceito jamais se levantará. Devemos formar técnicos de alto nível para indústrias. Continuando o sr. presidente acrescentou que haverá vestibular em 1968. Recebeu ele diversos telefonemas de cidades vizinhas, o que mostra o alto interesse despertado pelo Colégio Técnico. Serão confeccionados folhetos explicativos, aos auspícios da Indústria Varga, que serão distribuídos nas quartas séries e cidades vizinhas. As vagas serão fixadas em 30 e prevê-se inscrição de 500 interessados. A seguir o professor Dr. Newton Sima fazendo uso da palavra, afirmou a necessidade de se fazer um programa em conjunto. Voltando a falar, o sr. presidente discorreu sobre os seguintes itens: nota dos alunos - estão elas sob a responsabilidade dos professores. Afirmou que as notas bimestrais distanciam os alunos da matéria, o que justifica e endossa nosso critério de no-

Figura 4

f. das mensagens, pois obriga o aluno ao constante contacto
 o com a matéria. Frequência: os alunos não devem
 f. entrar nas classes após o professor, abrimo-se exces-
 são aos que viajam. Outras instruções. Deverão culti-
 var nos alunos a necessidade de usar o título de
 u "professor" ao dirigir-se aos mesmos. Não deve permitir
 s aos alunos, fumar em aula, e dentro da escola, pois
 n em sua maior parte, são menores. Sóbe os professores
 25 O pagamento das aulas não obedecerá mais o critério
 d antigo de paga-las por aula dada. O novo processo
 q consiste em multiplicar por 4,5 semanas as aulas se-
 manais, sendo o total multiplicado pelo valor da aula
 i que é N.G.# 2,00 e N.A.# 9,00. Quanto a questão de reposi-
 ção de aulas, o novo sistema consiste em descontar
 a as faltas dadas e creditá-las quando repostas. As
 b. professores de Biologia e Estudo Sociais terão um hora-
 tário especial de reposição. As reuniões pedagógicas,
 P. são pagas à base de aula. Após o aparte do professor
 d. l. d. van solicitando novas reuniões em breve, o presidente
 p. r. Manoel da Silva, marcou uma reunião para o
 f. dia 23 p.f. Sem nada mais a ser tratado e debatido,
 p. o presidente encerrou a presente reunião, que vai por
 p. mim Neusa Ferreira Müller, secretária, assinada e re-
 n. julgada conforme, o será pelos professores presentes. Limeria,
 d. 16 de setembro de 1967. Neusa Ferreira Müller.

p. Presidente. *Manoel da Silva*
Neusa Ferreira Müller
Luiz Augusto
Ida Augusta
Ida Augusta
Ida Augusta

Figura 5

Ata da segunda Reunião Pedagógica do corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Limeira, da Universidade de Campinas. No dia onze de novembro de mil novecentos e sessenta e sete, no salão nobre, deste estabelecimento, às onze horas, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Limeira, sob a presidência do senhor prof. Mansel da Silva, diretor. Deixaram de comparecer à reunião os professores: lrs. Newton Senna, Ricardo Aze e d. Luiz de Cillo Diniz Pacheco. Abrindo os trabalhos o sr. presidente, convidou a mim, Neusa Ferreira Müller, para secretariar a reunião e solicitou a leitura da ata anterior, que lida e achada conforme, foi aprovada e assinada por todos os presentes. A seguir o sr. presidente, dirigiu-se aos presentes, dando ênfase especial ao Regimento Interno. Citou ele que esse regimento foi feito pelo Conselho Técnico Administrativo da Reitoria e visa englobar os Colégios Técnicos, excluindo, apenas, algumas divergências de currículos. Estipula, ainda, que deverá haver no futuro cursos extraordinários e de aperfeiçoamento. A seguir, ainda como parte do Regimento Interno, o sr. presidente fez diversas observações a respeito da estrutura dos cursos. Como observação importante o sr. presidente solicitou a observância, pelos srs. professores, das partes vitais do Regimento Interno, mesmo que não tenha ainda sido homologado pelo Conselho. Seguindo sua explanação sobre o Regimento Interno, o sr. presidente falou sobre a habilitação para a 1ª série. Lei, pois, do Regimento o capítulo VIII - arts. 27, 28, 29. Devido ao número pequeno de vagas (30), serão classificados os melhores elementos. Todavia, após o preenchimento das vagas, proceder-se-á, entre os classificados, um teste que procurará ver as aptidões de cada um como técnico. Em caso negativo deverá-se a orientar os mesmos, no sentido de dissuadi-los

Figura 6

a seguir o curso. Em aparte o professor Alvares Graciel, citou que aqueles testes deverão ser estendidos até os reprovados, obedecendo ao mesmo caráter de dissuasão usado com os principiantes. A seguir o sr. Presidente solicitou dos sr. professores suas opiniões a respeito da inscrição no Colégio Técnico de candidatas do sexo feminino. Esta solicitação causou aparte de todos os presentes, chegando-se a conclusão que deveriam ser aceitas estas inscrições, não se descurando, todavia, de ajudar estas candidatas sobre a dificuldade de sua adaptação no curso. Procurando esclarecer, em aparte do prof. Dr. Sérgio Braga sobre a questão da matéria de matemática exigida para ingresso ao Colégio Técnico, o sr. presidente leu o programa exigido pela mesma. Após diversos debates entre os sr. professores sobre os dias para a execução dos exames, o sr. presidente determinou os dias em que os mesmos se realizariam: 16, 17, 18 de fevereiro de 1968. Voltando ao Regimento Interno o sr. Manuel discorreu sobre diversos itens constantes do mesmo. A seguir o sr. presidente, observou que já mantinha contacto com o prof. Alvares Graciel, com o objetivo de conseguir dos distribuidores Emmanuél Rocco, o financiamento de folhetos sobre o Colégio Técnico. nestes folhetos seriam escritos dizeres sobre o Colégio Técnico, digamos sobre a criação da Universidade de Campinas e conseqüente criação pela mesma, do Colégio Técnico constariam, ainda naqueles folhetos, 18 itens explicativos de todos os problemas adrentes ao Colégio Técnico. Continuando o sr. presidente, citou, como de suma importância, o artigo 7º e 16º da lei 4655 de 28-12-62. Comentando os artigos acima o sr. presidente, citando o artigo 16º, frisou que o sistema da contratação de professores é o ideal, pois a efetivação

Figura 7

ode contribuir para um abaixamento do nível de ensino, ainda discorrendo sobre este artigo o sr. presidente, citando o parágrafo único, observou que com a expansão do Colégio Técnico, serão contratados auxiliares de ensino, como assistentes dos professores e que serão devidamente credenciados. A seguir houve apertes de diversos professores. O prof. Dr. Ivan Guimarães Dutra, achou necessário um programa para o exame de habilitação e também disse ser importante fazer um entrosamento entre as cadeiras, ainda este ano, bem como, os respectivos planos de aula. O prof. Edilson Simões, achou interessante que se fizesse uma reunião entre os professores antes dos exames de seleção, para que se pudesse colocar as questões das provas à apreciação dos mesmos. O prof. Alvaro Grazioli, acha, necessário a intensificação na 2ª série, de visitas técnicas. A seguir, em aparte, o sr. presidente reforçou as palavras do prof. Alvaro Grazioli e disse que não se devem medir esforços em sentido de se conseguir excursões. Frisou que os professores deverão programá-las e fazer ver aos alunos as vantagens e a obrigatoriedade em participar das mesmas. O professor Dr. Ivan Guimarães Dutra, em aparte, colocou à apreciação dos presentes a sua ideia: com o auxílio da secretaria, ele veria a média dos alunos até outubro e a seguir faria uma prova bem difícil, afim de que nenhum aluno conseguisse a média 70, e consequentemente todos teriam que fazer o exame final. Justificando esta sua proposição o prof. Dr. Ivan Guimarães Dutra, citou que os alunos adaptaram-se ao curso somente a partir de agosto, motivo pelo qual, todos deverão fazer os exames finais com o objetivo de elevarem seus próximos níveis de aprendizagem. O professor Alvaro Grazioli discordou. Observou ele que os alunos que al-

Figura 8

alcançassem a média 4,0, não deveriam prestar o exame
 final. Acha ele que esta medida visa premiar o alu-
 mo pelo seu destacado comportamento durante o ano.
 A seguir verificou-se apantes por parte de vários pro-
 fessores e que se assim se pronunciaram: Professores Al-
 vares Graceli, perguntou ao sr. presidente, em quan-
 tas matérias o aluno pode ficar para 2ª época, e
 recebeu a resposta de que seria de 3 matérias. O
 professor Dr. Sérgio Braga, solicitou do sr. presidente,
 o tempo de duração da prova. Ficou taxado que
 este tempo seria de 1½ horas. Sem nada mais a
 ser tratado e debatido, o sr. presidente encerrou a
 presente reunião, que vai por mim - Neusa Ferreira
 Müller, secretária, assinada e se julgada confor-
 me, o será pelos professores presentes. Limite, 11 de
 novembro de 1967. Neusa Ferreira Müller.
 Presidente - *Manoel de Barros*
[Assinatura]
[Assinatura]
 Edmilson Jesus
 Maria Ingridi
 Secretária - *Neusa*
[Assinatura]
 Xef. Sec. - *[Assinatura]*
 Célia Augusta Leone
 Kalitrapa

Figura 9

Ata da terceira Reunião Pedagógica do corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Lins, da Universidade de Campinas. No dia treze de fevereiro de mil novecentos e sessenta e oito, na sala quatorze, deste estabelecimento, às nove horas e trinta minutos, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Lins, sob a presidência do senhor professor Manoel da Silva, diretor. Com a presença de todos, o sr. presidente, abridor os trabalhos, convidou a mim, senhor Ferreira Miller, para secretariar a reunião e solicitou a leitura da ata anterior, que lida e achada conforme, foi aprovada e assinada por todos os presentes. A seguir o senhor presidente afirmou ser de grande importância os assuntos tratados nesta reunião. Citando pelas comunicações, o senhor presidente disse que o senhor Reitor autorizou a feitura de um relatório no qual exporíamos tudo aquilo que precisávamos para montar e equipar 4 laboratórios, assim distribuídos: Física, Química, Ensaios de materiais e metrologia. Citando dificuldades das verbas da Universidade de Campinas, disse que se deveria montar os laboratórios com apenas o indispensável, e posteriormente, com a instalação da Faculdade de Lins, complementar-se-iam os mesmos. Seguindo em sua explanação, o sr. presidente fez questão de citar que neste ano não vai haver modificações de muito no Colégio Técnico, nas dependências do Ginásio Industrial, pois a Universidade de Campinas, contribui unicamente com o pagamento dos funcionários e a compra de uma planilha de desenho. Tomando a palavra o Dr. Newton Lima expondo seu ponto de vista, disse achar mais interessante dar estágios aos alunos, ao invés da monta-

Figura 10

dos laboratórios. Sobre este ponto o sr. Mansel disse que os estágios se conseguem com facilidade, não dispensando, porém os laboratórios, o que provocou do professor Dr. Newton Senna a observação de que os laboratórios ajudam mais não resolvem. A seguir o sr. presidente, determinou sob quem ficaria a responsabilidade das relações dos materiais a serem utilizados nos laboratórios. O professor Ricardo Abe se incumbirá do de Física, o professor Dr. Ivan Guimarães Dutra, do de Química e os professores Alvares Graciosi, Dr. Newton Senna, Pedro Leite de Barros, Celestino Mikami e Dr. Sérgio Braga dos de metrologia e Ensaio de materiais. Diversos apêntes seguiram-se e são assim enumerados: Professor Rubens Ticks. Deve-se pedir o máximo para conseguir o mínimo; Professor Alvares Graciosi. Deve-se verificar os materiais já existentes e relacionar os faltantes; Professor Celestino Mikami. Citou a inexistência de salas para guarda dos materiais a serem comprados; Dr. Newton Senna. disse que a sala de metrologia deve ter ar condicionado; Dr. Ivan Guimarães Dutra as cadeiras de Física e Química deveriam fazer as relações juntas, para maior entrelaçamento. Em sequência verificou-se por parte dos senhores professores a estipulação das datas das reuniões; nas quais se fariam as relações solicitadas pelo sr. presidente, devendo, por solicitação deste, serem entregues no menor prazo de tempo. Tomando novamente a palavra o senhor presidente, tratou do exame de seleção que realizar-se-á de 16 a 18 do corrente mês. Nesta oportunidade, demonstrou sua grande surpresa com o número de candidatos inscritos, pois apesar da divulgação enorme, distribuição de folhetos, etc; apenas se inscreve-

Figura 11

am 27 candidatos, quando aguardava-se mais de 200. Sobre esta situação o senhor presidente citou que fôramos receber mais de 40 candidatos de Mogi-Mirim, o que todavia não se verificou em virtude da maior facilidade existente em Campinas. Em aparte de Sr. Sérgio Braga, procurou saber qual o número de vagas em Campinas, pois os excedentes daquela cidade, poderiam ser encaminhados à formoria. Também o professor Rubens Piquea deu sua opinião. Disse ele que houve propaganda desfavorável por partes dos alunos do 1º ano, pois estes alardeando a dificuldade do curso, de afugentaram bastante candidatos. Retomando a palavra o sr. presidente mencionou aos srs. professores da três fórmulas para acomodação da situação: 1º) Dispersar o exame de seleção. Apenas executar as matérias até o preenchimento das vagas; 2º) Fazer um exame de seleção sem rigor, isto é, pro-forma; 3º) Prolongar as inscrições. Após alguns debates optou-se pela 3ª fórmula e foram prorrogadas as inscrições até dia 29 p.f. Assim o ano escolar iniciará em 12/3/68. O assunto seguinte citado pelo sr. presidente foi o dos currículos para 1968. Diversos apartes se seguiram: Prof. Dr. Sérgio Braga, perguntou se a duração da Geometria Descritiva seria apenas de 1 ano, pois acha melhor que no 2º ano a cadeira seja desenho geométrico. O prof. Rubens Piquea, respondendo a pergunta do Prof. Dr. Sérgio Braga, disse que esta separação já foi observada durante o ano passado. O Sr. Ivan Guimarães Dutra, o programa de cada matéria deve ser dado totalmente, mesmo fugindo ao ano letivo. O Prof. Dr. Newton Senna, citou que apenas 1 aula por semana de Eletrotécnica, no 2º ano, não será o suficiente. A resposta da citação do prof. Newton Senna, o sr. presidente disse que a

Figura 12

1ª Eletrotécnica, poderia ter 2 aulas semanais no 2º ano
 mas deveria ser eliminada do currículo do 1º ano. O
 prof. Rubens Piche, todavia, perguntou como ficaria para
 o aluno que foi reprovado no 1º ano na cadeira de
 Eletrotécnica, se esta for eliminada. Após outros deba-
 tes, o sr. presidente solucionou a questão, ficando decidi-
 do, que a cadeira de Eletrotécnica passará a ter uma
 aula semanal no 1º ano e duas no 2º. Lemando a pala-
 vra o Prof. Dr. Sérgio Braga mencionou que sua cadeira
 de mecânica Técnica, deveria ter duas aulas semanais
 no 1º ano e 3 no 2º. Também esta solicitação foi aprova-
 da pelo sr. presidente. Após as discussões ficou estabelecido
 o seguinte currículo:

	1º ano	2º ano
Português	4	2
Estudos Sociais	2	-
Matemática	4	3
Física	4	3
Química	3	2
Inglês	2	2
Biologia	2	-
Hig. e Seg. Trab. Elem. da		
Leg. Aplicada	-	3
Educação Física	2	2
Desenho	4	4
Mecânica	2	3
Res. mat.	-	3
Mec. Técnica	3	6
Leis. dos mat.	-	2
Eletrotécnica	1	2
Mag. Hidr.	-	3

A seguir o sr. Mansel citando a questão horário, quis
 saber dos srs. professores a melhor maneira de fazê-lo, a

Figura 13

W. M. A.

im de acomodar a situação de cada um. Debates acalorados se seguiram: O prof. Álvaro Graciosi, colocando seu cargo à disposição do sr. presidente, procurou basear esta atitude no fato do medo inspirado pelo Colégio Técnico aos alunos. mencionou ele que deve estar havendo alguma falta, pois o Colégio Técnico está afugentando os alunos. Exemplificando a sua afirmativa, disse que neste 2º ano também não haverá exames vestibulares, e que a tendência é continuar assim. Deve estar havendo algum erro. O prof. Dr. Newton Senra, agora com a palavra, procurou definir sua posição mencionando a falta de preparação dos alunos que se dirigem ao Colégio Técnico. Disse, ainda, que os alunos durante o 1º ano se transformam em sua personalidade e amadurecem. Poderíamos, portanto, descarregar em parte as matérias do 1º ano, depois das adaptações dos mesmos, apertar o curso no 2º ano. Verificou-se a seguir longa discussão entre os professores Hr. Newton Senra e Álvaro Graciosi, sobre a enorme dificuldade dos alunos na assimilação da cadeia de Eletrotécnica. O prof. Álvaro Graciosi citou que aquela cadeia é um verniz para o técnico, querendo com isto afirmar que devido a profundidade com a qual vem sendo dada, somente acarreta a fuga de muitos alunos. Dependendo-se o Prof. Dr. Newton Senra, disse que o Colégio Técnico prepara alunos não só para técnicos de indústria, mas também para faculdades, no que foi apoiado pelo Dr. Elvan G. Dutra, que tem um parágrafo do folheto do Colégio Técnico, que endossa as palavras do prof. Dr. Newton Senra. Entremeis a esta discussão diversos apartes se verificaram. O prof. Edmilson Simões, mencionou a imibração de grande parte dos alunos, por seus colegas mais adiantados. Esta divergência de nível acarreta um medo por parte dos mais

Figura 14

fracos. Sobre este tópico o prof. Álvares Grazioli disse que durante o ano passado, ele sempre partiu dos mais fracos para os mais fortes, juntamente com o objetivo de igualar os níveis. O prof. Dr. Ivan Guimarães Dutra citou que é melhor ensinar pouco e bem do que muito e mal. Terminando o debate o prof. Álvares Grazioli pediu a todos os professores que fizessem um exame de consciência, a fim de constatar seus erros e consequente solução dos mesmos. Finalizando a reunião o sr. presidente deixou claro que deviam formar somente técnicos para indústrias, mas um ótimo técnico. Sem mais nada a ser tratado e debatido, o sr. presidente encerrou a presente reunião, que vai por mim reusa Ferreira Müller, secretária, assinada e se julgada conforme o será pelos professores presentes. Limeria, 13 de fevereiro de 1968.

reusa Ferreira Müller
Presidente - Manoel de Sá

Edenilson de Sá

Ly de Sá

Luciano

Sady

Federico

Staf

Staf

Staf

Staf

Staf

Staf

Figura 15

Ata da quarta Reunião Pedagógica do corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Limeira, da Universidade de Campinas. No dia 5 de outubro de mil novecentos e sessenta e oito, na sala quatorze, deste estabelecimento, às nove horas, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Limeira, sob a presidência do senhor Professor Manoel da Silva, diretor. Desistiram de comparecer à reunião os professores: Sílvia Seligardi, Dr. Ivan Guimarães Dutra. Cuidando os trabalhos, o sr. presidente, convidou a mim Nensia Ferreira Müller, para secretariar a reunião e solicitar a leitura da ata anterior, que lida e achada conforme, foi aprovada e assinada por todos os presentes. A seguir o Sr. Manoel da Silva, fixou seu objetivo principal em sua despedida. A este respeito disse o seguinte: Partirei dia 11, para os E.E.U.U., cumprindo programa de 6 semanas, a respeito do Ensino Técnico. Seguirei juntamente com 15 pessoas, sendo 9 do Estado de São Paulo e 6 de outros estados. A seguir mencionou que, em sua ausência, haverá necessidade de alguém responder pela direção da escola. Todavia, não deverá ser um substituto remunerado, de acordo com os salarios do Consultor Jurídico da Universidade de Campinas. Colocou, portanto, o cargo a disposição de qualquer dos professores presentes, mencionando que o mesmo poderá contar com o assessoramento da secretaria. Como ninguém se pronunciou, houve uma proposta e a seguir aprovou-se unanimemente o nome de Nensia Ferreira Müller, para dirigir o Colégio durante o impedimento do Sr. Manoel da Silva, tendo a cobertura e colaboração de todos os professores. Continuando sua explanação o Sr. Presidente, tratou dos seguintes assuntos: Falou da grande repercussão havida com a visita do Ritor, Professor Dr. Jeferson Vaz a esta escola;

Figura 16

Disse que o prédio da Faculdade teve sua construção autorizada e que o Colégio Técnico, posteriormente, se deslocará para lá. Ainda a respeito, disse que o governador enviou mensagem, afirmando não haver cortes na obra. 3. Afirmou estar preocupado com a situação funcional dos professores. Disse que o critério de admissão por trabalhos prestados será mudado, ficando este a cargo da futura Faculdade de Engenharia. 4. Sobre a compra de equipamentos para o Colégio Técnico, fez as seguintes afirmações: a) Uma frezadora Cincinnati, doada pelo MEC, já se encontra a caminho da Universidade de Campinas; b) O material de Física, Química, já estão sendo comprados. 5. Procurou, neste item, mostrar a posição dos alunos, face a diversos problemas do Colégio Técnico. Citou que os mesmos vêm procurando reuni-se com os professores, objetivando o desligamento de alguns e restaurações em algumas cadeiras. Citou, como exemplo, a cadeira de Inglês, na qual os alunos sugerem modificações no sentido de aprenderem um inglês técnico, mais condizente com o Colégio Técnico. Verificou-se, a partir de então, diversos apêndices: A professora Maria Isabel Balda Lencioz, afirmou que os alunos não assimilam nem o inglês comum, havendo dificuldade, portanto, de ensinar o inglês técnico. O prof. Alvaro Graciosi, mencionando ser este curso fini, falou da necessidade de renúncia dos professores. O prof. Dr. Newton Souza, citando a tese do Sr. Presidente, de que nossos alunos deverão independêr do curso pré-vestibular para ingresso à Faculdade, citou que acha isto utópico, pois dificilmente eles poderão competir com a grande porcentagem que fez o mesmo. O Sr. Presidente deu um aparte, dizendo ser o nosso objetivo, além de um curso intelectual e científico, não só formar técnicos de indústrias, mas também dotar o aluno de conhecimentos que permitam o ingresso a uma Faculdade.

Figura 17

ref:
o,
mo
es
Hic
can
rec
en
rete
de
act
os
ma
er
o
d
m
er
p
p.
c
d

Mayo, da Silva
 Rocha
~~Albuquerque~~
 Henriquez
 Eduardo Chirinos
 Ely da Silva Wang Peder
 Lucius M.
 Lady Smith
 Paul Brago
 Benjamin

149

Ata da quinta Reunião Pedagógica do corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Química, da Universidade de Campinas. No dia 2 de agosto de mil novecentos e sessenta e nove, na sala vinte e três, deste estabelecimento, às 9 horas reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Química, sob a presidência do senhor Professor Manoel da Silva, diretor. Desistiram de comparecer à reunião os professores: Alvaro Grazioli, Dr. Newton Serra, Antônio Vitorio Lorenzon. Alindo os trabalhos, o sr. presidente, convidou a mim, Meira Tenreiro Müller, para secretariar a reunião e solicitou a leitura da ata anterior, que lida e achada conforme, foi aprovada e assinada por todos os presentes. Fazendo uso inicial da palavra o Sr. Diretor, Manoel da Silva, expôs o problema da autorização de funcionamento do Colégio Técnico, por parte do Conselho Estadual de Educação. O relatório, bastante complexo, exigido para cada unidade de ensino, já foi por nós entregue à Reitoria e esta encaminhou-o ao Conselho Estadual de Educação. Estas medidas visam o registro do Colégio Técnico no MEC, sem o qual nossos alunos não poderiam ter seus diplomas registrados. Continuando sua exposição, o sr. Presidente, mencionou a questão da exigência, pelo Conselho, da elaboração dos professores com seus respectivos registros, protocolos de registros ou mesmo autorizações. Sobre este assunto teve diversas observações, que abaixo se enumeram: 1. A autorização para as matérias de cultura geral deverão ser obtidas em São Carlos ou Campinas e as matérias de cultura técnica na Diretoria de Ensino Industrial; 2. Eiton que os professores das matérias de cultura geral, deste Colégio, tem seus registros, com exceção d.

Figura 19

prof. Sílvia Seltingardi que possui apenas o protocolo; 3. Nas disciplinas de cultura técnica o Sr. Marcos Pontual negou autorização para os seguintes professores: Prof. Edic Brusantim - na cadeira de Higiene e Segurança do Trabalho, Elementos de Leg. Aplicada, Prof. Pedro Lúte de Barros, tem de apresentar registro de 2º ciclo e Prof. Emami Marconi, precisa entregar o currículo de seu curso. A seguir o Diretor mencionou que os demais professores, apesar de estarem com seus registros em ordem, terão de acobitar com as sugestões do Sr. Marcos Pontual os nomes de suas disciplinas alteradas. Fazendo de necessidade de uma igualdade de currículos entre os Colégios Técnicos de Limeria e Campana, o Sr. Manoel da Silva, procedeu a distribuição dos programas elaborados pela comissão de Ensino, mencionando que os mesmos, devem entrar em vigor ainda esta mês. Foi sugerida pelos srs. professores a necessidade de um tempo maior para estudar a questão. Procedeu-se a seguir, ainda nas salas do Sr. Presidente, a leitura do Regimento Interno do Colégio Técnico de Limeria a ser aprovado pelo Conselho Estadual de Educação. Segundo comentários a respeito, o prof. Manoel da Silva, falou que a contratação dos professores passaria a ser pela C. E. E. Esta contratação traz efeitos benéficos, motivo pelo qual, sobe lou dos srs. professores uma dedicação mais eficaz ao Colégio Técnico e inclusive evita faltas. Continuando ainda, pediu a Prof. Ana Augusta Leone, que mudasse a dinâmica de sua cadeira de Biologia, possibilitando maior participação dos alunos nas aulas. A Prof. Ana Augusta

Figura 20

leone, fez uso da palavra dizendo estar consciente de sua didática de ensino, estando inclusive, recebendo apoio total de seus alunos. Este tema deu origem à diversas opiniões. O Prof. Elso Augusto Feres Graner, disse que na sua cadeira de Química, não seria interessante um aumento de matéria, pois se procurássemos elevar mais o ensino, como o Sr. Diretor pediu para Biologia, acarretaríamos o desvinculamento aos alunos com a vida prática, pois estes, tendo necessidade de um estudo super-constante, teriam possivelmente seus conhecimentos gerais bem prejudicados, não conseguindo, ainda, manter-se a par das vertiginosas modificações atuais. O Prof. Ernani Marioni, mencionou que os alunos tendem a ter maior interesse por matérias técnicas, o que talvez justifique o problema da cadeira de Biologia. A seguir o prof. Manoel da Silva continuou com a leitura do Regimento e fez comentários a respeito do currículo e do nome exato das Disciplinas. Continuando falou sobre: aproveitamento do ano escolar, exame, notas, pesos, etc. Particularizando o problema das notas o Sr. Presidente procurou deixar bem claro que os avs. professores são obrigados a entregar as notas em dia, o que não vem ocorrendo. Isto acarreta sérios distúrbios e demonstra negligência do professor. Para evitarmos tal ocorrência, somente liberaremos o pagamento aos professores faltosos quando estes estiverem com suas notas em dia. Terminando sua exposição e também esta reunião, o Sr. Manoel da Silva, pediu aos avs. professores que intercedam junto aos alunos para obter dos mesmos, qual o tipo preferido de indistúcia para seus estágios. Esta me-

Figura 21

1000000
dada para o planejamento de substituição de estágios,
para o próximo ano. Sem mais nada a tratar-
do, o sr. presidente encaminha a presente reunião que
vai por mim - senhora Tereza Müller, secretária,
assinada e se julgada conforme o será pelos
professores presentes. Lemos. 2 de agosto de 1969.
Senhora Tereza Müller.

Presidente: W. S. S. S.

W. S. S. S.
W. S. S. S.
W. S. S. S.

W. S. S. S.

W. S. S. S.
W. S. S. S.
W. S. S. S.
W. S. S. S.
W. S. S. S.

Figura 22

Ata da sexta Reunião Pedagógica do corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Limeira, da Universidade Estadual de Campinas. No dia dois de março de mil novecentos e setenta e um, na sala dez, deste estabelecimento, às nove horas e trinta minutos, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Limeira, sob a presidência do senhor Professor Manoel da Silva, diretor. Descreveram de comparecer à reunião os professores:

Alvaro Grazioli, Edmilson Simões, Japra Manganda de Góis Bertolotti, Dr. José Roberto Dias Carvalho, José Schimidt Pinto, Dr. Roberto Gortan e Rubens Pereira. Abindo os trabalhos, o sr. presidente, convidou a mim, Neusa Ferreira Miller, para secretariar a reunião e solicitou a leitura da ata anterior, que lida achada conforme, foi aprovada e assinada por todos os presentes. A seguir o sr. presidente afirmou que o assunto mais importante era a constituição das classes e horários das aulas, afim de acomodar a situação de cada um. O Professor Manoel da Silva, informou aos srs. professores que o currículo dos cursos de Mecânica de Máquinas e Motores, Edificação e Estradas, era igual ao do ano anterior, sem alteração nenhuma. O sr. presidente, passou a expelanação do Regimento Interno, esclarecendo que o mesmo já foi aprovado pelo Conselho Diretor da Universidade Estadual de Campinas, mas não o foi pelo Conselho Estadual de Educação. Em seguida o sr. presidente, passou a leitura de alguns itens do Regimento, 1. Frequência dos alunos, 2. Nota dos alunos. A seguir o sr. presidente procedeu à apresentação da Técnica de Laboratório, Sra. Ana Maria de Lucca, admitida em fevereiro deste ano, da Sra. Maria José Penzga, professora de Português, designada na vaga docente

Figura 23

12

da dispensa, a pedido, da Profa. Luz de Cillo Diniz Pacheco, da Sra. Aracy G. Galil, professora de Higiene e Segurança do Trabalho, designada na vaga decorrente da dispensa, a pedido, do Dr. Fernando Regis Dantas. Continuando sua explicação o sr. presidente tratou dos seguintes assuntos:

1. Contratação dos professores pela C. L. T. Sobre este assunto surgiram muitos apelos dos professores e são assim enumerados: Profa. Maria Isabel Bello Lencioz - sendo contratada pela C. L. T., fica dando a licença de gestante. O Professor Jilso Américo Barbighi Tibbide, sugeriu que um grupo de professores, os que não tivessem vínculo empregatício, seriam contratados pela C. L. T., outro grupo não. Profa. Giselda A. Teixeira pediu explicações sobre atividades extra-classe. O Prof. Ilacop Luiz Gualozzi, pediu a compreensão dos colegas no sentido de que os professores que não pudessem ser contratados pela C. L. T., não interferissem na contratação dos outros colegas, que não tendo vínculo empregatício, teriam grande interesse pela contratação em C. L. T. 2. Sobre a compra do Colégio Pente, afirmou que o mesmo já se encontra na Universidade Estadual de Campinas, devendo chegar a este Colégio, dentro de alguns dias. 3. A construção do prédio do Colégio, será em 1972, e não no campus da Faculdade de Engenharia de Limeira, mas no terreno em frente a mesma, numa área de 8000 m² de construção. Sem mais nada a ser tratado e debatido, o sr. Presidente, encorrou a presente reunião, que vai por mim, mensa Teresina Muller, secretária, assinada, e se julgada conforme o será pelos professores presentes. Limeira, 2 de março de 1971.

Messa Teresina e Muller
 Presidente: *Muller*
Terresina
Thiane

Figura 24

d *W. L. L.*
 c *Recorrendo*
 r *Procurador*
 v *Assessor*
 e *Abogado*
 le *Quilho de Aguiar*
 a *Amor*
 d *W. L. L.*
 l *W. L. L.*
 d *W. L. L.*

51
 2 Ata da sétima Reunião Pedagógica do corpo do-
 nante do Colégio Técnico Industrial de Limeria, da Uni-
 versidade Estadual de Campinas, no dia sete de ago-
 sto de mil novecentos e setenta e um, na sala
 de dois, deste estabelecimento, às nove horas e quinze
 minutos, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico
 e Industrial de Limeria, sob a presidência do senhor Pro-
 fessor Dr. Antonio Prince Rodrigues, respondendo pelo colé-
 gio Técnico. Deixaram de comparecer à reunião os pro-
 fessores: Edenilson Simões, Ricardo Aze, Dr. Roberto Gortan
 aze e Dr. Saday J. Bentali. Foram dispensados os srs. profes-
 sores Alekino Mikami, Dr. João Maria Costello Branco de
 Almeida Pinheiro, Gilio Américo Barbagli Albade e Pedro
 Alente de Barros. Aberto os trabalhos, o Sr. Presidente, con-
 vidou a mim, Reusa Ferreira Müller, para secretar-
 iaria a reunião e solicitou a leitura da ata ante-
 rior, que lida e achada conforme, foi aprovada e
 assinada por todos os presentes. A seguir dirigiu-se aos
 presentes, afirmando que a reunião seria muito rápi-
 da, dado ser a primeira. O Dr. Antonio Prince Rodri-
 gues, da sala de Limeria exprimiu a neces-

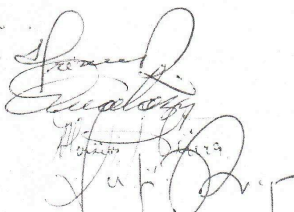
Figura 25

cidade que tinha da elaboração de todos para dar
 bom cumprimento ao seu trabalho administrativo
 que ora se inicia. Dizendo cumprir ordens, sem
 discutir, dado sua formação militar, explicou estar a
 disposição de todos, com espírito aberto e consciente
 de seu novo cargo. Disse também que a Reitoria
 da Universidade Estadual de Campinas, colocou-se
 a sua disposição, para auxiliá-lo em sua missão.
 A seguir, após levantar alguns problemas sobre o cor-
 po docente do colégio, abriu o diálogo com os profes-
 sores presentes. Tomando a palavra o prof. Álvares Gra-
 cieli mencionou ocorrências relativas à saúde dos
 alunos, bem como falou do problema do tóxico. Diversos
 apêndices se seguiriam, por todos os presentes, sobre a
 mesma problemática. O Sr. Álvares Graciel, ainda
 usando a palavra, sugeriu Reunião de Pais e Mestres e
 a formação de uma comissão que se encarrega-
 ria de fazer uma visita nas repúblicas objeti-
 vando diagnosticar o "modus-vivendi" dos alunos. Colo-
 cado em votação esta sugestão, a mesma foi
 aceita e ficou assim formada: Sr. Diretor, Professores:
 Álvares Graciel, Aloísio Ferreira Vieira e José Roberto Soa-
 res. A seguir, o Sr. Álvares Graciel, sugeriu a nomea-
 ção de um coordenador técnico ou um orientador
 educacional, alegando que uniam eles os intermediários
 entre as reivindicações estudantis e o corpo docente e
 diretoria. O Sr. Diretor disse que consultaria o Magnífi-
 co Rector a respeito. A Prof. Ana Augusta Leone, fez, a
 seguir, uso da palavra, afirmando ser importante a
 alimentação gratuita, dentro do recinto do colégio técnico,
 dos alunos residentes em "repúblicas". Sobre este assunto
 o Sr. Diretor disse que a partir de 2ª feira, dia 9,
 daria instruções a respeito, para que os alunos já pos-

Figura 26

ram almoçar no Colégio Técnico. A seguir, o Sr. Dire-
 tor, expôs o caso do aluno Dirceu Capriels. Este esteve
 internado em clínica especializada sôbre tuberculose e
 agora, recuperado, deseja retomar às aulas. Como se
 trata de um caso especial e em virtude da ausên-
 cia do mesmo em seis meses de aula, resolveram,
 de comum acordo com os presentes, em levar o caso
 ao conhecimento do magnífico Reitor, para obter a
 sua autorização, para que o mesmo possa voltar
 a frequentar as aulas normalmente. Em continuida-
 de, fazendo uso da palavra, o prof. José Schmidt
 — Pinto, parabenizou a reitoria da Universidade Esta-
 dual de Campinas, pela escolha do Dr. Antonio Prince
 e Rodrigues para o cargo do Diretor do Colégio Técnico,
 re e em seu nome e em nome do corpo docente, co-
 to-loco-se à disposição do Sr. Diretor. O Prof. Antonio
 e Prince Rodrigues, mostrou-se agradecido pelo apoio
 do corpo docente, dizendo que tudo fará para rea-
 lizar um bom trabalho administrativo. Afirmou-
 se também que aceita a sua posse como um encargo
 e não um cargo e afirmou que não trai a
 confiança de seus superiores de forma alguma e
 que se um dia não se sentir em condições, re-
 se-lhar-se-á. O Sr. Diretor, dizendo-se já contagiado
 pelo bom ambiente do Colégio Técnico, encerrou a reuni-
 ão que vai por mim. Neusa Ferreira Müller, secreta-
 ria assumida, e se julgada conforme o será pelos professo-
 res presentes. Limeria, 7 de agosto de 1971. Neusa Ferreira
 Müller.

as
 pres
 de
 qn


 Antonio Prince e Rodrigues

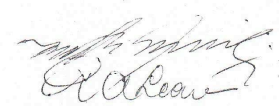

 Manoel de Souza
 Gilde. 1. de Ag. 1971

Figura 27

posição dos presentes. De imediato diversos professores se manifestaram sobre a problemática da contratação dos professores pela C.U.T. Diversas perguntas e opiniões se sucederam em torno deste problema. O Sr. Diretor, tomando a palavra, citou que a Unicamp passa por uma fase de reestruturação, estando ele portanto sem condições no momento de dar informações precisas a respeito. A eleu que esteve em Campinas para instruir-se a respeito, não conseguindo, porque o Diretor da Administração Geral da Unicamp, Sr. Zuhair Warwar, estava viajando. Resolveu-se portanto deixar as duas perguntas base para serem respondidas e pelo Sr. Zuhair Warwar, quando de seu retorno.

1) Qual seria a garantia de condições de trabalho para o professor que já tem vínculo com o Estado? 2) Os professores que ministram aulas de disciplina de cultura técnica, devem ser obrigatoriamente engenheiros? Se o for qual deve ser sua remuneração mínima? O Dr. Antonio Pinice Rocco duques, encerrando este assunto, citou que tudo que faria para que os vrs. professores tenham seus problemas resolvidos no menor tempo possível. Em seguida, o sr. diretor, pediu a mim que levasse um relatório que seria distribuído a inúmeras instâncias. Este relatório versa sobre o curso de mecânica de máquinas e motores, seus objetivos, sua função e outros detalhes úteis para a sua divulgação à classe industrial. Num aparte o Prof. Dr. João Maria Castelo Branco de Almeida Pinheiro, sugeriu que se formulasse um relatório nas mesmas características, para o curso de Edificações e Estradas. Tomando a palavra, o sr. diretor, informou que

Figura 29

os alunos do Colégio Técnico têm almoçado gratuitamente. Agradeceu o Prof. Alvaro Gracioti, pela colaboração que vem prestando no sentido de conseguir víveres para o refeitório. Citou a seguir que todos os alunos passaram por abrangias, em unidade móvel do SEST e na Santa Casa de Misericórdia local. O Prof. José Schmidt Pinto, em sequência, voltou a falar do assunto da 1ª Semana de Integração Empresa-Escola, sugerindo que se enviasse informes da mesma à Unicamp, para publicação no Boletim Informativo. Falou também da necessidade de uma biblioteca, até agora, inexistente, sendo apertado pelo prof. Dr. Waldemar Mattos Silveira, que sugeriu a formação de uma comissão para tratar do assunto. O Sr. Diretor concordou os Professores de Português José Schmidt Pinto e Maria José Ciarrochi Perazzo para constituírem o grupo de informações e relações com a imprensa, inclusive com o Boletim Informativo da Universidade - o que, por ambos, foi aceito. A seguir, todos os professores presentes foram unânimes em afirmar da necessidade de uma reunião mensal do Colégio Técnico e não como até agora ocorreu. O sr. diretor, acatou a ideia e determinou, doravante, uma reunião mensal. O sr. presidente passou-me a palavra, para a comunicação de diversos assuntos referentes à secretaria. Voltando com a palavra o sr. diretor, agradeceu a presença de todos, dando por encerrada a reunião, que vai por mim nossa Terceira reunião, secretaria, e se julgada conforme o má pelos professores presentes. Reunião, 23 de outubro de 1971. Nossa Terceira reunião.

Príncipe

[Assinatura]

Figura 30

re
 to
 in
 a
 lu
 cio
 de
 ao
 su
 a
 de
 Pint
 du
 Rodu
 e
 loco
 Punc
 do
 lizar
 tamb
 e no
 confi
 que
 Xuar
 pelo d
 que
 assu
 res pre
 Muller

[Signature]
 [Signature]
 [Signature]
 [Signature]
 [Signature]
 [Signature]
 [Signature]
 [Signature]
 [Signature]
 [Signature]

Cita da nona Reunião Pedagógica do corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Limeira da Universidade Estadual de Campinas. No dia 26 de novembro de mil novecentos e setenta e um, às nove horas, na sala dois deste estabelecimento, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico, sob a presidência do senhor Professor Dr. Antônio Ponce Rodrigues, diretor. Dessearam comparecer à reunião os professores: Edie Brunh, José Carlos Zanfelice, José Roberto Soares, José Américo Barbugli Cabbade, Pedro Leite de Barros, Ricardo Aze, Dr. Roberto Gorkan e Dr. Sady I. P. Xalli. Dando início aos trabalhos, o sr. Presidente se deu a leitura da ata anterior, que lida e a da conforme foi aprovada e assinada por todos presentes. O sr. diretor solicitou a justificação por parte dos professores que não compareceram nas últimas reuniões. Falou sobre o êxito da 1ª Semana de Integração Empresa-Escola, na qual compareceu o magnífico Reitor Dr. Zeferino Vaz, e cuja

Figura 31

censo deveu-se muito a colaboração eficiente dos professores. Falou da posse da diretoria do Centro Técnico, realizada ontem, com o comparecimento do meritíssimo juiz da 1ª Vara, Dr. Hernani Paiva, que em pessoa os alunos do Colégio Técnico, nos cargos da diretoria do Centro Técnico. Disse também da boa recepção dada pela firma Hindembiq, aos alunos do curso de Edificações que estavam apresentando sobre o estágio. A seguir o sr. presidente falou do assunto central da reunião a contratação dos professores. Após fazer comentários a respeito, deu-se a nomeação de uma comissão encarregada de tratar, junto ao sr. Zuhair Warwar, dos problemas sobre a contratação, transmitindo-o depois aos seus colegas. A comissão foi assim formada: Prof. Albino Vieira Ferreira, Prof. Rubens Ricks e Prof. Dr. João Maria Castelo Branco de Almeida Pinheiro. Dando por encerrada a reunião o sr. presidente, retirou-se deixando os professores reunidos com a recém-formada comissão para tratar dos itens que esta levaria ao sr. Zuhair Warwar, e para que conte, em Nossa Senhora Miller, Secretária, lavrar a presente ata, para apreciação dos senhores professores.

Armação, 26 de novembro de 1971. Nossa Senhora Miller.

Ferreira,
~~Albino Vieira~~
~~Rubens Ricks~~
~~João Maria Castelo Branco de Almeida Pinheiro~~
 Zuhair Warwar
 Ricks

Figura 32

físico da escola e agradeceu ao Prof. Aquino Antonio Hespanhol pela dedicação com que tem estudado os casos surgidos. A seguir o Sr. diretor apresentou-o como diretor associado do Colégio Técnico, cujo pedido de designação já se achava nas mãos do magnífico Rector. Os Profs. Rubens Rocha e Cibrano Graciosi, afirmaram que em se tratando de Colégio Técnico, o diretor associado deveria ser um técnico. O Sr. presidente em resposta, explicou que deveria dentro em breve ser escolhido o coordenador técnico, que poderia ser qualquer um dos senhores professores. O Sr. Presidente actuou a aprovação do Regimento Interno do Colégio pelo Conselho Estadual de Educação, em 29-1-72. Pediu a colaboração dos professores no sentido de estudarem com a maior brevidade possível, a possibilidade de ministrarem aulas no curso noturno, pois, caso contrário serão contratados novos professores. Sobre este assunto houve muitos apakes. Foram feitos comentários à Lei nº 5692 de 11-8-71, que fixou diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Foi explicado o preenchimento da requisição de livros para o Colégio Técnico, sendo que estas vindo da Biblioteca Central, em Campinas, após preenchida deverão a ela ser retornadas para efetivação da compra. O Sr. Presidente deu por encerrada a reunião, e para que conste, eu, Neusa Ferreira Müller, Secretária do Colégio Técnico, lancei a presente ata, para apreciação dos senhores professores. Lemena, 25 de fevereiro de 1972. Neusa Ferreira Müller.



Figura 34

Henrique
Edson
Rogério Peres
Thomaz
Paulo W. Amussi.

Ata da décima primeira Reunião Pedagógica do corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Limeira, da Universidade Estadual de Campinas. No dia vinte e oito de junho de mil novecentos e setenta e seis, na sala sessenta e nove deste estabelecimento, às oito horas, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico Industrial de Limeira, sob a presidência do Professor Alcides Ferreira Vieira, diretor associado. Assaram de comparecer à Reunião os professores: Alvaro Gracidi, Belizário Leite de Barros, Celstino Mikami, Célia Gimenez Guimarães, Fernando Lúcio, José Roberto Constância, Pedro Leite de Barros e Rubens Pichor Júnior. Dando início à Reunião, o senhor presidente fez um apanhado geral da situação do colégio no primeiro semestre letivo de mil novecentos e setenta e seis. Solicitou aos senhores professores que respatassem com mais rigor os horários de aulas e que não tomassem qualquer atitude em relação à dispensa de aulas ou troca de aulas sem a prévia autorização da direção do estabelecimento. Em seguida, solicitou aos professores que procurassem entregar as notas e frequências dos alunos dentro do prazo marcado pela secretaria, para que não ocorra atraso na entrega para o SERA da Universidade Estadual de Campinas. Juegui também que estudassem uma distribuição melhor nas datas marcadas para as avaliações bimestrais, para não haver sobrecarga de trabalho para os alunos. Esta distribuição ficou para estudo durante as férias escolares e a solução será apresentada no início do segundo semestre letivo. Dando sequência à Reunião, o senhor presidente passou a direção do trabalho

Figura 35

~~O. Maria~~
Maria Sabl Inez Braga
Lombardi

~~João~~

~~João~~

~~João~~

~~João~~

~~João~~

~~João~~

~~João~~

~~João~~

Maria Amélia Rods.

Na da deima segunda Reunião Pedagógica
da Corpe Docente do Colégio Técnico de Lameira, da
Universidade Estadual de Campinas. no dia
seis de fevereiro de mil novecentos e setenta e oito,
na sala sexta e setenta deste estabelecimento,
às nove horas, reuniu-se a Corpe Docente do Colégio
Técnico de Lameira, sob a presidência do Prof. Dr.
Antônio Binsse Rodrigues, Diretor.

Desistiram de comparecer à Reunião os professores:
Antônio G. Galeb; Antônio Fuzza Neto; Elpidio Faria
junior; Fernando Dario; Elcio Luis Qualoggi;
Maria Aparecida S. de L. Braga; Maria Christina A.
S. de Souza Pinheiro.

Dando início à reunião, o senhor presidente fez uma
explicação sobre a aprovação do novo regimento;

Figura 37

depende-se, para esclarecimentos mais minuciosos sobre os seguintes capitulos: avaliação, frequência, promoção e recuperação. Referiu-se também, ao calendário escolar, fazendo os esclarecimentos necessários. Em seguida, o Dr. Diretor designou uma comissão de professores para a confecção do horário escolar, ficando a prof. Maria de Carmo Silva presidente-responsável da grupo para o período diurno e a prof. Rilda Rute Santa para o período noturno. Foi feita, logo em seguida, uma sugestão pela prof. Maria Isabel Queiroz Braga, de programarmos neste ano letivo, mais reuniões de pais e mestres, com a finalidade de maior entusiasmo e verificação, por parte de todos os interessados, do rendimento escolar. A seguir, foram feitas diversas sugestões pelos professores, a respeito da realização destas reuniões, de maneira a se conseguir o melhor resultado, inclusive com a designação de professores para servirem como uma espécie de coordenador para cada uma das classes. Logo após o Dr. Prince passou a palavra ao prof. Moisés, para que este procedesse à distribuição das aulas. Ao término desta, deu por encerrada a reunião, da qual eu, Maria Mendes Rody, lavrei, para constar, o presente ata, que será submetida à aprovação dos participantes.

Limoeira, 13 de fevereiro de 1978. Maria Mendes Rody.

[Assinaturas]
 Augusto F. F. F.
 Alvimaydes
 Maria José Joia Carvalho
 Maria
 Maria Isabel Queiroz Braga
 [Assinatura]

Figura 38

de aprovação e recuperação dos alunos, baseado no aproveitamento e na frequência, solicitando dos senhores professores a entrega das notas do quarto semestre até o dia vinte de novembro, já que no dia dois de dezembro terá início o período de recuperação com a chegada do senhor Diretor Doutor Antonio Prince Rodrigues, este passou a presidir a reunião e foi feita a apresentação oficial do prof. Manoel Carlos Silva como diretor associado, em substituição e no impedimento do professor Aluísio Ferreira Vieira. Em seguida, o senhor diretor fez palavras de elogio ao funcionamento desta escola, principalmente no que se refere à expedição de diplomas, lembrando que o êxito desta ordem administrativa é, em grande parte, fruto da dedicação da senhora secretária Tereza Ferreira Müller. Retomando os avisos, pediu que os senhores professores atendessem rigorosamente o horário de entrada e saída das aulas, bem como que não enviassem alunos à sala dos professores, com a finalidade de apertarem objetos além disso, devido à falta de inspetores de alunos solicitou a colaboração dos senhores professores no tocante à disciplina nas classes e corredores. Um outro assunto enfocado: a reposição de aulas. Esta não pode se constituir em "acumulação de aulas", portanto deve ser feita em horário especial. Quanto às faltas por doença, lembrou que, para serem abonadas, o atestado médico, com a chancela do INAMPS deve ser entregue até quarenta e oito horas, após a ausência do professor. Também falou da alteração na data do exame de seleção: vinte e vinte e um de dezembro. Em seguida, reiterou o pedido feito pelo diretor associado no que se refere à observância das datas para a entrega das notas. Afirmando também que o memorial,

Figura 40

Emunssi
~~delegado~~
 Alencar
 Eduardo Quint

Lucas
 José V.P. Maria José Carvalho
 Jan.
 L. H. H.

Ata da décima quarta reunião pedagógica do corpo docente do Colégio Técnico de Limeira da UNICAMP no dia 11 de fevereiro de 1980, na sala 163, deste estabelecimento, às 10h, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico de Limeira, sob a presidência do Senhor Diretor Dr. Antonio Prince Rodrigues. Iniciando a reunião o senhor presidente convidou a mim, Maria José Ciarrochi Ferruzzi, para secretariar os trabalhos e solicitou a leitura da ata anterior que, aprovada, foi assinada pelos presentes. A seguir o Sr. diretor passou a presidência da reunião para o Sr. Prof. Maurício do Carmo Silva que, primeiramente, fez comentários sobre o planejamento, explicando que para que houvesse maior entrosamento entre as disciplinas haveria professores-coordenadores para as disciplinas técnicas dos diferentes cursos. Seriam o professor Paulo Darnis Tunussi coordenará as matérias técnicas do curso de Edificação, a professora Clarice Gorge, do curso de Enfermagem, o professor Bildo Berto será o coordenador do curso de Mecânica e o prof. José Rinaldo Bertolini, do curso de Estradas. O Sr. presidente esclareceu ainda que para a obtenção de aulas seria seguida uma escala que foi apresentada aos senhores professores. Antes de encerrar a reunião o prof. Luiz Eduardo Quint

Figura 42

pediu a palavra para propor um encontro de confraternização no dia 1º de março p.f., sendo passada uma lista para adesão. Dada mais havendo a tratar o sr. presidente encerrou a presente reunião da qual eu, Maria José Terugga, lavrei a presente ata que se lida e julgada conforme será assinada pelos professores presentes. Lameira, 1 de fevereiro de 1980. Maria José Terugga.

[Signature]
J. W. Miller

[Signature]

[Signature]

Maria José Terugga

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

[Signature]

Figura 43

Ata da décima quinta Reunião Pedagógica do corpo docente do Colégio Lúcio de Lima, da Universidade Estadual de Campinas, no dia 14 de fevereiro de 1981, às 9.30 horas, na sala 163 deste estabelecimento, reuniu-se o corpo docente do Colégio Lúcio de Lima, sob a presidência do Sr. Antônio Prince Rodrigues, diretor. Desistiram de comparecer à reunião os seguintes professores: Anacleto Geminiano Gallet, Divaldo Ferrari e Edie Brusantim. Iniciando a reunião, o senhor presidente falou aos presentes, com imenso pesar, do desaparecimento do Professor Eloutor Zeferino Vaz, fundador e ex-reitor da Universidade de Campinas. A seguir, comunicou aos professores que este ano o Colégio manterá o mesmo número de classes existentes o ano passado, e em princípio, caberá a cada professor o mesmo número de aulas, não haverá portanto, diminuição salarial. Salientou também, que a distribuição das aulas será realizada pelos próprios professores, como de costume, ao final da reunião. Dando prosseguimento à reunião, solicitou a Dona Neusa Ferreira Müller, secretária, que desse ciência aos presentes, do calendário escolar para 1981. Tomando a palavra, a sua secretária comunicou aos professores, as datas de início e término do ano letivo, os feriados, salientando então que neste ano não haverá a interrupção de aulas por ocasião da Semana da Pátria. A seguir, o senhor presidente colocou a palavra à disposição dos presentes. De imediato, o professor Paulo Lami Lunissi se manifestou, sugerindo ao Sr. Antônio Prince Rodrigues sobre a remuneração

Figura 44

7 da hora-atividade. O senhor presidente, em
a resposta, disse que essa seria uma das decisões
7 que a comissão eleita pelo Conselho diretor de-
a ra resolver até março. Sendo sequência à reunião
s o senhor presidente passou a direção dos traba-
lhos ao Professor Alcísio Ferreira Vieira, diretor
7 Associado, que apresentou aos presentes algu-
mas sugestões de trabalho didático-pedagógi-
co para o ano letivo. Sugeri que as reuniões
pedagógicas fossem realizadas trimestralmente, que
se fizessem palestras no início das aulas, por pro-
fessores de cultura geral e cultura específica, ex-
plicando aos novos alunos no que consiste o
curso ora realizado. Sugeri ainda que, no
segundo semestre, fossem realizadas visitas às es-
colas de 1º grau, com o objetivo de promover nos-
sos cursos. Prosseguindo, solicitou aos professores que
realizassem seus planejamentos didáticos durante
os dias 18, 19 e 20 do corrente, sem contudo de-
terminar horários, deixando-os a livre arbitrio
dos docentes. Comunicou que o horário deste ano
será em princípio semelhante ao do ano passa-
do, podendo apenas ocorrer algumas alterações
atendendo às novas disponibilidades dos professores.
Tomando a palavra, o Professor Paulo Lemir Lu-
nisi, solicitou em nome dos professores, que a
direção providenciase um pedido à Universidade,
para a instalação do curso de Edificações, no
prédio noturno. A seguir, o Professor Alcísio
entregou aos professores a previsão de aulas
para que esses procedessem à distribuição
entre os interessados. Ao término desta, deu
por encerrada a reunião, da qual eu,vidua

Figura 45

Avan Buri, orientadora educacional, lavrei a
presente ata que, lida e achada conforme, será
assinada pelos signatários presentes. Limeira, 17
de Fevereiro de 1981. J. Buri

Flora Buri
M. Buri

mpady.
L. Buri

Luiz Buri

João Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Luiz Buri

Ata da décima sexta Reunião Pedagógica do Corpo Docente do Colégio
Técnico de Limeira, da Universidade Estadual de Campinas. No dia vinte

Figura 46

de maio de mil novecentos e oitenta e um, às 9:30 horas, na sala 16 deste estabelecimento, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico de Limeria, sob a presidência do Senhor Diretor Dr. Antonio Prince Rodrigues. Deixaram de comparecer à reunião os seguintes professores: Alvaro Grazioli, Ana Carolina Xavier Fernandes, Belisário Leite de Barros, Carlos Francisco Carita, Edie Branstén, Fernando Dário, Ilacyr Luís Gualazzi, José Luiz Rodrigues, José Vilmar Simonetti, Jerondio Rampim, Lívia Della Colletta, Miguel G. de Araújo, Paulo Sérgio Saran, Paul Catyri Imanishi, Sérgio Braga, Tarcisio Tordeolo de Aguiar, Valdo Ferrari, Vladimir Manoel Mingotte. Inicialmente, o senhor presidente fez considerações referentes à situação salarial dos professores desta Escola, apresentando a solução final adotada pelos órgãos superiores da Universidade a respeito do assunto. A seguir pediu a colaboração de todos para que, num trabalho conjunto, possa ser conseguida maior elevação de nível do Colégio Técnico. A base para este trabalho deveria ser maior observância do Regimento Interno referente ao Corpo Docente. O senhor diretor salientou a necessidade dos professores terem como meta "informar formando", estando sempre atentos ao modo pelo qual o aluno responde, positivo ou negativo, que cada qual representa em relação aos alunos. Para tanto, fez a leitura do Regimento Interno referente ao Corpo Docente, salientando itens a respeito dos deveres dos professores: manter atualizados conhecimentos relativos à sua especialização; proceder de forma que seu comportamento sirva de exemplo à conduta dos alunos; proceder à avaliação do rendimento dos alunos usando os objetivos propostos; corrigir, dentro dos prazos propostos, as provas e trabalhos escolares e entregar na Secretaria, até o 5º dia útil após o término de período, as relações de notas e frequências dos alunos; manter a disciplina em classe e colaborar como serviço de Orientação Educacional nos assuntos referentes à conduta e aproveitamento dos alunos; comunicar à Diretoria todas as irregularidades que ocorram no Colégio quando delas tiver conhecimento; colaborar como serviço de Coordenação Pedagógica nos assuntos referentes ao desenvolvimento dos planos e metodologia de ensino, avaliação e recuperação. O senhor diretor salientou ainda que os professores ausentes às reuniões ou nos dias de aulas préstas, deverão apresentar justificativa imediatamente ao retornarem. As faltas preventivas deverão ser comunicadas à direção com antecedência. Por seguindo a reunião, o senhor presidente informou que a partir de 25 de

Figura 47

de Ata da décima citava reuniões pedagógicas do corpo docente do Colégio Técnico de Almeida, da Universidade Estadual de Campinas. No quarto dia do mês de março de 1953, às 9h de 30 min, na sala 163, deste estabelecimento, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico de Almeida, sob a presidência do seu diretor Sr. Antonio Prince Rodrigues. Quisaram de comparecer à reunião os seguintes professores: Sr. Carlos Francisco Carita, Celestino Mikami, Edie Brusantini, Eugênio Marco Vellar, Fernando Lúcio, José Luiz Rodrigues, Juander Rampin, Paulo Samir Lunissi, Paulo Sérgio Laran, Raul Catayá Granishi, Sérgio Braga, Tarcísio de Dello de Iguaçu, Uvaldo Ferrari, Wladimir Manoel Munget, Waldemar Mattos Silveira, Cláudio Pereira Gorga, Pedro Leite de Barros, Miguel Guazille de Houjo. Inicialmente, o seu diretor lastimou a ausência de grande parte do corpo docente. A seguir arrolou questões de ordem didático-pedagógica dizendo que a função do professor é educar o aluno através da informação e formação, tanto através do exemplo do seu cumprimento do dever. Prosseguindo o seu diretor exigiu pontualidade ao trabalho docente. Sobre o assunto "formar e educando" a secretária "Id hoc" teve comentários à respeito da problemática da correção de provas em classe, esclarecendo que na hipótese de correção os alunos deveriam ser informados que corrigir provas em classe, um dos objetivos deste trabalho seria fixação dos exercícios e conscientização de seus erros e acertos e na hipótese de tal ocorrer, justificaria, também, esta atitude pelo fato deste Colégio não pagar hora atividade, conforme ocorre nos estabelecimentos da Secretaria da Educação e Colégio Técnico de Campinas da Universidade Estadual de Campinas cujo horário é utilizado para correção, preparo de provas e exercícios, atividades estas realizadas extra-classe.

Figura 49

Proseguindo, o senhor Diretor disse que a assiduidade do aluno é indispensável e a presença moral do mestre para dirimir dúvidas é indispensável e importantíssima. A seguir solicitou que a assinatura do ponto deveria ser feita na entrada e saída do período. Continuando a reunião, o senhor Diretor disse que não é permitido juntar classes para ministrar aulas ao mesmo tempo. Em casos excepcionais levar a direção a problemática para resolução da mesma. Antecipação das aulas poderá ser feita se não houver prejuízo para outras classes. Informar aos alunos que há de proibir fumar no estabelecimento. A entrega de notas deverá ser feita até o quinto dia útil para que as mesmas sejam passadas nas fichas dos alunos e reuniões de Pais e Mestres sejam realizadas bimestralmente. Proseguindo, o senhor Diretor participou o novo cargo de Orientadora Educacional da Pedagoga Maria Mercedes Radiz que possui qualificação para tal. O senhor Diretor disse que deveria ser colocado na sala dos professores, calendário para que sejam marcadas as reuniões da segunda quinzena de cada bimestre, ficando proibidas duas reuniões "pisadas" num mesmo dia. Fez uso da palavra o professor Rinaldo Reibolin, o qual solicitou relacionamento mais afetivo por parte do senhor Diretor. O professor Sérgio Lordello Duarte sugeriu que a direção promovesse o nome da Escola através da imprensa local, colocando relação nominal dos nossos alunos que entraram nas faixas. A professora Maria José da Carvalho prosseguiu dando andamento à reunião dizendo que através de exemplos estava fazendo trabalho em formar condutas disciplinares nos alunos mostrando como devemos agir para continuar mantendo a escola limpa. Professor Nireu Spaziante sugeriu que se fizesse festa de encerramento.

Figura 50

Esta foi a primeira reunião pedagógica do Corpo Docente do Colégio Técnico de Rimeira, da Universidade Estadual de Campinas. No dia 25 de fevereiro de 1984, às 9 horas e trinta minutos, na sala setenta deste Estabelecimento, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico de Rimeira sob a presidência do Senhor Diretor Dr. Antonio Prince Rodrigues. Descreveram de compacer a reunião os seguintes professores: Aloisio Ferreira Teira, Arake Gummuchian Gales, Edie Brunsantini, Elvira Cori Inanishi, José Antonio Villman, Maria José Liavochi Peruzzi, Maurilo do Carmo Silva, Raul Batiji Inanishi, Sérgio Braga e Tivaldo Ferrari. O Senhor Diretor iniciou a reunião apresentando o novo Diretor Assessorado do Colégio Técnico, Professor Edmilson Simões e dizendo de sua escolha acertada e de sua satisfação em tê-lo como auxiliar na tarefa educativa. Continuou, apresentando os professores contratados recentemente, são os seguintes: Anita Mendes Aleixo, Antonio Tardulci de Quintal, Carlos Alberto Alvarez Lute, Luis Eduardo Castro Quintão, Silvia Aparecida Mikami e Vinícius Magri. O Senhor Diretor cumprimentou-os, dando-lhes boas vindas. Referiu-se depois, aos Coordenadores das áreas: Mecânica, professor Alvaro Giacoli; Edificação, professor Paulo Sérgio Saran; Estradas, professor José Reinaldo Bertolini e Enfermagem, professora Clarice Pereira Gorga, designando suas funções no setor de Coordenação: planejamentos, materiais, reuniões para embasamento de áreas, programar, apresentação de relatórios, orientação aos alunos, contratação de estagiários para alunos, avaliar e opinar sobre a aprovação dos relatórios, auxiliar na direção da Escola e manter contato com os alunos esclarecendo dúvidas. Prosseguiu, dizendo da satisfação de ter na Escola, o Secretário da Educação e Cultura do Município, professor Larcio Lordello de Aguiar, nomeado pelo Prefeito municipal. Continuou a

Figura 52

A
d reunião explicando sobre as horas-atividade, que elas
d irão ser feitas à vontade do professor, alertou os professores
3. sobre a assinatura do ponto na entrada e saída das
a aulas. Explicou ainda, a respeito das faltas e reposição de
o aulas, as quais devem ser providenciadas imediatamente
a após a falta. Esclareceu sobre as faltas dos alunos que
2 fazem o Tiro de Guerra, os mesmos são dispensados das
C aulas mediante do atestado do Tiro de guerra. Comentou
E também, que cada professor deverá combinar com os alunos
p e arrecadar o material que irá usar durante o ano:
; sulfite, apostilas, etc... Prosseguindo, disse que o uso do telefone
d é restrito a casos especiais, e, continuou com o próximo assunto
u que foi sobre o lanche do noturno, o qual será servido na
L cozinha. Entusiasmado, o Sr. Diretor falou sobre suas metas:
o a primeira, uma oficina que será instalada no Colégio
d Técnico para melhor proveito dos estudos. O Sr. Diretor pediu
d a colaboração de todos e, em especial, do professor Alvaro Gra
e cioli, membro integrado na Indústria; a segunda é a conquista
a da Direção da Escola por um dos professores, o qual será designado
T. através de uma lista sextupla. Fez agradecimentos aos profes
t sues que colaboraram na elaboração do horário; perguntou
t ao professor Dirceu sobre a formatura de 1984, o qual demonstrou
d boa vontade em ajudar. Falou em seguida de uma confraterni
zação entre os professores, sendo apurado por todos os present
d Continuar a reunião pedindo à Orientadora Educacional e
l aos professores uma Reunião de Pais e mestres por bimestre, se
e do necessário, a entrega das notas em tempo hábil. Avisou
; que teremos uma reunião mensal para tratarmos de assun
c tos referentes à Escola e aos alunos em geral. O Senhor
c Diretor deixou a palavra livre, e fazendo uso dela, o prof.
d sor Edmilson agradeceu e pediu a colaboração de todos.
g O professor Sarcísio também falou em agradecimento ao Senhor
Diretor e cumprimentou-o pela escolha do Professor Edmilson.

Figura 53

laro os pedidos. A seguir, comentou sobre a formatura endo-
 a parte solene cont com comemoração e todo corpo docente
 dele estar presente por ser um ato oficial. O professor Edi-
 milson pediu os Diários de Classes do ano passado
 para serem lidos pelo Diretor da escola. Em seguida,
 passou a palavra o Supervisor D. Gilder, a qual iniciou
 agradecendo as palavras de elogio de Sr. Diretor Dr.
 Antonio Prince Rodrigues e se colocou a disposição dos
 professores para perguntas ou dúvidas. Continuou di-
 zendo que gosta muito da parte pedagógica e que foi
 muito trabalhosa a organização do Colégio. Foi como
 defensora dos alunos da classe que toda atenção dos profe-
 sores deve estar centrado nos alunos, na maneira de como
 passar os conhecimentos ao aluno e sua utilização na
 vida prática futura. Comentou sobre o meta da Secretaria
 da Educação, que é a melhoria do nível escolar, pediu
 que cada professor trace objetivos diretos, precisos e que o
 professor trabalhe em torno desses objetivos reais. Conscienti-
 zar-se de que as necessidades dos alunos mudaram e que
 a escola tem que se auto-avaliar através dos seus
 professores. Procurar no final de ano fazer uma avaliação
 do que foi produzido no ano anterior e o que não foi. Os
 professores do Colégio Técnico por receberem alunos entre
 14 e 15 anos, têm além de informar, formar esses ado-
 lescentes. A escola é heterogênea na sua essência
 devido a diversos fatores de recebimento de alunos,
 escolas diversas, cidades também. Os professores devem
 considerar essas diferenças e satisfazer as necessidades
 dos alunos, não as do professor. A avaliação diagnós-
 tica, somativa e, através dela o professor deve ter consciên-
 ça do aluno que ele tem em mãos. Ensinar é um ato
 de amor e devemos procurar não errar porque estamos
 trabalhando com elementos humanos. De cada professor

Figura 56

At
d. se auto-avaliasse no sentido de ser aquele professor
d. que ele gostaria para seu filho, o professor realmente
3. seria um bom educador, um bom formador. Se se
c. conseguisse esse intuito, seria um grande passo dentro
a da questão educacional. Quanto à avaliação, o aluno precisa
a dela para saber se está apto e se realmente entendeu o
r conteúdo, e professor dele fazer fa. dige, a avaliação bem feita,
c de acordo com os objetivos básicos do conteúdo e não fazer
E a avaliação para cumprir normas ou satisfação pessoal.
{ A avaliação é feita para a classe e não para um número
reduzido de alunos. Se mais ou menos 40% de uma classe
não vai bem, algo está errado. O professor Sérgio, fez
uma ap.arte, dizendo que recebemos alunos com atitude
de estudo e como fazemos para enquadrá-los, pois
temos que prepará-los profissionalmente. Dona Gilda
respondeu que temos que fazer uma retomada dos
aspectos básicos, um planejamento integrado em função
dos objetivos traçados. Lizou da palavra o professor Ede-
milson Simões dizendo que na matemática anteriormente
houve esse entrelaçamento. A professora Inês Elizabete
disse estar havendo em sua disciplina esse acordo co-
l os professores de uma forma assistemática. O professor
Vilmar perguntou quando deveria ser feito esse planeja-
mento, uma vez que não conhecemos a clientela. Dona
Gilda respondeu que o planejamento deve ser feito após
d o conhecimento da clientela e, bimestralmente deve-se
g estruturar e avaliar esse planejamento. O professor
percebe quando há dúvidas nos alunos. O professor
E. Edie perguntou se a Direção de Ensino está conseguindo
m detectar as falhas e Dona Gilda respondeu que o depen-
d: são da rede sem condições, condições que o professor tem
dentro da escola e o professor Edie continuou pergun-
tando porque as Escolas particulares têm melhores

Figura 57

curros, e a perseguição foi para refletir, pois, os mesmos
 cursos das escolas particulares são os do Estado. O
 exercício de nossa profissão foi nossa escolha. O pro-
 fessor deve ter ideal e satisfação do professor, ver
 seus alunos se saindo bem, se realizando no mercado
 de trabalho e, o professor tem um potencial muito gran-
 de para contribuir para essa realização e isso é
 muito melhor que o salário. Para completar o professor
 Paulo Sérgio Saram, disse dos efeitos práticos e das
 reuniões de professores e da abertura dessas reuniões no decorrer
 dos anos. Que todos aqui do C.T.L. estão sempre procurando
 melhorar apesar do salário, pois, a satisfação pessoal em
 estar fazendo algo pelos alunos é muito importante e isso
 ajuda muito o professor a crescer. Dona Gilda se sentiu
 muito grata pelas palavras do professor e disse que era jus-
 tamente isso que ela queria dizer, fazendo dela as palavras
 do professor, e, nada mais havendo a tratar, encorreu a reu-
 nião da qual eu, Magali Gonçalves de Oliveira Mata, lavrei a
 presente ata, que se lida e julgada, conforme será assinada
 pelos presentes.

Primeira 28 de fevereiro de 1985. Magali Gonçalves

Antônio Frederico de Jesus

Leonardo
 Benedito Guimarães
 Henrique
 Luciano
 Silva

Amir
 Amílcar
 José
 Maria de Jesus
 Manoel
 Maria de Jesus
 Maria de Jesus
 Maria de Jesus
 Maria de Jesus

Figura 58

Ata da 3ª reunião

[Handwritten signatures]
 Almeida
 Almeida
 Almeida
 Almeida

[Handwritten signatures]
 Almeida
 Almeida
 Almeida
 Almeida

Ata da segunda reunião pedagógica do corpo docente do Colégio Técnico de Limeira, da Universidade Estadual de Campinas, realizada neste ano de 1985.

Aos cinco (5) dias do mês de dezembro do ano de 1985 às 8:00 horas, na sala 163, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico de Limeira, sob a presidência do Sr. Dr. Antonio Prince Rodrigues. Composto a mesa pelos Srs. Dr. Antonio Prince Rodrigues, Prof. Edemilson Gomes e secretário Nery Ferreira Müller, foi iniciada a reunião. Tendo o Sr. Diretor procedido a leitura do artigos 57 e 58 dos Estatutos do Colégio, que trata da convocação do Conselho de Professores, e fim de que possam solucionar os casos concretos de caráter pedagógico que surgirem no Colégio. Após, tiveram breves comentários sobre a formatura de nossos alunos, que pretendem, este ano, homenagear o Colégio, e, sob o "slogan" - "Inesquecível Colit", prestar homenagem ao corpo docente e administrativo do Colégio.

Em seguida, alegou ter havido reiteradas reclamações de alunos das 3ª séries acerca de notas e faltas, o que levou o Diretor a examinar caso por caso, logrando verificar, por exemplo, o caso de aluno reprovado em uma só matéria; o caso, por exemplo, de um aluno que contraiu moléstia infecto-contagiosa.

Figura 59

Assim, colocou a apreciação do Conselho a situação seguinte: - "Vamos apreciar, em reunião extraordinária, os casos dos alunos das 3^{as} séries? Pelos professores presentes foi respondida afirmativamente - perguntado, passando, então a discutir, logo a discussão dos fatos concretos.

- 1^o) aluno Evandro Negucci - retido por notas e faltas (3^o B - n^o 5)
- 2^o) Silvio Rangel de Oliveira - 3^o B - retido
- 3^o) Luciene de Souza - n^o 10, 3^o C - o conselho decidiu por sua reavaliação.
- 4^o) Valir Ferreira Junior - (Enfermeiro), reprovado em quatro (4) matérias, o conselho decidiu sua reavaliação em Química, deixando-o em recuperação nas demais matérias.
- 5^o) Carlos Roberto Moraes - retido em Matemática e outras matérias. O Prof. Quintal de Matemática, colocou a solução por parte do Conselho, que, por seu turno, decidiu pela reprovação do aluno. (3^o F, n^o 4)
- 6^o) Valdenir Cardoso Dias (3^o F, n^o 29) - retido em Matemática e em recuperação em outras três (3) matérias. Decisão: ficou em dependência de Matemática;
- 7^o) José Carlos Morato - (3^o F - n^o 13) - retido em Matemática, Decisão: sugerido e aceita sua reavaliação.
- 8^o) Mauro Jun Góti - retido em Matemática. Decisão: a sua reavaliação. (3^o G - n^o 22)
- 9^o) Sri Oswaldo Baloni Filho - retido em Matemática. Decisão: reprovado.
- 10^o) Djalma Aparecido Benedito - retido em Matemática e outras matérias. Decisão: fare

Figura 60

recuperação e ficaria em dependência nas matérias de Matemática e Eletrotécnica; (3º B, n. 5)

11º) Geraldo Aparecido Dias Antuzzi (3º G, n. 7) - retido em Matemática - Decisão: dependência na matéria de Matemática.

12º) José Gilberto Scandola - retido em Matemática e em recuperação em outras matérias. Decisão: Reprovado. (3º B, n. 13)

13º) José Renato Rê - (3º G, n. 15) - retido em Matemática e em recuperação em outras matérias. Decisão: reprovado.

14º) Luís Carlos Bueno - retido em Matemática. Decisão: reavaliação na referida disciplina; (3º G, n. 18)

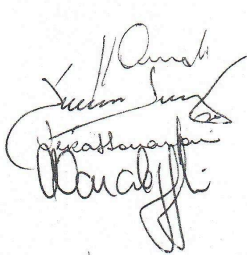
15º) Mauri Wood (3º G - n. 21) - retido em Matemática e em recuperação em outras matérias. Decisão: reavaliação em Matemática.

6º) Gerson Roberto Jacom - (3º H, n. 8) - retido em Matemática. Decisão: deve ser reavaliado.

A seguir, encerrando, o Sr. Dr. Antonio Rino Rodrigues lembrou o caso do aluno Marcelo Georgim, n. 18, do 3º F, que deveria ser avaliado por trabalhos, uma vez que sua frequência as aulas não é permitida.

Dado - palavra ao Conselho, para o assunto em pauta, falou o Professor Rivaldo Bertholini que deveriam ter sido estudados, da mesma forma, as demais séries, o que foi rebatido pelo Sr. Diretor, alegando que a presente tomada de posição foi feita em virtude da necessidade de urgência com relação às 3ª séries. Não mais havendo o ser tratado, foi encerrada a reunião,

Figura 61

Esta foi a primeira reunião pedagógica do segundo semestre entre o Corpo Docente do Colégio Técnico de Lins, da Universidade Estadual de Campinas. No dia 1º de agosto de 1986, às dezesseis horas e trinta minutos, na sala cento e oitenta e quatro deste Estabelecimento, reuniu-se o corpo docente do Colégio Técnico de Lins, sob a presidência do Senhor Diretor Professor Edmilson Simões. O Senhor Diretor iniciou a reunião apresentando alguns professores novos: Daniel Elzer Penzga e Marcelo Della Coletta. Em seguida, chamou a atenção sobre o horário dos alunos do noturno, que os professores tenham rigidez no horário de entrada e saída durante as aulas, resultaria em benefício à disciplina da Escola. Pediu colaboração dos professores quanto à conservação do patrimônio, que ajudem a fiscalizar carteiras quebradas, portas, fechaduras, etc... Em seguida, o Diretor associado, Professor Orlando Rincioni Filho explicou que as carteiras estão marcadas no verso, e que cada cor representa uma sala, portanto, quando forem levadas a outras classes deverão retornar à sala a que pertencem. O Diretor retomou a palavra e enfatizou o problema da entrega das notas na secretaria; pediu para que os professores colaborassem e entreguem as folhas no prazo designado pela secretaria, para que não cause problema quanto à Reunião de Pais. Pediu a alguns professores para que acertem folhas irregulares que estão na secretaria. O Diretor, em seguida, se

Figura 63

referiu aos Programas de Ensino, os quais deverão ser entregues no mês de agosto, e, se propôr favorável às reuniões por áreas de disciplinas para o próximo ano, onde os professores deverão elaborar um programa executável e de acordo com a clientela escolar. Pediu aos professores para que entreguem os diários do ano passado, e anexam sempre em ordem os diários atuais. Cobrou dos professores a relação de material para melhor desenvolvimento das aulas; salientou que a escola tem muito material a ser explorado. A biblioteca ficará aberta à noite para atender aos alunos do curso noturno. O Diretor continuou a reunião, salientando a importância de um Conselho de Escola para ajudar a resolver e desenvolver os programas internos. A professora Ana Carolina colocou que, o Conselho de Escola não deverá interferir na aprovação do aluno por uma disciplina, mas o professor Paulo não concordou, já o professor Antonio Buiroz concordou, e explicou que a professora quis dizer que alguns professores por não concordarem em diminuir o nível, deixam o aluno se sentir desanimado. Na conclusão final ficou que os professores devem minimizar as falhas para a melhoria da Escola. O professor Rinaldo salientou a importância de um exemplar do Regimento na sala dos professores, e que também os alunos, tenham conhecimento dele. Sugereu que a cada bimestre nós tivermos uma semana de prova, esta marcada pela Direção; as demais avaliações deverão ser feitas de acordo com o critério de cada professor. O Diretor, retomando a palavra pediu adequação quanto ao uso do vídeo cassete, que seja usado na presença do responsável e com o título do filme que vai passar. Outro assunto levantado foi sobre a repensação de aulas, será elaborada uma lista na sala dos professores para que os professores providenciem o material para repô-las. Informou-nos também, de que a Universidade Abert

Figura 64

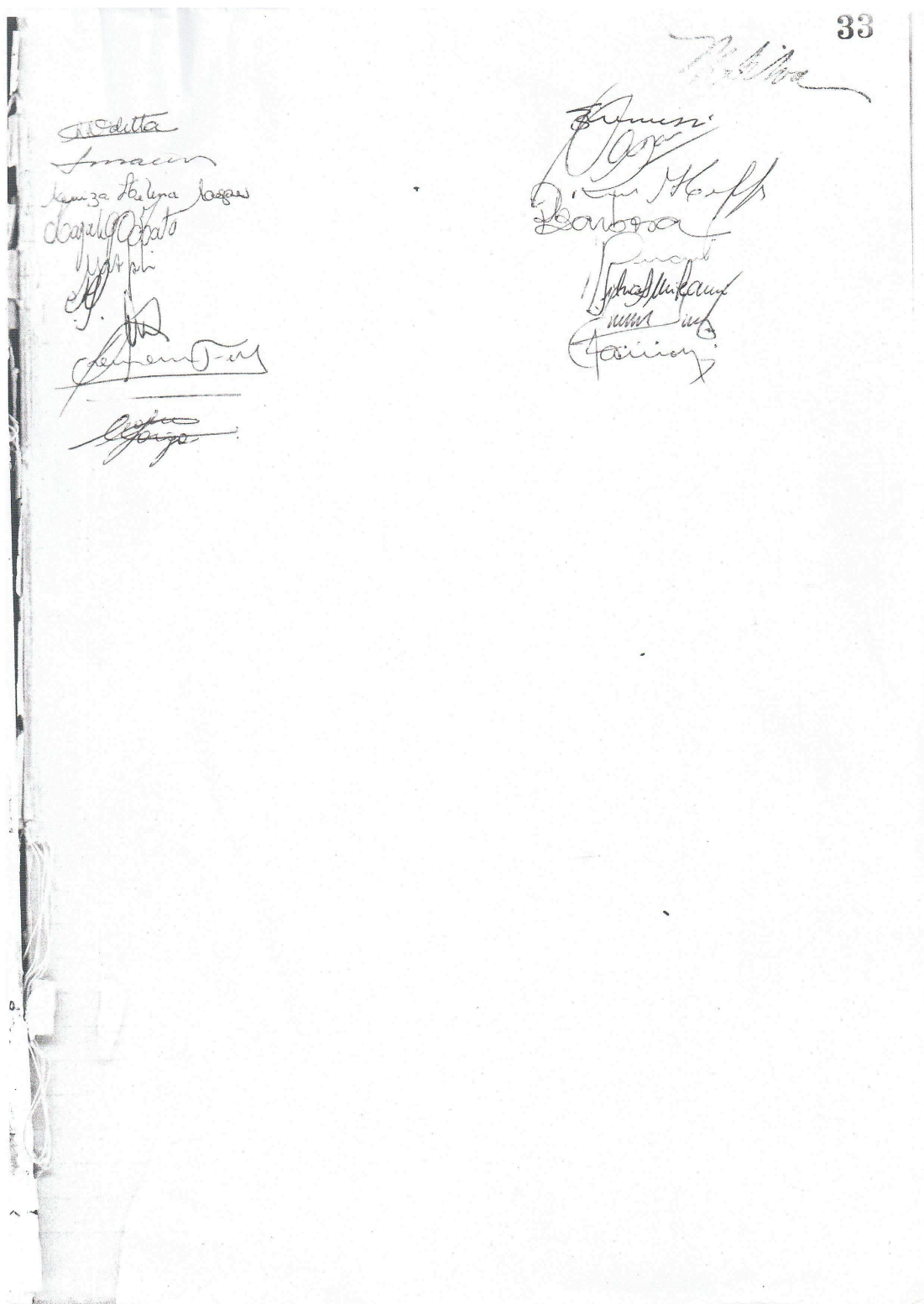


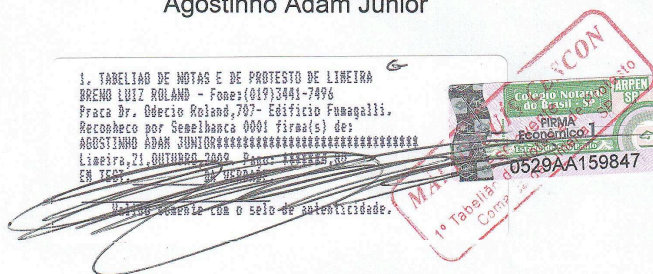
Figura 66

CARTA DE CESSÃO

Eu, Agostinho Adam Júnior, casado, possuidor do R.G. Nº 5.352.491-3, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia 07 de Março de 2008, para Murilo França Tabosa para usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, desde a data presente. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Agostinho Adam Júnior



ANEXO 5: Carta de Cessão – Professor Edenilson Simões

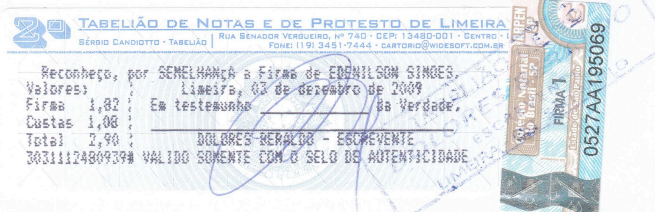
CARTA DE CESSÃO

Limeira, 03 de dezembro de 2009.

Eu, Edenilson Simões, casado, possuidor do R.G. Nº 5050722, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia 04 de junho de 2008, para Murilo França Tabosa para usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, desde a data presente. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.


Edenilson Simões



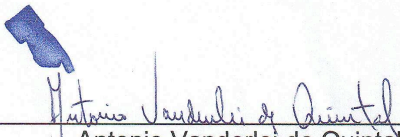
ANEXO 6: Carta de Cessão – Professor Antonio Vanderlei de Quintal

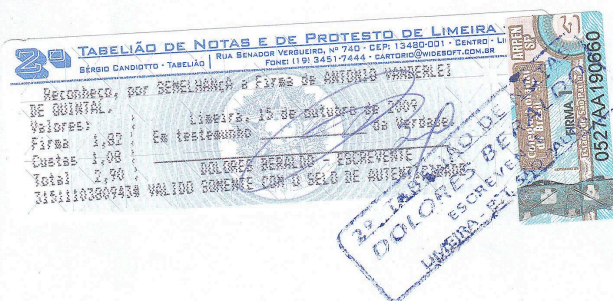
CARTA DE CESSÃO

Limeira, 13 de outubro de 2009.

Eu, Antonio Vanderlei de Quintal, casado, possuidor do R.G. Nº 4.207.984-6, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia 04 de junho de 2008, para Murilo França Tabosa para usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, desde a data presente. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.


Antonio Vanderlei de Quintal



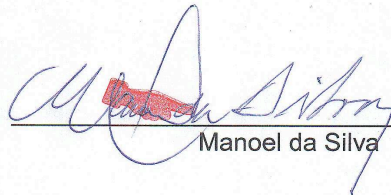
ANEXO 7: Carta de Cessão – Professor Manoel da Silva

CARTA DE CESSÃO

Limeira, ____ de 22 OUT. 2009 de 2009.

Eu, Manoel da Silva, casado, possuidor do R.G. Nº 3347802, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia 10 de Dezembro de 2008, para Murilo França Tabosa para usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, desde a data presente. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.


Manoel da Silva



CARTA DE CESSÃO

Limeira, 29 de setembro de 2009.

Eu, Luiz Carlos Zacharias, casado, possuidor do R.G. Nº 4.995.846, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia 14 de dezembro de 2007, para Murilo França Tabosa para usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, desde a data presente. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Luiz Carlos Zacharias

1. TABELIAO DE NOTAS E DE PROTESTO DE LIMEIRA
 SENHOR LUIZ ROLAND - Fone: (019) 3041-7496
 Praça Dr. Odecio Roland, 707 - Edifício Fumagalli.
 Reconheço por Semelhança 0001 firma(s) de:
 LUIZ CARLOS ZACHARIAS *****
 Limeira, 21, OUTUBRO, 2009. Paga: ***** 00
 EN TEST. 20 OUTUBRO

Assinatura sobre o selo de autenticidade.

